

MARIA LÚCIA VIEIRA

O NICOLAU, UM JORNAL CULTURAL

VOLUME IV

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Literatura Brasileira, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Édison José da Costa

CURITIBA

1999

CAPÍTULO XXI

TRADUÇÃO

*A tradução é o veículo
indispensável do intercâmbio
entre os povos porque não é
possível ao homem culto dominar
todos os idiomas.*

(Goethe - Nicolau, nº 52, p.
10)

OS AMERICANOS

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

Cinco poetas de San Francisco da Califórnia/EUA, que fazem da poesia um ritual de encontro com o sensível, representam hoje o que há de mais avançado na epifania norte-americana.

Jim GOVE (n. 1933)

**On watching a girl
behind the counter
at Kinkos**

there is no wisdom
in intercourse

only the beat
of blood

the coming
of stones

bones cracking

the sun

**Olhando uma garota
atrás do balcão
do Kinkos**

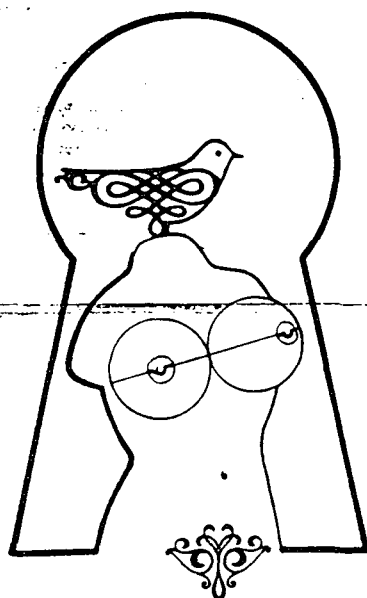
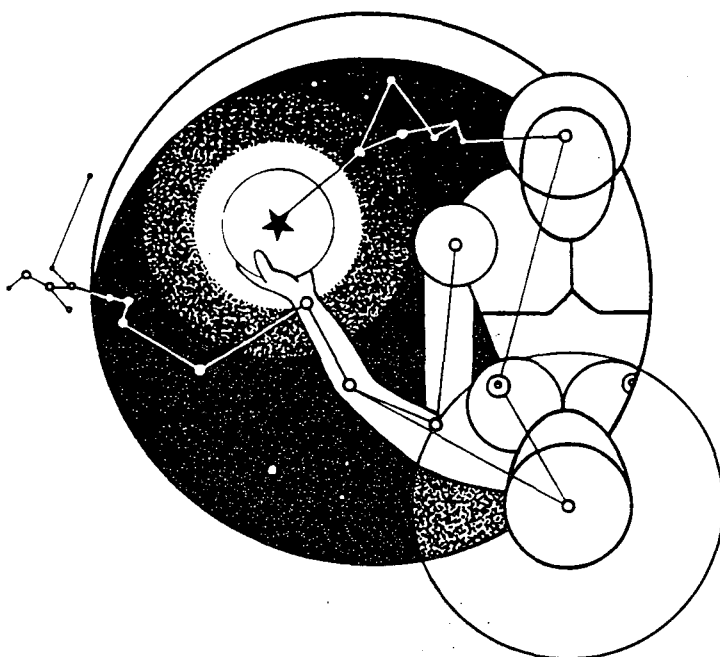
não há sabedoria
no coito

apenas o pulsar
do sangue

a vinda
de pedras

ossos quebrando

o sol



William TALCOTT (n. 1936)

The function of art
for Jesse Helms

I never spied on my sister
but once we spent the day
at the Louvre.

We especially liked
the painting of Leda
opening her legs to a bird.

Venus di Milo was okay too.
Then we went back to the hotel
& tucked our brains out.

A função da arte
para Jesse Helms

Eu nunca havia espiado minha irmã
mas uma vez passamos o dia
no Louvre.

Gostamos principalmente
da pintura de Leda
que abria as pernas para um pássaro.

A Vênus de Milo sensual também era.
Então voltamos para o hotel
e imaginamos a bruta flor do tóder.

Dark angels

In love we meet through choices
in a limbo of confusion
to consecrate the present
the only triumph.

Shaped by pasts we select
to learn from, oriented,
disoriented by experiences
we come to clinging
to inviolable pros and icons
longing to put our feet by family
simply, crudely,
it is necessary to accept
the dark angels tomorrows promise.

We journey from dark into dark
on our own feet
drawn by the first Spring
odors of narcissus and hyacinth.

Some future moment waits on this:
how we can weigh frenzy in the fruit.

Anjos negros

Através de escolhas, nos encontramos — no amor —
num limbo de confusão
para consagrar o agora
como único triunfo.

Sombreados pelas memórias selecionamos
aprendizagens, orientados,
desorientados pelas experiências
chegamos a nos apegar
aos invioláveis pros e contras
esperando colocar nossos pés na trilha ancestral
simplesmente, cruelmente,
é necessário aceitar
as promessas dos anjos negros.

Viajamos até o fundo do abismo
com a luz de nossos próprios pés
— drogados pela primeira Primavera —
odorados de narciso e jacinto.

A espera se concentra nisto:
como podemos pesar o frenesi na fruta.



The rose

We sleep within our tight bud of world
Enfolded
A dream
Armored against the golden Light.

Round about the great white orbs of rainbow
Rose
Srun each budded Rose.
Until bud spring to life.

And that deep fragrance... opening, wafting,
And channeling as gold touch gold.

A rosa

Dormimos dentro da minúscula flôra do mundo
Desdobramos
Um sonho
Protegidos contra o lúmen solar.

Ao redor da imensa urbe ocular do arco-íris
Rosa
Ensudecida cada Rosa em botão.
Até que o botão se abraça para a vida.

E aquele aroma profundo... aberto, fluindo,
Navegando um ouro que tocasse o ouro.



The lizard

A slender mosaic
of nerve — lit stone —
I longed to feel

its frantic raspy squiggle
inside the hot box of my hand.

but instead, I had
to imagine the touch
of those rough scales
flattening smoothly
under my thumb
as the lizard ran
from the moist shadow
of my spread fingers
and disappeared
into an angled cave
of piled rock.

A lagartixa

Um fino mosaico
de nervos — pedra iluminada —
cobicei sentir

seu inquieto giro
dentro da caixa ardente de minha mão.

mas em vez disso imaginei
o tonto toque de
escamas ásperas
achataadas suavemente
sob minha thumb
enquanto a lagartixa corria
da sombra molhada
de meus dedos esparramados
e desaparecia
dentro de uma cova angular
de pedras empilhadas.

Edward MYCUE (n. 1937)

Beisy FORD (n. 1939)

Elizabeth HURST (n. 1950)

california dreams

Os cinco californianos, traduzidos aqui, pela primeira vez, em língua portuguesa, pertencem ao grupo de poesia Dark Angels, de importância singular nos EUA. Estes poetas se caracterizam por valorizar a cor das palavras, as imagens eróticas e a leveza verbal, o que os aproxima de um lirismo à Sylvia Plath, Emily Dickinson ou William Carlos Williams. Os Dark Angels estão ligados ao que há de mais contemporâneo em seu país, o que levou Norman Mailer a dizer: "A poesia da Califórnia é marcada por gestos e ações, em especial a que se faz em San Francisco. É uma poesia que faz da os ritmos pobres, as derivações teóricas, os modernismos, e se atém apenas ao núcleo do que pulsa no cotidiano ou nas visões".

seleção especial de Edward Mycue para Nicolau

tradução de Haroldo de Lima Bittencourt

HAROLDO DE LIMA BITTENCOURT, 30, nasceu em Jundiaí/SP. Formado em Jornalismo pela Unicamp/SP, é autor, entre outros, dos livros *Teoria da Chave Gótica* e *Anais dos Olhos de Deus*.

TRADUÇÃO: ÍNDICE ALFABÉTICO DE COLABORADORES

AMÉLIA, Anna, VI (nº 44): 32, jul., ago. 92. William Shakespeare.

ASCHER, Nelson. *Derek Walcott, perfume negro*. VI (nº 48): 26, 27, maio, jun. 93.

Os poemas são do Antilhamo Derek Walcott, Nobel de 92 - reaviva discursos clássicos e acorda a pedra do sono.

BACK, Sylvio. *Sonhos de Langston Hughes*. IV (nº 35): 8, 9, out., nov. 90.

Langston Hughes (1902-1967) é um dos maiores poetas norte-americanos do século.

BAPTISTA, Josely Vianna. Luli Miranda. *Ayvu Rendy Vera: O Canto Resplandecente*. I (nº 5): 24, nov. 87.

El canto resplandecente - Ayvu rendy vera (compilação, prólogo e notas de C.M. Gamba. Buenos Aires, Ediciones del sol, 1984. Edição patrocinada pela Universidad de Misiones, reúne parte dos ricos mitos Mbà compilados).

———, *Sobre poesia*. I (nº 1): 9, jul. 87.

Traduz a conferência feita no Congresso Cultural de La Habana em janeiro de 1968, proferida por José Lezama Lima (La Habana, 1910-1976).

———, *O Mito Nasuc*. II (n° 18): 18, 19, dez. 88.

Literatura oral de uma das etnias do Chaco Paraguaio.

———, *As Tias* (Néstor Perlongher). III (n° 23): 7, maio 89.

"As Tias"- do argênteo barroco Néstor Perlongher, nascido num subúrbio industrial de Buenos Aires em 1949.

———, *Ne'~eng: A palavra Alma dos Mbya- Guaraní*. II (n° 14): 17, ago. 88.

Canto do rico acervo mitopoético Mbiyá - Guaraní.

BAPTISTA, Josely Vianna e José Antônio Arantes. *Vista do Amanhecer no Trópico*. II (n° 13): 10, 11, jul. 88.

Sob as lentes de um de seus mais maduros escritores, Guillermo Cabrera Infante, a Ilha de Cuba se mostra história também feita de fracassos, naufrágios, frágeis heróis.

BARCELLOS, Liane e Hassan Hussein el Hojeiri. *Um sopro vindo de Bagdá*. V (n° 38): 23 abr., maio 91.

Poeta: Abdel Wahhab Al-Bayati, nascido em Bagdá no ano de 1926.

BERNARDINI, Aurora Fornoni. *Sobre uma carta não-escrita*. III (nº 27): 25, set., out., nov. 89.

Tradução de um poema de Eugênio Mortale (Gênova - 1876/Milão-1981). Ensaísta, crítico de música e literatura, poeta.

———, *Dante Alighieri*. VII (nº 52): 10, 11, mar., abr. 94.

A escritura de Dante Alighieri é obra prima de efeitos lingüísticos do séc. XII.

———, *Nas Veias*. IV (nº 33): 28, 29 maio, jun., jul. 90.

Poemas de Giuseppe Ungaretti (Alexandria 1888- Milão 1970).

BITTENCOURT, Haroldo de. *Os Americanos*. V (nº 40): 10, 11, ago., set. 91.

Cinco poetas de San Francisco da Califórnia/EUA representam hoje o que há de mais avançado na epifania norte-americana. Jim Gove, *1933; William Talcott, *1936; Edward Myeue, *1937; Elizabeth Hurst *1950 e Betsy Ford, *1939.

BRAGA, Rubem. *Poesias e Vinhos do Chile*. I (n° 3): 9, set. 87.

Concurso de tradução nas páginas de manchete. Poema escolhido: soneto de Gabriela Mistral, "El niño solo".

Tradução de Agmar Murgel Dutra.

BRAND, Jaques Mario. *Luis de Góngora y Argote*. (Córdoba, España 1561-1627). II (n° 19): 17, jan. 89.

———, *William Shakespeare (Stratford-on-Avon - Inglaterra)*.

III (n° 23): 25, maio 89.

BUENO, Wilson e Fernando Karl. *Agnosco Veteris Vestigia Flamae*. VI (n° 47): 10 mar., abr. 93.

Poema traduzido de Roberto Echavarren-Uruguaí.

CAMPOS, Augusto de. *E.E Cummings (1931) Poeta Norte Americano: Edward Eastlin Cummings (1894-1962)*. III (n° 22): 13, abr. 89.

———, *Mallarmé (1842-1898)*. VI (n° 50): 32, set., out. 93.

———, *Irmãos Germanos*. VII (n° 54): 8, 9, jul., ago. 94

Augusto de Campos refaz o imaginário de cinco dos maiores poetas alemães dos séculos XVIII, XIX e XX:

Morgenstern, Christian (1871-1914).

Arno Holz (1863-1929).

Rilke, Rainer Maria (1875-1926).

Hofmannsthal Hugo Von (1874-1929)

Hölderlin, Friedrich (1770-1843)

CARONE, Modesto. *Kafka*. VI (n° 46): 32, nov., dez. 92.

CHEREM, Lúcia; Carlos Dala Stella. *Henri Michaux, Severas Plumas*. VI (n° 45): 10, 11, set., out. 92.

A escritura do poeta belga Henri Michaux (1899-1984) desregrou o sentido do poema no século XX.

DIETZ, Lidia Renate. *História em quadrinhos de Hans Nöbauer* VI (n° 46): 26-28, nov., dez. 92.

DONNE, John. III (n° 24): 28, jun. 89.

Fragmento da *Prece para situação-limite*.

DUTRA, Murgel Agnar. I (n° 3): 9, set. 87. Gabriela Mistral (El niño solo).

GATTI, José. Whitman, Walt. *Quando soube no fim do dia*. VI (n° 51): 32, nov., dez. 93.

GODOY, Elena Luiz, Heitor Guimarães e Ephrain Gottard. *Alarme do corpo, Escrevia no negro da lousa, Passeio a primeira neve*. V (nº 39): 10, 11, jun., jul. 91.

Em tradução rigorosamente inédita para a língua portuguesa, três russos: Vladimir Maiakovski (Bagdádi/URSS, 19 julho, 1893), Marina Tsvetáeva (Moscou/URSS, 8, out. de 1892), Serguei Essênin (Constantinovo/URSS, 3, out. de 1895).

GRÜNEWALD, José Lino. *John Keats: Quando tenho temores*. II (nº 14): 19, ago. 88.

GUIMARÃES, Denise. *Nas Asas da Tradução. Um Corvo Magnífico. Desses que não se fabricam mais*. I (nº 7): 9, jan. 88.

Comenta alguns pontos da proposta dos transcriutores, dotados de verdadeira energia icônica. A tradução criativa, segundo Haroldo de Campos, um gênio do assunto, "não é piedosa nem memorial: ela intenta, no limite, a rasura da origem: a obliteração do original".

GUTIÉRREZ, Rachel. *Poema traduzido*. IV (nº 32): 17, abr. 90.

Poema de Rainer Maria Rilke (nascido em Praga, em 4 de dezembro de 1875 e morto em Valmont, na Suíça, em 29 de dezembro de 1926).

JARDIM, Reinaldo e Marília Silveira. I (nº 4): 12, 13, out. 87. Edgar Allan Poe. Tradução do poema *O Corvo*.

LEMINSKI, Paulo. *Joyce, Finnegans Wake*. I (nº 12): 20, 21, jun. 88.

Paulo apresenta sua versão de um fragmento dessa obra quase intraduzível do genial escritor irlandês.

———, e Josely Vianna Baptista. III (nº 25): 23, jul. 89. Walter Savage (Warwick 1775, Florença 1864).

———, III (nº 25): jun. 89. Adam Mickiewicz (1798).

LINK, Rudolph. *Os Argentinos*. V (nº 39): 18, 19, jun., jul. 91.

Tradução de cinco poetas que representam, hoje, o que há de mais contemporâneo na lírica argentina. Francisco Madariaga *1927; Carlos Barbarito,*1955; Marcelo Di Marco,*1957; Santiago Espel,*1960 e Matias Serra Bradford, *1969.

LÜCK, Semíramis. *Wolfgang Amadeus Mozart. Cartas Inéditas*. VI (nº 46): 18, nov., dez. 92.

LOPES, Rodrigo Garcia. *Shiki*. I (nº 10): 22, 23, abr. 88.

Em Londrina, norte do Paraná, dois produtores e tradutores de poesia se orientam e recriam, partindo diretamente do original japonês, alguns poemas de Shiki, que com Issa, Buson e o mestre Matsuo Bashô é pedra preciosa no sísmico subsolo da mais tradicional forma poética da terra do sol nascente, o haiku.

——, William Carlos Willians. I (n° 4): 9, out. 87.

Willian Carlos Willians nasceu a 17 de setembro de 1883 em Rutherford, New Jersey, onde exerceu a medicina até a sua morte, em 63. W.C.W., reconhecido como um dos maiores poetas norte-americanos deste século, ao lado de Pound, E. E. Cummings, Wallace Stevens e Sylvia Plath.

——, e Maurício Arruda Mendonça. *Sylvia Plath, Delírio Lapidado*. II (n° 15): 20, 21, set. 88.

Garcia Lopes e Maurício, poetas londrinenses vêm trabalhando na tradução de toda obra de Sylvia Plath, poeta confessional.

——, *William Shakespeare. Ezra Pound*. III (n° 23): 25, maio 89.

——, *A Poesia Pacífica de Gary Snyder*. III (n° 26): 12, 13, ago. 89.

Gary Snyder, poeta norte-americano, vive em Sierras, Califórnia. É uma das vozes mais autênticas da poesia norte-americana produzida de 60 para cá.

MARTINS, Floriano. *Virgil Teodoresco: Dois Poemas*. II (nº 17): 20, 21, nov. 88.

Possivelmente o melhor poeta romeno (1909).

———, Severo Sarduy. I (nº 11): 20, 21, maio 88.

A apresentação da matéria é de Josely Vianna Baptista; Litogravura de Leonor Fini (Hilaria). Severo Sarduy nasceu em Camagüey, Ilha de Cuba é autor de *Gestos* 1963, *De donde son los Cantantes* (1967); *Escrito sobre um Cuerpo* (1969); *Cobra* (1972)...

———, Sutra. VI (nº 47): 10, mar., abr. 93.

Poema traduzido de José Kozier-Cuba.

MENDONÇA, Maurício Arruda. *Ballata IV Guido Cavalcanti*. I (nº 9): 24, mar. 88.

Guido Cavalcanti (1250-1300), amigo íntimo de Dante, compôs cerca de 50 poemas no vulgar toscano - investigações sobre o amor embebidas de platonismo e melancolia.

——, Rodrigo Garcia Lopes. *Rimbaud, Umas férias no inferno. Une Saison en Enfer*. III (n° 20): 22, 23, fev. 89.

——, Nenpuku Sato. *O sonhador no campo de algodão*. VI (n° 48): 10-13, maio, jun. 93.

Nenpuku Sato (1898-1979), mestre japonês do haikai no Brasil.

——, Po Chü-I, *sonhos de um céu chinês*. VII (n° 53): 22-25, maio, jun. 94.

Poeta chinês que, para Ezra Pound, era o "céu mais oculto do mel". (Transluciferação).

MENEZES, Philadelpho. *Catulo. Canto V*. VII (n° 53): 32, maio, jun. 94.

——, VI (n° 43): 26, 27, maio, jun. 92. Fernando Pessoa.

NETO, Ignácio Dotto. *Natureza Morta*. VI (n° 47): 10, mar., abr. 93.

Poema traduzido de Mohammad Khallaf - Egito.

NETO, Miguel Sanches. *O Jarro de Flores*. III (n° 28): 19, dez. 89.

José Juan Tablada. (Cidade do México, 1871-1945). Estréia no Modernismo (período em que corresponde ao nosso simbolismo.)

NETO, Miguel Sanches ; Li Ping. *Li Tai Po*. IV (nº 36): 28, 29, dez. 90/jan. 91.

Li Tai Po (Sichuan -701, Anhui -762) foi um dos maiores poetas da China.

NICOLAU. John Donne. III (nº 24): 28, jun. 89.

———, VII (nº 49) 32, jul., ago. 93. Pushkin - Trad. do poema: *O profeta*.

PAES, José Paulo. *Hölderlin*. V (nº 37): 18, 19, fev., maio, 91.

Hölderlin (1770 -1843) - poeta alemão, veio a ser conhecido como um dos grandes líricos de todos os tempos.

———, *Háris Vlavianós*. V (nº 41): 14, 15, out., nov. 91.

Háris Vlavianós, nascido em 1957 pertence a geração mais nova da poesia grega, a dos anos 80.

———, *Soneto*. VI (nº 47): 10, mar., abr. 93.

Poema traduzido de Pietro Bembo-Itália.

PALÁCIOS, Ariel. *Satoris para o Cego do Labirinto*. III (nº 21): 20, 21, mar. 89.

17 Haiku de Jorge Luis Borges

——, e Rettamozo. *Tradução de Haikai inédito de Borges*. III (nº 22): 2, abr. 88.

PERDIGÃO, Noemi. *Teu amigo, o vampiro*. IV (nº 30): 6, 7, fev. 90.

Ao lado de Baudelaire e Rimbaud, Lautréamont é um dos autores que mais influenciou a moderna poesia francesa. (Isidore Ducasse, conde de Lautréamont, Montevideu, 1846 - Paris, 1870).

PUGLIELLI, Hélio de Freitas. *Os Italianos*. V (nº 38): 8-10, abr., maio 91.

Panorâmica da melhor poesia contemporânea da Itália, com seleção especial de Gio Ferri.

RAMOS, Péricles da Silva. *Safo*. VI (nº 47): 32, mar., abr. 92.

RUIZ, Alice. *Issa Kobayashi*. I (nº 1): 21, jul. 87.

Poeta Issa Kobayashi nasceu em Shinano, pequena ilha japonesa de Honshu.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Simbioses Poéticas* (Leminski tradutor).

III (nº 25): 24, 25, jul. 89.

Mostra o sofisticado trabalho tradutório do hábil fabro Leminski que polia de Mishima a Beckett (e outras pedras-de-toque), com o raro rigor criativo.

TAVARES, Braulio. *O poema Caleidoscópio de Lewis Carroll*. III

(nº 26): 22, 23, ago. 89.

Lewis Carroll (1832- 1898), matemático e escritor inglês, é famoso pelos seus livros *Alice no País das Maravilhas* e *Alice através do Espelho*. Poema traduzido "Jabberwocky", composto numa linguagem de sonho.

TREVISAN, João Silvério. *A paixão Segundo Borges*. IV (nº 29):

17, jan. 90.

Tradução de um poema de Borges: *O suicida*, que faz parte do livro *A Rosa Profunda*, de 1975.

TREVISAN, João Silvério; Philadelpho Menezes, Leopoldo Scherner, José Lino Grünewald e José Paulo Paes. *Amor Bendito*.

VI (nº 43): 26, 27, maio, jun. 92.

"Cinco dos nossos maiores tradutores transiluminam a tensão antiga do amor na literatura universal: Fernando

Pessoa, Goethe, Pierre de Ronsard, San Juan de La Cruz,
Maria Roussou Maya (Poesia Transnacional)."

TSVETÁEVA, Marina. Boris Schnaiderman, Nelson Ascher. *Pushkin*.
VI (nº 49): 32, jul., ago. 93.

WOJCIECHOWSKI, Thadeu. Roberto Prado e Alberto Centurião de
Carvalho. *Tao, a seda inexistente de Lao - tsé*. VI (nº 49):
23-25, jul., ago. 93.

Tradução de Thadeu Wojciechowski, Roberto Prado e Alberto
Centurião de Carvalho.

VIRALOBOS, Sérgio; Thadeu Wojciechowski e Mauro Prado. *O
Inferno (fragmento)*. IV (nº 31): 12, 13, mar. 90.

Tradução e adaptação do poema: *O Inferno*, de Dante
Alighieri.

XAVIER, Valêncio. *O Corvo*. I (nº 4): 12, 13, out. 87.

Tradução feita por Reynaldo Jardim e Silveira Marilú com
ilustrações de Poty.

TRADUÇÃO: ÍNDICE ALFABÉTICO DE AUTORES TRADUZIDOS

AL-BAYATI, Abdel Wahhab. *Tempestade de Fogo*. V (nº 38): 23, abr, maio 91.

Tradução de Liane Barcellos e Hassan Hussein el Hojeiri.

ALIGHIERI, Dante. *Rimas Dúbias, Inferno-Canto V, Purgatório Canto XXIV; Paraíso Canto XXXIII*. VII (nº 52): 10, 11, mar., abr. 94.

Tradução de Aurora F. Bernardini.

———, *O inferno (fragmento)*. IV (nº 31): 12, 13, mar. 90.

Tradução e Adaptação de Sérgio Viralobos, Thadeu Wojciechowski e Marcos Prado.

ARGOTE, Luis de Góngora Y. III (nº 19): 17, jan. 89.

Tradução de Jaques Mario Brand.

BEMBO, Pietro. (*Itália*). VI (nº 47): 10, mar., abr. 93.

BORGES, Jorge Luis. IV (nº 29): 17, jan. 90.

O suicida.

Tradução de João Silvério Trevisan.

———, III (n°21): 20, 21, mar. 89.

17 Haiku.

Tradução de Ariel Palácios.

———, *Haikai*. III (n°22): 2, abr. 88.

Tradução de Ariel Palácios e Rettamozo.

CABRERA, Guilherme Infante. *Vista do Amanhecer nos Trópicos*. I (n° 3): 10, 11, jul. 88.

CARROL, Lewis. *Jabberwocky*. III (n° 26): 22, 23, ago. 89.

Tradução de Bráulio Tavares.

CATULO. *Canto V*. VII (n° 53): 32, maio, jun. 94.

Tradução portuguesa do italiano: Philadelpho Menezes.

CAVALCANTI, Guido. I (n° 9): 24, mar. 88.

Ballata IV.

Tradução: Maurício Arruda.

CUMMINGS, E. E. III (n° 22): 13, abr. 89.

Tradução de Augusto de Campos.

DONNE, John. III (n° 24): 28, jun. 89. Fragmento da *Prece para situação limite*.

DUCASSE, Isidore, conde de Lautréamont. IV (nº30): 6, 7, fev. 90.

Teu amigo, o vampiro.

Tradução de Noemi Perdigão.

ECHAVARREN, Roberto. (Uruguai). Pietro Bembo (Itália), Mohammad Khallaf (Egito), José Kozer (Cuba). *Agnosco veteris vestigia flamae, Soneto, Naureza morta, Sutra*. VI (nº 47): 10, mar., abr. 93.

Tradutores: Wilson Bueno e Fernando Karl, José Paulo Paes, Ignácio Dotto Neto, Floriano Martins (respectivamente).

GOVE, Jim, William Talcott, Edward Mycue, Elizabeth Hurst, Betsy Ford. *Olhando uma garota atrás do balcão do Kinkos, A função da arte, Anjos negros, A lagartixa, A Rosa*. (Respectivamente). V (nº40): 10, 11, ago., set. 91.

Seleção especial de Edward Mycue para *Nicolau*. Tradução de Haroldo de Lima Bittencourt.

GRAMIGNA, Giuliano, Gilberto Finzi, Edoardo Sanguineti, (Os Italianos). *De anais, Da linha da vida*. V (nº 38): 8, 9, 10, abr., maio 91.

Transcrição de Hélio de Freitas Puglielli.

HÖLDERLIN, Friedrich. *Brevidade, As Parcas, Prece pelos incuráveis, as coisas mais íntimas, Canto do destino de Hiperión*. V (nº 37): 18, 19, fev., mar. 91.

Tradução e apresentação de José Paulo Paes.

HOLZ, Arno. VII (nº 54): 8, 9, jul., ago. 94.

Tradução de Augusto de Campos.

HUGHES, Langston. *Democracia, Esperança, Sonho*. IV (nº 35): 8, 9, out., nov. 90.

Tradução e apresentação de Sylvio Back.

HOFMANNSTHAL, Hugo Von. VII (nº 54): 8, 9, jul., ago. 94.

Tradução de Augusto de Campos.

INFANTE, Guillermo Cabrera. *Vista do amanhecer nos trópicos*. II (nº 13): 10, 11, jul. 88.

Tradução de Josely Vianna Baptista.

JOYCE, James. *O Finnegans Wake*. I (nº 12): 20, 21, jun. 88.

Tradução de Paulo Leminski.

KAFKA. *O Caminho para casa*. IV (nº 46): 32, nov., dez. 92.

Tradução de Modesto Carone.

KEATS, John. II (n° 14): 19, ago. 88.

Tradução de José Lino Grünewald.

KHALLAF, Mohammad. VI (n° 47): 10, mar., abr. 93. Trad.
Ignácio Dotto Neto.

KOBAYSHI, Issa. I (n° 1): 21, jul. 87.

Tradução: Alice Ruiz.

KOZER, José. VI (n° 47): 10, 15, mar., abr. 93.

Tradução: José Paulo Paes.

LANDOR, Walter Savage e Adam Mickiewicz. III (n° 25): 24, 25,
jul. 89.

Bitradução simultânea de Paulo Leminski e Josely Vianna
Baptista.

Apresentação de Boris Schnaiderman.

LAO-TSÉ. *Tao, Abraçando o absoluto, O princípio final, O
mérito da impersonalidade, Fazendo a lição, O fundo invisível
do olho.* VI (n° 49): 23-25, jul., ago. 93.

Tradução de Thadeu Wojciechowski, Roberto Prado e Alberto
Centurião de Carvalho.

LI TAI PO. *Bebendo a Luz da Lua, Uma Despedida, Numa Aldeia Ribeirinha, Poema em Quan Ling*. IV (nº 36): 28, 29, dez. 90/jan. 91.

Tradução e apresentação de Li Ping e Miguel Sanches Neto.

LIMA, Lezama. *Sobre Poesia*. I (nº 1): 9, jul. 87.

Tradução de Josely Vianna Baptista.

MADARIAGA, Francisco, Marcelo di Marco, Matias Serra Bradford, Carlos Barbarito, Santiago Espel (Poetas Argentinos). *Refém da Colina, Poema VI, Debaixo de suas costelas, Cantar de Cantares, Missas no Harlem*. V (nº 39): 18, 19, jun., jul. 91.

Tradução de Rudolph Link.

MAIAKOVSKI, Vladímir. Marina Tsvetáeva, Serguei Essênin, poetas russos. *Peguem!, Escrevia no negro da lousa*. (respectivamente). *Peguem, Passeio a primeira neve*. V (nº 39): 10, 11, jun., jul. 91.

Tradução literal de Elena Godoy e Luiz Heitor Guimarães, recriação livre de Ephraim Gottard.

MALLARMÉ. *Soneto en YX*. IV (nº 50): 32, set., out. 93.

Tradução de Augusto de Campos.

MBYÁ - Guaraní de Misiones. Ayvu Rendy Vera. *O Canto Resplandecente*. I (nº 5): 24, nov. 87.

Tradução: Luli Miranda, Josely Vianna Baptista

———, *Ñe'~eng*. II (nº 14): 17, ago. 88.

Tradução de Josely Vianna Baptista.

MICHAUX, Henri. *O mar, Alfabeto*. VI (nº 45): 10, 11, set., out. 92.

Tradutores: Lúcia Cherem e Carlos Dala Stella.

MISTRAL, Gabriela. *El niño solo*. I (nº 3): 9, set. 87.

Tradução de Agmar Murgel Dutra.

Apresentação: Rubem Braga.

MONTALE, Eugênio. *Sobre uma carta não-escrita*. III (nº 27): 25, set., out., nov. 89.

Tradução de Aurora Fornoni Bernardini.

MORGENSTERN, Christian, Holz Arno, Rainer Maria Rilke, Hugo Von Hofmannsthal, Friedrich Hölderlin. Poetas alemães dos séculos XVIII, XIX e XX. *Acerca de paus, Sou uma estrela, II, I, Balada da vida exterior, Outrora Deus julgava*, (Respectivamente.) VII (nº 54): 8, 9, jul., ago. 94.

Tradução de Augusto de Campos.

MOZART, Amadeus Wolfgang. *Cartas inéditas: A um desconhecido, A Constanze Mozart*. IV (n° 46): 18, nov., dez. 92.

Tradução de Semíramis Lück.

NASUC. II (n° 18): 18, 19, dez. 88.

Primeiro fragmento do mito Nasuc em nivacle, língua da família mataco, pertencente ao macrofio Jê-pano-Karib.

Texto e tradução Josely Vianna Baptista.

PERLONGHER, Néstor. *As Tias*. III (n° 23): 7, maio 89.

Tradução: Josely Vianna Baptista.

PESSOA, Fernando. Johann Wolfgang Goethe, San Juan de La Cruz. Mayda Maria Roussou, Pierre de Rousard. *Antínoo, Mesmo longe de tua amada..., Coplas da alma que pena por ver Deus, Ausência II, Quando fores bem velha...* (respectivamente). VI (n° 43): 26, 27, maio, jun. 92.

Tradução de Philadelpho Menezes, Leopoldo Scherner, João Silvério Trevisan, José Paulo Paes, José Lino Grunewald. (respectivamente).

PLATH, Sylvia. *Espelho, Auge, Ariel*. II (n° 15): 20, 21, set. 88.

Tradução: Rodrigo Garcia Lopes, Maurício Arruda Mendonça.

PO CHÜ-I. *Pelo Lago, Agitações ao acaso II, Sonhei subia o monte sung.* VII (nº 52) 10, 11, mar., abr. 94.

Tradução e análise literária de Maurício Arruda Mendonça.

POE, Edgar Allan. *O corvo.* I (nº 4): 12, 13, out. 87.

Tradução: Reynaldo Jardim e Marilú Silveira.

———, *O corvo.* I (nº 7): 9, jan. 88.

Versão: Reynaldo Jardim e Marilú Silveira.

Apresentação: Denise Guimarães.

PUSHKIN. *O Profeta.* IV (nº 49): 32, jul., ago. 93.

Tradução: Marina Tsvetáeva e Boris Schnaiderman, Nelson Ascher.

R.H.Blyth e Makoto Veda. *Haiku: Shiki.* I (nº 10): 22, 23, abr. 88.

Recriação: Rodrigo Garcia Lopes, Maurício Arruda Mendonça.

RILKE, Rainer Maria. IV (nº 32): 17, abr. 90.

Poema: *Wie die Vogel.*

RIMBAUND, Jean Arthur. *Vadiagem; Cabaré Verde, Delírios II, (fragmento), Vênus Anadiômene; Sangue Ruim, A eternidade*. III (n° 20): 22, 23, fev. 89.

Tradução: Maurício Arruda Mendonça, Rodrigo Garcia Lopes.

SARDUY, Severo. *Para árvore da Recoleta, Palavras do Buda em Sarnath*. I (n° 11): 20, 21, maio 88.

Tradução: Floriano Martins.

SAFO, VI (n° 47): 32, mar., abr. 92.

Tradução de Péricles da Silva Ramos.

SHAKESPEARE, William, Ezra Pound. III (n° 23): 25, maio 89.

Tradução: Rodrigo Garcia Lopes e Jaques Mario Brand.

SHIKI. I (n° 10): 22, 23, abr. 88.

SNYDER, Gary. *Mirante da Montanha Sourdough, Medos de Agosto, O que você devia saber para ser poeta. Sem sair de casa, Caminhada pelo desfiladeiro Totsugawa*. III (n° 26): 12, 13, ago. 89.

Apresentação e tradução: Rodrigo Garcia Lopes.

SATO, Nenpuku. *O sonhador no campo de algodão*. IV (n° 48): 10-14, maio, jun. 93.

Tradução de Maurício Arruda Mendonça.

TABLADA, José Juan. *O Jarro de Flores*. III (nº 28): 19, dez. 89.

Tradução de Miguel Sanches Neto.

TEODORESCU, Virgil. *Sob a linha de navegação dos barcos, O mais surdo*. II (nº 27): 20, 21, nov. 88.

Tradução: Floriano Martins.

UNGARETTI, Giuseppe. *Nas Veias, As Lembranças*. IV (nº 33): 28, 29, maio, jun., jul. 90.

Tradução de Aurora Fornoni Bernardini.

VLAVIANÓS, Háris. poeta grego. *A dádiva do tempo, Visibilidade zero, Dos cinco poemas para a sensibilidade burguesa*. V (nº 41): 14, 15, out., nov. 91.

Tradução e apresentação de José Paulo Paes.

WALCOTT, Derek. *Noite do Verão, Tobago, Um amor depois do outro, Finais*. IV (nº 48): 26, 27, maio, jun. 93.

Tradução de Nelson Ascher.

WILLIAMS, William Carlos. *Isso é só pra te dizer, Poema, O carrinho de mão vermelho*. I (nº 4): 9, out. 87.

Tradução: Rodrigo Garcia Lopes.

WITTMAN, Walt. *Quando soube no fim do dia*. VI (nº 51): 32,
nov., dez. 93.

Tradução de Gatti José.

TRADUÇÃO: ÍNDICE DE MATÉRIAS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO

NICOLAU I (n° 1): 9, jul. 87. *José Lezama Lima.*

Tradutora: Josely Vianna Baptista.

Traduz a conferência feita no Congresso Cultural de La Habana, janeiro 1968.

NICOLAU I (n° 1): 21, jul. 87. *Issa Kobayashi.*

Tradutora: Alice Ruiz.

Apresentou nove haicais do poeta japonês Issa Kobayashi, que apesar de ter tido uma vida marcada pela tragédia fez uma poesia com humor, uma poesia que aceitava a vida como ela se apresentava.

NICOLAU I (n° 3): 9, set. 87. *Gabriela Mistral, (El niño solo.)*

Tradutor: Agmar Murgel Dutra.

A tradução em questão foi selecionada por Rubem Braga, no Chile, tendo como, comissão julgadora, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Onestaldo de Penafort.

NICOLAU I (n° 4): 9, out. 87. *William Carlos Williams.*

Tradutor: Rodrigo Garcia Lopes.

Apresentou três poemas: *Isso é só para te dizer; Poema e O carrinho de mão vermelho* que apresentaram

características como concisão, retorno às coisas, influenciado pela poesia oriental (Haicais). Como os Haicais, o poeta assumindo as técnicas da fotografia, registrava os fatos num "flash", num olhar de relance, num registro rápido, ocorrendo o que ele chamava de "interpenetração".

NICOLAU I (nº 4): 12, 13, out. 87. *Edgar Allan Poe (Massachusetts, 1809-1849).*

Tradutores: Reynaldo Jardim e Marilú Silveira (Ilustração de Poty).

Apresentaram a tradução do poema *O Corvo*, solicitada por Valêncio Xavier para o filme homônimo, produzido por este escritor. Os tradutores, segundo Valêncio Xavier, conseguiram fidelidade ao ritmo, tornando-o possível de ser falado em "brasiliês".

NICOLAU I (nº 5): 24, nov. 87. *Ayvu Rendy Vera: o canto resplandecente. Plegária dos Mbyá - guarani de Misiones.*

Tradutoras: Luli Miranda e Josely Vianna Baptista.

Traduziram o poema *Plegária*, dos cantos míticos Mbyá, realizado por um pequeno grupo Mbyá, etnia indígena pertencente a uma das quatro parcialidades do tronco lingüístico guarani, que vive, em sua maioria, na região oriental do Paraguai, além de no Nordeste da Argentina e

Sul do Brasil. O objetivo foi resguardar os cantos ou hinos sagrados de caráter mágico-religioso.

NICOLAU I (nº 7): 9, jan. 88. *Edgar Allan Poe (Massachusetts, 1809-1849)*

Denise Guimarães.

Análise feita por Denise Guimarães, sobre a recriação do poema *The Raven*, feita por Reynaldo Jardim e Marilú Slveira, apresentada no *Nicolau* nº 4. "Eles operaram revelando o dom "transluciferativo", conforme Haroldo de Campos, recriando os versos, sem se preocuparem com a fidelidade ao sentido literal ou à forma original."

NICOLAU I (nº 9): 24, mar. 88. *Guido Cavalcanti (1250-1300).*

Tradutor: Maurício Arruda.

Apresentou o poema *Ballata IV*, escrito por Guido Cavalcanti, no vulgar toscano, fazendo investigações sobre o amor, cheio de platonismo e tristeza.

NICOLAU I (nº 10): 22, 23, abr. 88. *Shiki (1867-1902).*

Tradutores: Rodrigo Garcia Lopes e Maurício Arruda Mendonça.

Apresentaram seis "HaiKus", de Shiki, o mais influente poeta japonês depois de Bashô que devolveu a estes a dignidade perdida colocando-os dentro da modernidade.

NICOLAU I (nº 11): 20, 21, maio 88. *Severo Sarduy (Cuba, 1937).*

Tradutor: Floriano Martins.

Traduziu os poemas *Para a árvore da Recoleta, Palavras ao Buda em Sarnath.*

NICOLAU I (nº 12): 20, 21, jun. 88. *James Joyce (1882-1941).*

Tradutor: Paulo Leminski.

Analizou o livro *O Finnegans Wake* (1922) de James Joyce, e traduziu o trecho "Shem the Penman", onde se revelam algumas das concepções mais importantes de Joyce; no processo de tradução, além de traduzir os significados considerou também os significantes, sem o qual a tarefa seria considerada impossível.

NICOLAU II (nº 13): 10, 11, jul. 88. *Vista ao Amanhecer no Trópico.*

Tradução: Josely Vianna Baptista e Luli Miranda.

Sob as lentes de um de mais maduros escritores, Guilherme OEnfante Cabrera. Ilha de Cuba se mostra história, também feita de fracassos, naufrágios, frágeis heróis.

NICOLAU II (nº 14): 17, ago. 88. *N~eng. A Palavra alma dos Mbuyá-Guarani.*

Tradutora: Josely Vianna Baptista e Luli Miranda.

NICOLAU II (nº 14): 19, ago. 88. *John Keats (London, 1795-1821).*

Tradutor: José Lino Grünewald.

Traduziu *Quando tenho temores* de John Keats, que faz parte da antologia de *Grandes Poetas da Língua Inglesa do século XIX*, organizada e traduzida por José Lino, pela Nova Fronteira.

NICOLAU II (nº 15): 21, set. 88. *Sylvia Plath (EUA-1932).*

Tradutores: Rodrigo Garcia Lopes e Maurício Arruda Mendonça.

Traduziu os poemas *Ariel* e *Auge* da poeta Sylvia Plath, que teve sua poesia marcada por infelizes coincidências trágicas, tais como a morte do pai aos nove anos e que culminaria depois com o seu suicídio em 1963.

NICOLAU II (nº 17): 20, nov. 88. *Virgil Teodorescu (1909).*

Tradutor: Floriano Martins.

Apresentou a tradução do poema *Sob a linha de navegação dos barcos* e *O mais surdo*, do poeta surrealista romeno Virgil Teodorescu. Como poeta surrealista, seu poema está impregnado de imagens incongruentes, provocantes, buscando o maravilhoso, o mistério e sobrenatural.

NICOLAU II (nº 18): 18, 19, dez. 88. *O mito Nasuc.*

Tradutora: Josely Vianna Baptista e Luli Miranda.

Literatura oral de uma das etnias do chaco paraguaio.

NICOLAU II (nº 19): 17, jan. 89. *Luis de Góngora Y Argote (Córdoba, España 1561-1627).*

Tradutor: Jaques Mario Brand.

O poema sem título, de Góngora pertence ao estilo barroco que proliferou do séc. XVII até meados do séc. XVIII, onde imperava a exaltação dos sentimentos, contrariando a arte do Renascimento que pregava o predomínio da razão.

NICOLAU II (nº 20): 22, 23, fev. 89. *Rimbaud.*

Tradutores: Maurício Arruda Mendonça e Rodrigo Garcia Lopes.

Traduziram os poemas: *Cabaré Verde, Vadiagem, Vênus Anadiomêne, Sangue Ruim, A eternidade.* Nos poemas Rimbaud rompeu a forma tradicional do soneto, criando poemas precisos, um lance de dados na imaginação visual.

NICOLAU II (nº 21): 20, 21 mar. 88. *Jorge Luis Borges (Buenos Aires) (1899-1986).*

Tradutor: Ariel Palácios.

Tradução de 17 Kaikus de Jorge Luis Borges, considerado o pai do realismo fantástico. Os Kaikus traduzidos refletem as influências da poesia oriental que ele adaptou filtrado pela sua mística.

NICOLAU II (nº 22): 2, abr. 88. *Kai Kai*.

Tradução inédita de Rettamozo sobre tradução de Ariel Palácios de um Kaicai inédito de Jorge Luis Borges.

NICOLAU II (nº 22): 13, abr. 89. *E. E. Cummings - (Edward Eastlin Cummings, 1894-1962)*.

Tradutor: Augusto de Campos.

O poema apresentado foi retirado do livro *W(viva)*, que apresentou uma forma mais tradicional e lírica.

NICOLAU II (nº 23): 7, maio 89. *Néstor Perlongher*

Tradutora: Josely Vianna Baptista.

Traduz: As tiras do argentino barroco Néstor Perlongher, nascido num subúrbio industrial de Buenos Aires em 1949.

NICOLAU II (nº 23): 25, maio 89. *William Shakespeare (Stratford - on - Avon, Inglaterra)*

Tradução: Jaques Mario Brand. (Shakespeare).

NICOLAU II (n° 23): 25, maio 89. *Ezra Pound (Hailey 1885 - Veneza 1972)*.

Tradutor: Rodrigo Garcia Lopes.

Tradução do poema *Alba*.

NICOLAU III (n° 24): 28, jun. 89. *John Donne (Inglaterra 1572-1631)*.

Nicolau apresentou o fragmento da *Prece para situações-limite*, escrito durante uma febre, inverno de 1623.

NICOLAU III (n° 25): 24, 25, jul. 89. *Simbioses Poéticas*. Leminski tradutor.

Tradutor: Boris Schaiderman.

Mostra o sofisticado trabalho tradutório de Leminski.

NICOLAU III (n° 25): 25, jul. 89. *Walter Savage (Warwick 1775, Florença 1864)*.

Bitradução simultânea de Paulo Leminski e Josely Vianna Baptista.

Os exercícios apresentados, feitos no outono de 1989, tentaram preservar a simetria do poema-síntese do poeta Savage, autor de diversas obras: *Imaginary Conversations*, *Poems* e outros...

NICOLAU III (n° 25): 28, jun. 89. *Adam Mickiewicz (Nowogródek - 1798, Constantinopla, 1855)*.

Tradutor: Paulo Leminski.

Os versos traduzidos são fragmentos de um poema maior e figuram como epígrafe ao livro *Polonaises*, de Leminski.

NICOLAU III (nº 26): 12, 13, ago. 89. Gary Snyder (São Francisco - 1930).

Tradutor: Rodrigo Garcia Lopes.

Apresentou e traduziu os poemas: *Mirante da montanha Sourdough*, *Meados de agosto*, *O que você devia saber pra ser poeta*, *Sem sair de casa*, *Caminhada pelo desfiladeiro Totsugawa*, do poeta Gary Snyder, considerado pela crítica como uma das vozes mais autênticas da poesia norte-americana de 60 para cá.

NICOLAU III (nº 26): 12, 13, ago. 89. Lewis Carrol (1832-1898).

Tradutor: Braulio Tavares.

Traduziu os poemas *Javaleão*, *Jararacorvo*, o primeiro retirado do livro *Alice através do espelho*, composto de uma linguagem de sonho a base de trocadilhos, assonâncias, justaposições, aglutinações.

NICOLAU III (nº 27): 25, set., out., nov. 89. Eugênio Montale (Gênova 1876/Milão 1981).

Tradutora: Aurora Fornoni Bernardini.

O poema traduzido *Sobre uma carta não-escrita*, inédita em língua portuguesa, foi extraído do livro *Tutte le poesie* (Mondadori, 1977).

NICOLAU III (nº 28): 19, dez. 89. *O Jarro de Flores. José Juan Tablada (México, 1871-1945).*

Tradutor: Miguel Sanches Neto

Apresentou três haicais do poeta mexicano, inéditos em língua portuguesa.

NICOLAU IV (nº 29): 17, jan. 90. *A paixão segundo Jorge Luis Borges.*

Tradutor: João Silvério Trevisan.

Apresentou o poema: *O suicida* que faz parte do livro *A Rosa Profunda*, de 1975. O poema fala da paixão, um dos temas preferidos do poeta.

NICOLAU II (nº 30): 6, 7, fev. 90. *Teu amigo, o vampiro. Trad. Noemi H. B. Perdigão.*

Traduziu Lautréamont, um dos autores que mais influenciou a moderna poesia francesa.

NICOLAU IV (nº 31): 12, 13, mar. 90. *Dante Alighieri (1265-1321).*

Tradutores: Sérgio Viralobos, Thadeu Wojciechowski e Marcos Prado.

Adaptação criativa do poema *O Inferno*, (Canto I a IV), de Dante Alighieri, com acelerações do ritmo, adulterando a divisão dos cantos, sem no entanto, deixar de permanecer fiel à forma e ao esquema de rimas e aos tercetos.

NICOLAU IV (nº 32): 17, abr. 90. *Rainer Maria Rilke, (Praga, 1875/ Valmont, Suíça 1926).*

Tradutora: Rachel Gutiérrez.

Apresentou o poema *Wie die Vögel*, que faz parte do livro *Wege mit Rilke*, de Lou Albert - Lasard publicado por S. Fischer Verlag, de Frankfurt, 1952.

NICOLAU IV (nº 33): 28, 29, maio, jun., jul. 90. *Giuseppe Ungaretti, (Alexandria, 1888 - Milão 1970).*

Tradutora: Aurora Fornoni Bernardini.

Apresentou os poemas *Nas Veias*, *As Lembranças*, de Giuseppe Ungaretti, que integram o volume *Il Dolore* que reúne a produção poética de Ungaretti de 1937 a 1946, revelando uma maturidade poética, significando uma ruptura em relação ao ideal de pureza e de brevidade que caracteriza suas produções anteriores.

NICOLAU IV (nº 34): 8, 9, ago., set. 90. *Adam Mickiewicz (1798 - 1855)*.

Tradutores: Antônio Thadeu Wojciechowski e Sérgio Viralobos.

Recriação, síntese do poema *Antigamente eu vivia sonhando, hoje já nem durmo*, do poeta Adam Mickiewicz, introdutor do Romantismo na Polônia, que fez do amor o assunto de todos os seus poemas.

NICOLAU IV (nº 35): 8, 9, out., nov. 90. *Langston Hughes (1902-1967)*.

Tradutor: Sylvio Back.

Apresentou os poemas: *Democracia, Esperanças, Sonho*, do poeta Langston Hughes, extraídos de uma seleção feita pela autor pouco antes de sua morte. ("Select Poems", Vintage Books, New York 1974).

NICOLAU IV (nº 36): 28, 29, dez. 90/jan. 91. *Li Tai Po (Sichuan 701, Anhui 762)*.

Tradutores: Li Ping e Miguel Sanches Neto.

Apresentaram os poemas: *Bebendo à luz da lua; Uma despedida; Numa aldeia ribeirinha*, do poeta Li Tai Po, um dos maiores poetas da China. Na tradução, procuram atingir o máximo de literalidade, sem se aterem a nenhuma fórmula prefixada.

NICOLAU V (n° 37): 18, 19, fev., mar. 91. *Friedrich Hölderlin* (1770-1843).

Tradutor: José Paulo Paes.

Apresentou os poemas *Brevidade*, *Às Parcas*, *Canto do destino de Hiperión*, que pertencem ao ciclo de *Diotima* (1795-1798) e *Prece pelos incuráveis*, que conta da edição *Insel*, entre as estrofes rimadas, odes e outros poemas, sem qualquer indicação cronológica.

NICOLAU V (n° 38): 8, 9, abr., maio 91. *Giuliano Gramigna* (1920), *Gilberto Finzi* (1929), *Edoardo Sanguineti* (1930).

Tradutor: Hélio de Freitas Puglielli, seleção especial de Gio Ferri.

Transcrição dos poemas: *Anais* (Guiliano Gramigna); *Da linha da vida* (Gilberto Finzi); *Eterotopaegnia* (Edoardo Sanguineti) que pertenceram ao "Grupo 63" de poetas novíssimos rompendo contra o hermetismo e o neo-realismo, rejeitando a ordem linguística tornada servil pelo dogmatismo político, cultural e moral.

NICOLAU II (n° 38): 23, abr., maio 89. *Um sopro vindo de Bagdá*. Poeta Abdel Wahhab al Bagati.

Tradução Liane Barcellos e Hassan Hussein el Hojeiri.

Traduziu o poeta pertencente à geração mais nova da poesia grega, a dos anos 80.

NICOLAU V (nº 39): 10, 11, jun., jul. 91. *Vladimir Maiakowski* (*Bagdádi* - 1893). Marina Tsvetáeva (Moscou 1892), Serguei Essênin (Constantinovo - 1895).

Tradutores: Elena Godoy, Luiz Heitor Guimarães e Ephraim Gottard.

Tradução literal e recriação livre dos poemas: *Escrevia no negro da lousa* (Tsvetáeva) *Passeio a primeira neve* (Essênin); *Peguem!* (Maiakovski).

NICOLAU II (nº 39): 18, 19, jun., jul. 91. *Os Argentinos*.

Tradução de Rudolph Link.

Tradução de cinco poetas que representam hoje o que há de mais contemporâneo na lírica argentina: Faltas.

Francisco Madariaga (1927), Carlos Barbarito (1955); Marcelo Di Marco, (1957), Santiago Espel, (1960) e Matias Bradford (1969).

NICOLAU V (nº 40): 10, 11, ago., set. 91. *Jim Gove* (1933); *William Talcott* (1936). *Edward Mycue* (1937); *Betsy Ford* (1939); *Elisabeth Hurst* (1950). *California*.

Tradutores: Haroldo de Lima Bittencourt; seleção especial de Edward Mycue.

Tradução dos poemas: *Olhando uma garota atrás do balcão do Kinkos* (Gove); *A função da arte* (Talcott); *Anjos negros* (Mycue); *A rosa* (Ford) e *A lagartixa* (Hurst), que pertencem aos poetas do grupo "Dark Angels", de importância singular nos EUA; Valorizam a cor das palavras, as imagens eróticas e a leveza verbal.

NICOLAU V (nº 41): 14, 15, out., nov. 91. *Háris Vlavianós* (Grécia 1957).

Tradutor: José Paulo Paes.

Traduziu e apresentou quatro poemas: *A dádiva do tempo*; *Visibilidade zero*; *Dos cinco poemas para a sensibilidade burguesa*; de Háris Vlavianós pertencente à geração mais nova da poesia grega, dos anos 80.

NICOLAU VI (nº 43): 26, 27, maio, jun. 92. Fernando Pessoa, (tradução: Philadelpho Menezes); Johann Wolfgang Goethe (tradução: Leopoldo Scherner); Pierre de Ronsard (tradução: José Lino Grünewald); São Juan de la Cruz (tradução: João Silvério Trevisan); Máyda Maria Roussou (tradução: José Paulo Paes).

Traduziram e apresentaram os poemas: *Antínoo* (Pessoa), *Mesmo longe de tua amada* (Goethe); *Quando fores bem velha* (Ronsard); *Coplas da alma que pena por ver Deus* (São Juan

de la Cruz); *Ausência* (Máya Maria Roussou), que versavam sobre a tensão antiga do amor.

NICOLAU VI (nº 44): 32, jul., ago. 92. *William Shakespeare.*

Tradução: Anna Amélia.

Traduziu um fragmento de Hamlet: "Ser ou não ser, essa é que é a questão(...)"

NICOLAU VI (nº 45): 10, 11, set., out. 92. *Henri Michaux*
(1899-1984)

Tradutores: Lúcia Cherem e Carlos Dala Stella.

Revisitaram o poeta belga, Henri Michaux em dois poemas: *O mar; Alfabeto*, com características de poesia em prosa, expressando um pessimismo metafísico que revelava a grande dificuldade do poeta em se relacionar com as coisas, com os seres e consigo mesmo.

NICOLAU VI (nº 46): 18, nov., dez. 92. *Amadeus Wolfgang Mozart* (Salzburgo - 1756).

Tradutora: Semíramis Lück.

Expôs duas cartas inéditas de Mozart, datadas de 1791, uma endereçada à sua esposa e a outra a um desconhecido.

NICOLAU VI (nº 46): 26-28, nov., dez. 92. *Onkel Oskar*
(Pseudônimo literário de Hans Nöbauer).

Tradutora: Lidia Renate Dietz.

Mariana Huber localizou e apresentou as histórias em quadrinhos de Hans Nöbauer.

NICOLAU VI (nº 46): 32, nov., dez. 92. *Kafka*.

Tradutor: Modesto Carone.

NICOLAU II (nº 47): 10, mar. abr. 93. *Agnosco veteris vestigia flamae*.

Tradutores: Wilson Bueno e Fernando Karl.

Poema de Roberto Echavarren.

NICOLAU II (nº 47): 10, mar., abr. 93. *Soneto*.

Tradutor: José Paulo Paes.

Traduziu o poema *Soneto* de Pietro Bembo (Itália).

NICOLAU II (nº 47): 10, mar., abr. 93. *Sutra*.

Tradutor: Floriano Martins.

Traduziu o poema *Sutra* de José Kozier (Cuba).

NICOLAU II (nº 47): 10, mar., abr. 93. *Natureza morta*.

Tradutor: Ignácio Dotto Neto.

Traduziu o poema *Natureza morta* de Mohammad Khallaf (Egito).

NICOLAU VI (nº 47): 32, mar., abr. 93. *Safo*,

Tradutor: Pericles da Silva Ramos.

NICOLAU II (nº 48): 2, maio jun. 93. *O sonhador no campo de algodão*.

Tradutor: Floriano Martins, Traduziu poema de Nenpuku Sato (!898-1979), mestre japonês do haikai no Brasil.

NICOLAU VI (nº 48): 26, 27, maio, jun. 93. *Derek Walcott* (Prêmio Nobel de 92).

Tradutor: Nelson Ascher.

Traduziu os poemas: *Meio do verão*, *Tobago*, *Um amor depois do outro*, e *Finais*, de Derek Walcott, poeta antilhano, considerado a maior voz da língua inglesa.

NICOLAU VII (nº 49): 24, 25, jul., ago., 93. *Lao Tsé* (604 a. C.).

Tradutores: Thadeu Wojciechowski, Roberto Prado e Alberto Centurião de Carvalho.

Traduziu os poemas: *O princípio final*, *Abraçando o absoluto*, *O mérito da impersonalidade* e *Fazendo a lição* de Lao Tsé, que compilou em pergaminho cru, 5000 ideogramas daquilo que foi chamado Tao Te Ching, um dos livros básicos da filosofia chinesa conhecida como taoísmo.

NICOLAU VII (nº 49): 32, jul., ago. 93. *Pushkin (1799-1837)*.

Tradução do poema: *O Profeta*, apresentado pelo Nicolau.

NICOLAU VII (nº 50): 32, set., out., 93. *Mallarmé (1842-1898)*.

Tradução do *Soneto em Y X*, apresentado pelo Nicolau.

NICOLAU VII (nº 51): 32, nov., dez., 93.

Tradução de José Gatti do poema: *Quando soube no fim do dia*, Walt Whitman (1993), poema apresentado pelo Nicolau.

NICOLAU VII (nº 52): 10, 11, mar., abr., 94. *Dante Alighieri (Florença 1265)*.

Tradutora: Aurora F. Bernardini.

Traduziu os poemas *Rimas dubias* (VIII); *Inferno* (Canto V); *Purgatório* (Canto XXIV); *Paraíso* (Canto XXXIII), obra-prima de efeitos lingüísticos do séc. XII.

NICOLAU VII (nº 53): 22-25, maio, jun. 94. *Po Chü-i. Sonhos de um céu chinês (772-846 d.C.)*.

Tradutor: Maurício Arruda Mendonça.

Refez o percurso desse poeta chinês que, para Ezra Pound, era "o céu mais oculto do mel".

Poemas traduzidos: *Pelo lago*, *Agitações ao acaso II*, *Sonhei subia o monte Sung*, *Último outono*.

NICOLAU II (nº 53): 32, maio, jun. 94. *Catulo. Canto V* (84 a. C. - 54 a. C.).

Tradutor: Philadelph Menezes.

NICOLAU VII (nº 54): 08, 09, jul., ago. 94. *Christiam Morgenstern, Arno Holz, Rainer Maria Rilke, Hugo Von Hofmannsthal, Friedrich Hölderlin.*

Tradutor: Augusto de Campos.

Traduziu os poemas *A cerca de paus* (Christiam Morgenstern, 1871-1914); *Sou uma estrela* (Arno Holz, 1843-1929); *II, I* (Rainer Maria Rilke, 1875-1926); *Balada da vida exterior* (Hugo von Hofmannsthal 1874-1929); *Outrora deus julgava* (Friedrich Hölderlin 1770-1843).

TRADUÇÃO: Quadro geral da seção

De traduções poéticas sempre se fez juízos severos, pela soma de soluções infiéis ou canhestras que a história literária tem registrado.

No entanto, Nicolau se propôs, com muito rigor, nesta seção, apresentar as traduções de poetas estrangeiros renomados, influenciando, desta maneira, na formação de um gosto literário moderno.

Assim, começando pelo Japão, apresentou, Issa Kobayashi,⁴²⁶ traduzindo seus haicais. Ainda do Japão, o poeta Shiki,⁴²⁷ também haicaisista, talvez o mais influente poeta japonês depois de Bashô. Da China, mereceram destaques os poetas Li Tai Po,⁴²⁸ um dos seus maiores poetas, Po Chui⁴²⁹ e Lao-Tse, o mestre do Taoísmo.

Dos Estados Unidos, foram traduzidos os poetas William Carlos Williams,⁴³⁰ que também produziu haicais, influenciado pela poesia oriental, Edgar Allan Poe,⁴³¹ tendo, o seu poema O Corvo, merecido outra tradução, além das já existentes, seguindo o processo "transluciferativo" que, segundo Haroldo de Campos, o original é um signo a ser degustado e ruminado

⁴²⁶ Nicolau, nº 1, p. 21

⁴²⁷ Nicolau, nº 10, p. 22

⁴²⁸ Nicolau, nº 36, p. 28

⁴²⁹ Nicolau, nº 52, p. 10

⁴³⁰ Nicolau, nº 4, p. 9

⁴³¹ Nicolau, nº 4, p. 12

criticamente, Sylvia Plath,⁴³² poeta marcada pela sua vida trágica, E. E. Cummings,⁴³³ referência marcante na esteira do divisor de águas da poesia moderna, trazendo novidades na veia poética e contribuindo para a discussão e criação de novas formas, Ezra Pound,⁴³⁴ com sua obra de amplo espectro, sua permanente devoção à causa da poesia, Gary Snyder,⁴³⁵ considerado pela crítica uma das vozes mais autênticas da poesia norte-americana, de 60 para cá, Langston Hughes,⁴³⁶ cantor da negritude americana, nos seus poemas sublimou as vicissitudes de sua raça, com orgulho, a fraternidade, a esperança e o humor, os poetas do grupo "Dark Angels", de importância singular nos Estados Unidos, Derick Walcott,⁴³⁷ que recebeu o prêmio Nobel de 92, antilhano, considerado a maior voz da língua inglesa.

Dos países da América do Sul, o Chile se fez presente, através de Rubem Braga, coordenando eventos como traduções de poemas de Gabriela Mistral.⁴³⁸ O escritor e poeta Jorge Luis Borges⁴³⁹ não poderia ser omitido, tendo seus 17 haicais traduzidos por Ariel Palácios, e outros poemas tematizando a paixão, tema preferido do autor; também o autor mexicano José

⁴³² Nicolau, nº 15, p. 20

⁴³³ Nicolau, nº 22, p. 13

⁴³⁴ Nicolau, nº 23, p. 25

⁴³⁵ Nicolau, nº 26, p. 12

⁴³⁶ Nicolau, nº 35, p. 8

⁴³⁷ Nicolau, nº 48, p. 26

⁴³⁸ Nicolau, nº 3, p. 9

⁴³⁹ Nicolau, nº 19, p. 21 e 22

Juan Tablada,⁴⁴⁰ autor de haicais inéditos em língua portuguesa. De Cuba, o poeta neobarroco Severo Sarduy,⁴⁴¹ estrela de primeira grandeza nos escarcéus da literatura contemporânea.

Nicolau percorreu quase toda a Europa, trazendo os poetas da Itália como Guido Cavalcanti,⁴⁴² autor de Balada IV, escrito no vulgar toscano, Eugênio Montale,⁴⁴³ laureado em 1975 com o prêmio Nobel de literatura. Ainda da Itália, Dante Alighieri⁴⁴⁴ que teve a sua obra-prima o *Inferno* transcrito para a atualidade em duas versões⁴⁴⁵, Giuseppe Ungaretti,⁴⁴⁶ poeta futurista, contemporâneo de Apollinaire, Picasso, Braque, Modigliani e, por último, os poetas Giuliano Gramigna,⁴⁴⁷ Gilberto Finzi⁴⁴⁸ e Edoardo Sanguineti,⁴⁴⁹ este último pertencente ao "Grupo 63" dos poetas novíssimos que romperam com todo o dogmatismo teórico e criativo.

Da Espanha, a presença do poeta maneirista, Luis de Gôngora,⁴⁵⁰ representante máximo deste estilo que imperou na literatura nos séculos XI e XII.

Da França, Rimbaud⁴⁵¹ e Mallarmé⁴⁵², principais teorizadores do estilo simbolista, que tentavam "traduzir" as

⁴⁴⁰ Nicolau, nº 2, p. 19

⁴⁴¹ Nicolau, nº 11, p. 20

⁴⁴² Nicolau, nº 9, p. 24

⁴⁴³ Nicolau, nº 27, p. 25

⁴⁴⁴ Nicolau, nº 52, p. 10

⁴⁴⁵ Nicolau, nº 31 e 52

⁴⁴⁶ Nicolau, nº 33, p. 28

⁴⁴⁷ Nicolau, nº 38, p. 8

⁴⁴⁸ Nicolau, nº 38, p. 8

⁴⁴⁹ Nicolau, nº 38, p. 8

⁴⁵⁰ Nicolau, nº 19, p. 17

mensagens cifradas do "eu profundo", apelando para a evocação e para a sugestão, empregando uma linguagem indireta que apenas sugerisse os conteúdos emocionais e sentimentais, sem narrá-los ou descrevê-los.

Da Alemanha, Friedrich Hölderlin,⁴⁵³ que veio a ser reconhecido como um dos grandes líricos de todos os tempos, e ainda alguns dos maiores poetas alemães dos séculos XVIII, XIX e XX como Christian Morgenstern,⁴⁵⁴ Arno Holz,⁴⁵⁵ Rainer Maria Rilke,⁴⁵⁶ Hugo von Hofmannsthal.⁴⁵⁷

Da Romênia, Virgil Teoderescu,⁴⁵⁸ poeta surrealista com seus poemas impregnados de imagens incongruentes, buscando o maravilhoso, o mistério e o sobrenatural.

Da Polônia, Adam Mickiewicz,⁴⁵⁹ considerado o maior poeta romântico da Polônia, o príncipe dos poetas.

Da Rússia, Vladimir Maiakovski,⁴⁶⁰ poeta futurista, considerado um fenômeno extraordinário da poesia mundial, Marina Tsvetáeva,⁴⁶¹ que tem sua poética caracterizada pelos temas trágicos e fatalistas e por um domínio da linguagem clássica russa, Serguei Essênin,⁴⁶² ligado ao movimento

⁴⁵¹ Nicolau, nº 20, p. 22

⁴⁵² Nicolau, nº 50, p. 32

⁴⁵³ Nicolau, nº 37, p. 18

⁴⁵⁴ Nicolau, nº 54, p. 8

⁴⁵⁵ Nicolau, nº 32, p. 17

⁴⁵⁶ Nicolau, nº 54, p. 8

⁴⁵⁷ Nicolau, nº 54, p. 8

⁴⁵⁸ Nicolau, nº 27, p. 20

⁴⁵⁹ Nicolau, nº 25, p. 28

⁴⁶⁰ Nicolau, nº 39, p. 10

⁴⁶¹ Nicolau, nº 39, p. 10

⁴⁶² Nicolau, nº 39, p. 10

imagista, autor de versos humaníssimos, atravessados de tristeza e epifania.

Da Grécia, Háris Vlavianós,⁴⁶³ pertencente à geração mais nova da poesia grega, a dos anos 80.

Da Bélgica, Henri Michaux,⁴⁶⁴ que tem quase toda sua poesia em prosa, tornando-se um dos poetas mais respeitados pela crítica, apesar de ter recusado o grande Prêmio Nacional de Letras, conferido pelo governo francês.

Finalmente, os poetas ingleses tais como John Keats,⁴⁶⁵ pertencente aos *Grandes Poetas da Língua Inglesa* do século XIX, antologia organizada e traduzida por José Lino Grünewald, John Donne,⁴⁶⁶ (1572-1631), Walter Savage,⁴⁶⁷ um dos mais rigorosos artífices verbais da Inglaterra de seu tempo (1775-1864), Lewis Carrol,⁴⁶⁸ matemático e escritor inglês, famoso pelos seus livros *Alice no país das maravilhas* e *Alice através do espelho* e William Shakespeare,⁴⁶⁹ que teve traduzido um fragmento de seu Hamlet.

Mas, não só os poemas de escritores estrangeiros importantes mereceram atenção por parte dos tradutores, como também a prosa se fez presente nas cartas de Amadeus Wolfgang

⁴⁶³ Nicolau, nº 41, p. 14

⁴⁶⁴ Nicolau, nº 45, p. 10

⁴⁶⁵ Nicolau, nº 14, p. 19

⁴⁶⁶ Nicolau, nº 24, p. 28

⁴⁶⁷ Nicolau, nº 25, p. 25

⁴⁶⁸ Nicolau, nº 26, p. 22

⁴⁶⁹ Nicolau, nº 23, p. 25

Mozart,⁴⁷⁰ datadas de 1791 e endereçadas à sua esposa e a um desconhecido.

Além de Mozart, James Joyce,⁴⁷¹ que teve trechos do seu livro *O Finnegam Wake*, como *Shem the Pennan* traduzido, revelando assim algumas das concepções mais importantes de sua obra.

Em relação aos procedimentos dos exercícios de tradução, os poetas tradutores partiram do mesmo slogan: "Traduzir sem criar é copiar". Assim, Sérgio Thadeu e Marcos, na tradução de Dante Alighieri, decidiram adaptar o poema *O Inferno* para a atualidade e, além disso, usar o autor como escudo contra as enxovalhadas da crítica, imitando Virgílio. Varreram da obra os mitos, as personagens de época, alguns símbolos e situações circunstanciais, enxugando desta forma o texto. Foram fiéis à forma, ao esquema de rimas e aos tercetos, apenas acelerando o ritmo.

Os tradutores se colocaram contra a ideologia dominante das traduções em massa, quantitativas e sem qualidade, criando, a partir da produção original, verdadeiros poemas, textos esteticamente apreciáveis em português, e não simplesmente alguns aleijões em pés-quebrados, verificados em muitas traduções comerciais. A meta, em suma, foi a tradução arte, tentando preservar entre outros aspectos a precisa simetria formal. Cautelosos, mantiveram os matizes dos

⁴⁷⁰ Nicolau, nº 46, 18

⁴⁷¹ Nicolau, nº 12, p. 20

significados, as gradações de tom, aspectos fundamentais para uma recriação artística, resguardando nas transcrições o espírito do original e o uso da segunda língua, pois, a transcrição sempre se colocou na página ao lado do texto original, permitindo ao leitor uma dupla leitura.

Um outro aspecto que se pode observar foi em relação à empatia dos tradutores ao lado aos poetas escolhidos, pois, a partir de seu próprio estilo, como escritores e artistas, souberam escolher outros poetas com os quais tinham afinidades. Desta forma, a presença dos poetas orientais como Bashô, Shiki, apresentados por Leminski, Alice Ruiz foram exemplares.

Toda tradução implica numa troca não apenas de cultura, mas acima de tudo de individualidades. Segundo João Silvério Trevisan, no texto que escreveu para a seção *Mosaico*, deste mesmo periódico, o trabalho do tradutor é como o trabalho do ator entrando na pele de seu personagem; da mesma forma, o tradutor é alguém que interpreta alguém. Essa troca de individualidades, ainda segundo Trevisan, tem diferentes níveis, de acordo com o teor e a exigência da obra traduzida. Há textos que exigem pouco, outros colocam uma exigência absoluta, a de passar de uma língua para outra, levando consigo todo o peso da cultura e mais ainda, das idiossincrasias pessoais que geraram a obra, como do escritor Joyce, em *Finnegam Wake*, uma obra quase intraduzível. Às vezes

o tradutor comete traições, pois são necessárias verdadeiras transmutações, necessárias para se estar mais próximas do traduzido, ou seja, trair para ser fiel. Parece um paradoxo, mas o caminho às vezes é este: mudar uma frase, um som ou uma palavra ... visando atingir aquele tom particular ... da língua que se traduz.

Em outros momentos, a recriação não se coloca apenas como mais uma tradução em nosso idioma. Segundo Denise Guimarães que comentou e analisou as traduções de Reynaldo Jardim e Marilú Silveira, do poema *O Corvo*, de Edgar Allan Poe⁴⁷² "os poetas revelaram seu dom transluciferativo", citando Haroldo de Campos. "Flamejada pelo rastro coruscante de seu Anjo instigador, a tradução criativa, possuída de demonismo não é piedosa nem memorial, ela intenta, no limite, a rasura da origem: a obliteração do original. A essa desmemória parricida chamarei "Transluciferação"⁴⁷³. Os tradutores, portanto, operaram uma profunda transmutação em certas passagens do poema, recriando os versos, sem se preocuparem com a fidelidade ao sentido literal ou à forma original. Com rigor buscaram a produção de efeitos análogos com meios diferentes, "desmemória parricida?"

Numa cultura dependente como a brasileira o papel das traduções é relevante. Segundo Goethe, tradutor apaixonado, "a tradução é o veículo indispensável do intercâmbio entre os

⁴⁷² Nicolau, nº 52, p. 10

⁴⁷³ GUIMARÃES, Denise. *Crítica Literária*, nº 7, p. 9

povos porque não é possível ao homem culto dominar todos os idiomas".⁴⁷⁴ A figura desse mediador qualificado que é o tradutor que adquire um papel fundamental neste mundo de circulação do conhecimento artístico. A cultura brasileira não pode se esquivar do enriquecimento proporcionado pelos avanços produzidos nos países centrais. Literaturas de um modo geral, e também a Literatura Brasileira têm-se formado e firmado através dessas contaminações culturais. Cita-se, como exemplo, o momento decisivo passado pelo Modernismo, com a apropriação produtiva das vanguardas européias do início do século. Portanto, a tarefa do tradutor consiste em diversificar o cardápio intelectual, adaptando-o à Literatura Brasileira. Nas traduções se encontra a experiência particular da Literatura Brasileira e da Literatura Universal. No entanto, isto realmente só acontece, quando se estabelecem padrões de exigência como no caso do *Nicolau*, sem permitir interesses meramente comerciais, que passam a degradar tal procedimento.

⁴⁷⁴ *Nicolau*, nº 52, p. 10

CAPÍTULO XXII

QUADRINHOS

*Você tem todo o tempo do mundo
para aprender a viver, mas não
tem tempo para viver? Certo?*

(Rettamozo - Nicolau I, nº 2,
p. 27)



ORA, VEJAMOS
O SABIO
COM BOCA TÃO
PEQUENA
BEIJANDO OS
GRANDES LÁBIOS



RETTAMOZO



ARTES PLÁSTICAS/ARTES GRÁFICAS

QUADRINHOS: ÍNDICE ALFABÉTICO DE AUTORES

AGOSTINI, Angelo. *Zé Caipora*. V (nº 41): 10, 11, out., nov. 91.

Nicolau publica pela primeira vez a mais antiga história em quadrinhos do continente americano.

BARNABÉ, Arrigo. *Gê, Luiz. Apresenta episódios inéditos de presidente Reis*. VI (nº 44): 12, 13, jul., ago. 92.

Honestidade escrupulosa e a obsessão quase doentia com a linguagem.

BELLENDÁ, Luiz Cezar. *A ceifa*. V (nº 39): 26, 27, jun., jul. 91.

Texto de Luiz C. Bellenda e João (o evangelista).

BELLENDÁ. I (nº 4): 27, out. 87.

BUSH, Wilhelm. *O ouro dos trouxas*. VI (nº 43): 24, 25, maio, jul. 92.

Tradução de Eulália Kuhlemann.

CALESCO, Moacir. I (nº 10): 27, abr. 88.

CHICHORRO, Alceu Eloy. *Tiras do barulho*. III (nº 21): 24, 25, mar. 89.

Poeta e quadrinista, lidou com charges e cartuns, mas foram raras suas incursões pelos quadrinhos.

COLIN, Flávio. *Os Minatá - Karaiá*. III (nº 24): 23-25, jun. 89.

CRUZ, Luiz Alberto, o *Foca*. *A reforma*. II (nº 16): 18, 19, out. 88.

Quadrinhos onde se percebe a nítida influência do cinema.

FOCA. VI (nº 51): 12, 13. nov., dez. 93.

Quadrinista, ilustrador e artista gráfico.

FORTUNA, *Madame e seu bicho muito louco*. VII (nº 54): 10, 11, jul., ago. 94.

FORTUNA, Amorim, Cau, Douglas Mayer, Mino, Dante. *Cartuns. A mulher do outro*. VII (nº 53): 8, 9, mar., jun. 94.

FREITAS, Marco. *Decifra-me ou te devoro*. II (nº 13): 27, jul. 88.

GUINSKI, I (n° 12): 27, jun. 88.

JUNIOR, Key Imaguire. *As aprontações do velho senhor*. II (n° 13): 12, 13, jul. 88.

Uma das maiores raridades bibliográficas do quadrinho brasileiro, não existindo referência sobre ele em lugar algum.

———, *Cortiano*. II (n° 18): 20, 21, dez. 88.

Tiras com personagens finos, feitas para *O Estado do Paraná* por Edson José Cortiano.

———, *O ouro dos trouxas*. VI (n° 43): 24, 25, maio, jun. 92.

O alemão Wilhelm Bush saiu na frente nas histórias em quadrinhos. Tradução de Key Imaguire Júnior.

———, *Fred und Frietze (Zeich Von Hans Nöbauer)*: *O alvorecer do século gráfico em Curitiba*. VI (n° 46): 26, 27, 28, nov., dez. 92.

———, *Will Eisner*. V (n° 38): 24, 25, abr., maio 91.

Will Eisner. (nascido em Nova York, EUA). É o grande clássico dos quadrinhos de todos os tempos.

JÚNIOR, Alvaro Borges. *Viva que te quero verde*. III (n° 27): 22, 23, set., out., nov. 89.

Tema: Ecologia.

JÚNIOR, Silvio Silva. *Classe média*. III (n° 28): 22, 23, dez. 89.

Tema: Social.

LUKAS, IV (n° 31): 20, 21, mar. 90.

MATTOS, Orlando. *Ironia e inocência*. VII (n° 52): 21-23, mar., abr. 94.

MATTOSO, Glauco. *Pedro o pobre*. V (n° 37): 28, 29, fev., mar. 91.

MEDEIROS, Jotabê. *Glauco*. III (n° 22): 24, 25, abr. 89.

Estudo sobre Glauco, o cartunista, inventor de figuras que já ficaram gravadas na imaginação da geração disc-pizza.

NERY, II (n° 14): 27, ago. 88.

———, V (n° 39): 31, jun., jul. 91.

PANCHO. I (nº 3): 27, set. 87.

RECCHIA, Tiago. V (nº 40): 31, ago., set. 91.

RETTAMOZO. I (nº 2): 27, ago. 87.

SHAZAN. *Festival do gibi*. III (nº 23): 22, 23, maio 89.

Histórias dos quadrinhos do Paraná.

SUTIL, Rui. *Suttil: Diarionauta de um sonambulista*. III (nº 20): 24, 25, fev. 89.

A primeira história em quadrinhos produzida especialmente para insetos.

TADEU, Eduardo. *Re/memória., HQ/novo ar*. VI (nº 45): 20, 21, set., out. 92.

Texto crítico de Nelson Capucho.

TAKO. *A guerrilha marrom*. II (nº 17): 24, 25, nov. 88.

TAKO. I (nº 9): 27, mar. 88.

TIAGO, *O Brasil no ano 2000*. IV (nº 30): 20, 21, fev. 90.

VERÍSSIMO, Luiz Fernando. *Edgar Vasques, o clube*. VI (nº 12):
12, 13, mar., abr. 92.

XAVIER, Valêncio e Rones Dunke. *Josnath*. II (nº 15): 22, 23,
set. 88.

———, *Bala Zequinha*. II (nº 20): 12, 13, fev. 89.

Figurinhas de coleção - anos 40.

ZUATEG. I (nº 8): 27, fev. 88.

ARTES GRÁFICAS

QUADRINHOS: ÍNDICE DE MATÉRIAS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO

NICOLAU I, (nº 2): 27, ago. 87.

Rettamozo.

Tema: erotismo, sacanagens.

NICOLAU I (nº 3): 27, set. 87.

Pancho.

Tema: Narciso e Política.

NICOLAU I (nº 4): 27, out. 87.

Bellenda.

Tema: Filosofia.

NICOLAU I (nº 8): 27, fev. 88.

Zuateg.

Tema: Política - Ideologia.

NICOLAU I (nº 9): 27, mar. 88.

Tako.

Tema: Social.

NICOLAU I (nº 10): 27, abr. 88.

Moacir Calesco.

Tema: Ecologia.

NICOLAU I (n° 12): 27, jun. 88.

Guinski.

Tema: Ecologia.

NICOLAU II (n° 13): 27, jul. 88. *Decifra-me ou te devoro.*

Marco Freitas.

Tema: Social.

NICOLAU II (n° 13): 12, 13, jul. 88.

Fritz Winters.

Livrinho de Fritz Winters, publicado pela tipografia de João Haupt, em Curitiba, em agosto de 1935, considerado uma das maiores raridades do quadrinho brasileiro.

NICOLAU II (n° 14): 27, ago. 88.

Nery.

Tema: Social.

NICOLAU II (n° 15): 22, 23, set. 88. *Josnath.*

Valêncio Xavier, Rones Dunke.

Tiras inspiradas em cenas de filmes publicadas na revista *Scena Muda*. Texto de Key Inaguire Júnior.

NICOLAU II (nº 16): 18, 19, out. 88. *A Reforma.*

Roteiro e Arte: Foca (Luiz Alberto Cruz) apresentou seu trabalho inspirado em Moebius e no italiano Liberatore.

Texto de Laerte e Luiz Gê.

Tema: Guerra.

NICOLAU II (nº 17): 24, 25, nov. 88. *A Guerrilha Marron.*

Tako.

Tema: Humor.

NICOLAU II (nº 18): 20, 21, dez. 88. *Cortiano.*

Kei Imaguire Jr.

Tiras com personagem fixos, feitas para o Estado do Paraná.

NICOLAU II (nº 20): 24, 25, fev. 89. *Suttil, Diário de um sonambulista.*

Rui Suttil.

Minimanual de ocupação estratégica, com dicas para humanóides e esquisitos em geral.

NICOLAU II (nº 20): 12, 13, fev. 89. *Bala Zequinha.*

Valêncio Xavier.

Figurinhas de coleção - anos 40.

NICOLAU III (nº 21): 24, 25, mar. 89. *Tiras do Barulho*.

Alceu Eloy Chichorro, poeta e quadrinista, lidou com charge e cartuns; este trabalho faz parte do acervo da Casa da Memória de Curitiba.

NICOLAU III (nº 22): 24, 25, abr. 89.

Glauco.

Texto de Jotabê Medeiros: - apresenta as tiras de Glauco publicadas na "Ilustrada" ou nas revistas "Chiclete com Banana" e "Geraldão".

NICOLAU III (nº 23): 22, 23, maio 89. *Festival do Gibi*.

Shazan.

Nicolau.

NICOLAU III (nº 24): 23-25, jun. 89. *Os Minatá - Karaiá (História Kamaiurá)*.

Flávio Colin.

Tema: Indígena.

NICOLAU III (nº 27): 22, 23, set., out., nov. 89. *Viva que te quero verde*.

Álvaro Borges Júnior.

Tema: Ecologia.

NICOLAU III (nº 28): 22, 23, dez. 89. *Classe média.*

Silvio Silva Júnior.

Tema: Social.

NICOLAU IV (nº 30): 22, 21, fev. 90. *O Brasil no ano 2.000*

Tiago.

Tema: Nacionalidade.

NICOLAU IV (nº 31): 22, 21, mar. 90.

Lukas.

NICOLAU V (nº 37): 28, 29, fev. mar. 91. *Pedro, o pobre.*

Glauco Mattoso e Bira.

Tema: Social.

NICOLAU V (nº 38): 24, 25, abr., maio 91.

Well Eisner (nascido em Nova York /EUA). É o grande clássico dos quadrinhos de todos os tempos. Texto de Kei Imaguire Júnior.

NICOLAU V (nº 39): 26, 27, jun., jul. 91. *A ceifa.*

Texto de Luiz Bellenda e João (o evangelista).

NICOLAU V (nº 40): 31, ago., set. 91.

Tiago Recchia.

NICOLAU V (n° 41): 10, 11, out., nov. 91. *Zé Caipora*.

Angelo Agostini.

Nicolau publica, pela 1ª vez, a mais antiga história em quadrinhos do continente americano.

NICOLAU VI (n° 42): 12, 13, mar., abr. 92. *O Clube*.

Edgar Vasques.

Texto de Luis F. Veríssimo.

NICOLAU VI (n° 43): 24, 25, maio, jul. 92. *O ouro dos trouxas*.

Artistas: Wilhelm Bush.

Tradução de Eulália Kuhlemann.

NICOLAU VI (n° 44): 12, 13, jul., ago. 92. *Presidente Reis*.

Luiz Gê.

Texto de Arrigo Barnabé.

NICOLAU VI (n° 45): 20, 21, set., out. 92.

Eduardo Tadeu.

NICOLAU VI (n° 46): 26-28, nov., dez. 92.

Key Imaguire Jr.

Fred Und Fritze Von Onkel Oskar, pseudônimo literário de Hans Nöbauer.

(O alvorecer do século gráfico em Curitiba).

O livrinho foi localizado por Mariana Huber e a tradução das "streichs" (histórias) é de Lidia Renate Dietz.

NICOLAU VII (nº 51): 12, 13, nov., dez. 93.

Foca.

NICOLAU VII (nº 52): 22, 23, mar., abr. 94. *Cabeça de riso, Ironia e Inocência.*

Orlando Mattos.

NICOLAU V (nº 53): 8, 9, mar., jun. 94. *Cartuns, A mulher do outro.*

Amorin, Fortuna, Cau, Douglas Mayer, Mino, Dante.

NICOLAU VIII (nº 54): 10, 11, jul., ago. 94. *Madame e seu bicho muito louco. Hoje; A Recepção.*

Fortuna.

QUADRINHOS: Quadro geral da seção

Nesta seção, *Nicolau* publica os "quadrinhos" que se entende por gênero ou peça de ficção em que a narração se dá por uma seqüência de desenhos, contada em quadros (vinhetas) acompanhados ou não de legendas, embora, na concepção geral, o texto seja parte integrante do conjunto; em outras palavras, é um sistema narrativo composto de dois meios de expressão distintos, o desenho e o texto. As histórias em quadrinhos nasceram nos Estados Unidos e foram batizados de "comics", expressão que se universalizou e é utilizada até hoje. Os artistas brasileiros, seguindo a mesma esteira, produziram quadrinhos extremamente criativos. Alguns quadrinistas expoentes desfilaram nesta seção como, por exemplo, Rettamozo, Bellenda, Foca, Cortiano, Glauco, entre outros.

Nicolau publica⁴⁷⁵ a mais antiga história em quadrinhos do continente americano, *Zé Caipora*, de Ângelo Agostini (1910), iniciada na *Revista Ilustrada* em 1883, que passou a chamar-se *O Malho*, no início do século. O episódio apresentado (capítulo 37), sob o título *Coitado do Zé*, foi impresso no *O malho*, nº 164, no dia 4 de novembro de 1905. A história apresentada não conjugava piadas ou anedotas seguindo a tradição dos

⁴⁷⁵ *Nicolau*, nº 41

quadrinhos, mas sim aventuras de um caçador nas selvas brasileiras. Além disso, não apresentava ainda a forma atual, predominando as ilustrações e texto em forma de prosa com um mínimo de diálogo, sem uso dos "balões", elemento peculiar das histórias em quadrinhos.

Uma outra curiosidade, diz respeito ao texto *As aprontações do Velho Senhor*,⁴⁷⁶ publicado pela Tipografia de João Haupt, em Curitiba, em agosto de 1935. O livrinho continha versos e desenhos de Fritz Winters, considerado uma das maiores raridades bibliográficas do quadrinho brasileiro, de conteúdo humorístico, apresentado também em forma de prosa e o diálogo "entre aspas" sem o uso dos tradicionais balõezinhos.

Ainda, Rui Suttill, publica⁴⁷⁷ *A primeira história em quadrinhos produzida especialmente para insetos*, usando o método como ele mesmo explica "... como se você visse a legenda antes, ou o quadrinho antes, ou os dois juntos antes, mas isso não faz qualquer diferença."⁴⁷⁸ *Diarionauta de um Sonambulista*, deste artista, é dirigido a um público muito restrito, traças, aracnídeos, pulgas, carrapatos e certos insetos. Num estilo "Nonsense", irônico, usando traços despojados e minimais, extremamente sutis, dialogando com as páginas de Kafka ou Poe.

⁴⁷⁶ Nicolau, nº 13, p. 12

⁴⁷⁷ Nicolau, nº 20

⁴⁷⁸ Nicolau, nº 20, p. 24, 25

O *Nicolau* também noticia⁴⁷⁹ a criação da primeira gibiteca do país, localizada no Solar do Barão, com mais ou menos 4.600 sócios já inscritos. Segundo informações do próprio texto que acompanha os quadrinhos, o Brasil é o maior consumidor e o quarto produtor de quadrinhos. Gibi é arte, graças ao trabalho inovador dos desenhistas japoneses e também de artistas como Frank Miller, Crumb, Will Eisner, que aceleraram a fusão dos procedimentos cinematográficos e literários aos gibis.

Sílvio Silva Júnior publica⁴⁸⁰ *Classe Média*, cujo enredo foi transmitido basicamente por meio de imagens, não necessitando de complementação de textos. Usou a linguagem própria dos quadrinhos, o pensamento dos personagens, através do balão-pensamento (rabicho em forma de pequenas bolhas).

Uma outra raridade⁴⁸¹ mostra o alvorecer do século gráfico em Curitiba; trata-se da matéria assinada por Key Imaguire Jr. que relata a fundação, em 1910, pelo impressor alemão, Max Schrappe, no bairro do Batel, da "Impressora Paranaense", com a publicação de *Fred und Fritze, von Onkel Oskar*, história em versos e criação de Onkel Oskar, pseudônimo literário de Hans Nöbauer.

O cineasta Valêncio Xavier e o artista plástico Rones Dunke publicam⁴⁸² *tiras* que apresentam uma técnica inovadora, sincrética, misturando cinema mudo e literatura gráfica. Desta

⁴⁷⁹ *Nicolau*, nº 21

⁴⁸⁰ *Nicolau*, nº 28

⁴⁸¹ *Nicolau*, nº 46

⁴⁸² *Nicolau*, nº 15

forma, surgiu *Josnath*, inspiradas em cenas de filmes, publicadas na revista *Scena Muda*. Segundo Kei Imaguire Jr.,⁴⁸³ no texto de apresentação, vindas à luz do *Diário do Paraná*, em 1972, essas tiras são agora uma raridade, resgatando um pouco da memória gráfica paranaense.

As chamadas *Tiras diárias* correspondem ao nome da história com três ou quatro quadrinhos, que aparece diariamente nos jornais. Muitos artistas fizeram uso delas, como, por exemplo, Zuateg⁴⁸⁴, Edson José Cortiano,⁴⁸⁵ que faziam tiras com personagens fixos, feitas para *O Estado do Paraná*, Alceu Eloy Chichorro,⁴⁸⁶ poeta e quadrinista, lidou também com charges e cartuns, com suas *Tiras do Barulho*, onde fazia críticas mordazes à burguesia curitibana nas primeiras décadas do século. Segundo o depoimento no texto de Key Imagine Jr., estudiosos das artes & manhas gráficas, "ele subvertia, com seus personagens mais famosos, Chico Fumaça e sua partner Marcolina, a moral da província".⁴⁸⁷

Em relação aos elementos, pode-se observar que os quadrinhos apresentavam, na maioria das vezes, formato retangular, delimitado por linhas retas (molduras). Muitas vezes, a moldura aparecia de forma irregular ou interrompida, recurso do desenhista para indicar cenas imaginárias ou fora da sequência na história. Alguns personagens assumiam um

⁴⁸³ Nicolau, nº 15, p.22,23

⁴⁸⁴ Nicolau, nº 8, p.27

⁴⁸⁵ Nicolau, nº 18, p.20, 21

⁴⁸⁶ Nicolau, nº 21, p. 24, 25

⁴⁸⁷ Nicolau, nº 21, p. 24, 25

"tipo", como o tímido, o falante, o espertalhão e outros; os temas envolviam aspectos sociais, morais, políticos ecológicos, de aventura, entre outros.

CAPÍTULO XXIII

TRIZ

*Noite de primavera, as
cerejeiras, Para elas a aurora
despertou.*

(Nicolau, n ° 12, p 15)

quanto mais longe vejo
mais luzes ficam
até o próximo reflexo

alice ruiz



o sentimento do mundo
começo a soletrá-lo
ao dizê-lo
situado no baixo
junto à palavra
calo (não o esporádico
acidental na pele
prosaico)
mas
o crescido junto
à palavra trabalho
se me repito
assíduo
no exercício
de experimentá-lo
adere-se ardido
à minha mão
o selo das orfandades
se desígnio
ou de curiosidade
me ultrapasso
sinto-o também por seu
o medo
visceral carrasco

marise manóel

O sol se apaga.
De mansinho,
a sombra cresce.

A voz da noite
diz baixinho:
esquece... esquece...

helena kolody

TRIZ: ÍNDICE ALFABÉTICO DE AUTORES

ALMEIDA, Márcia. III (n° 22): 9, abr. 89.

ALEXANDRE, Fernando. III (n° 22): 9, abr. 89.

ANDRADE, Valmir. IV (n° 29): 7, jan. 90.

ARAÚJO, Laís Correa. *Criação*. III (n° 20): 11, fev. 89.

ÁVILA, Carlos. II (n° 16): 9, out. 88.

BARROS, Manoel de. II (n° 18): 9, dez. 88.

BELL, Lindolf. II (n° 27): 7, set., out., nov. 89.

BERGER, Mônica. *Ao gosto dos anjos*. II (n° 16): 9, out. 88.

BORTOLLOTO, Mário. III (n° 19): 13, jan. 89.

BOTTMANN, Denise. II (n° 14): 11, ago. 88.

CABANAS, Luiz Carlos. IV (n° 29): 7, jan. 90.

CAMPOS, Sérgio. IV (nº 30): 11, fev. 90.

CARVALHO, João Carlos. II (nº 17): 9, nov. 88.

CREMASCO, Marco Aurélio. II (nº 13): 9, jul. 88.

DICKE, Ricardo Guilherme. *Mar alto*. VI (nº 51): 18, nov., dez. 93.

DOLHNIKOFF, Luis .II (nº 14): 11, ago. 88.

DUARTE, Osvald. *Reissen*. IV (nº 31): 9, mar. 90.

DUARTE, Otávio. *Um poema assim*. III (nº 27): 7, set., out., nov. 89.

FELDMAM, Cláudio. *Piccolo Mondo Antico*. IV (nº 32): 11, abr. 90.

FILHO, Armando Freitas. III (nº 19): 13, jan. 89.

FREITAS, Iacyr Anderson. *Aere Perennius*. IV (nº 32): 11, abr. 90.

FONTELA, Orides. *Vésper*. III (nº 20): fev. 89.

FRÓES, Leonardo. *O perde dor*. VI (n° 51): 18, nov., dez. 93.

GALVÃO, Donizete. IV (n° 30): 11, fev. 90.

GRÜNEWALD, José Lino. II (n° 18): 9, dez. 88.

HILST, Hilda. *Alcoólicas-I*. III (n° 27): 7, set., out., nov. 89.

HOFFMANN, Eduardo. II (n° 15): 11, set. 88.

Poemas concretos.

———, IV (n° 30): 11, fev. 90.

IAMAGAMI, Edgard. II (n° 13): 9, jul. 88.

JARDIM, Reynaldo. II (n° 18): 9, dez. 88.

KARL, Fernando. IV (n° 31): 9, mar. 90.

KOLODY, Helena. I (n° 12): 25, jun. 88.

KONDERA, Jandyra. *Sobre o Fátuo*. III (n° 20): 11, fev. 89.

LEDUSHA. III (n° 22): 9, abr. 89.

LOSNAK, Marcos. II (n° 15): 11, set. 88.

Poemas Concretos.

MACHADO, Luiz. III (n° 28): 7, dez. 89.

MACIEL, Gerson. *Gataucyaman*. IV (n° 32): 11, abr. 90.

MAIOLI, Tuti. II (n° 13): 9, jul. 88.

MALDONADO, Paulo. IV (n° 31): 9, mar. 90.

MANOEL, Marise. I (n° 12): 25, jun. 88.

MANSUR, Guilherme. II (n° 15): 11, set. 88.

Poemas Concretos.

MATTOSO, Glauco. *Argumento*. II (n° 16): 9, out. 88.

MENDONÇA, Maurício Arruda.. II (n° 14): 11, ago. 88.

NEGROMONTE, Edson. III (n° 19): 13, jan. 89.

PASCHOA, Airton. III (n° 26): 7, ago. 89.

PRADO, Roberto; Markos Prado e Tadeu Wojciechowski. *O Vinho dos amantes, Introdução da Língua Brasileira. Deus eskreveu melhor doke eu. Ao meu grande, uniko e verdadeiro amor*. III (n° 21): 11, mar. 89.

PUGLIELI, Hélio de Freitas. III (n° 26): 7, ago. 89.

QUINTANA, Mário. *Objetos Perdidos*. III (n° 28): 7, dez. 89.

QUETA, Luiz Elias. IV (n° 29): 7, jan. 90.

ROSSINI, Iara. III (n° 26): 7, ago. 89.

RUIZ, Alice. I (n° 12): 25, jun. 88.

SOUZA, Colombo de. III (n° 28): 7, dez. 89.

STASIAK, Mário. *De corpo & almas*. II (n° 17): 9, nov. 88.

THOMAZ, Didonet. *Cenas poéticas do teatro monótono*. VI (n° 51): 18, nov., dez. 93.

VERÇOSA, Carlos. II (n° 17): 9, nov. 88.

TRIZ: ÍNDICE DE MATÉRIAS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO**NICOLAU I (n° 12): 25, jun. 88.**

Poetas:

Helena Kolody, de Curitiba.

Marise Manoel, de Curitiba.

Alice Ruiz, de Curitiba.

NICOLAU II (n° 13): 9, jul. 88.

Tuti Maioli, de Jacarezinho.

Edgard Yamagami, de Curitiba.

Marco Aurélio Cremasco, de Guaraniaçu.

NICOLAU II (n° 14): 11, ago. 88.

Denise Bottmann, de Curitiba.

Luis Dolhnikoff, de São Paulo.

Maurício Arruda Mendonça.

NICOLAU II (n° 15): 11, set. 88.

Marcos Losnak, de Londrina.

Guilherme Mansur, de São Paulo.

Eduardo Hoffmann, de Curitiba.

NICOLAU II (n° 16): 9, out. 88.

Carlos Ávila, de Belo Horizonte

Mônica Berger, de Curitiba. Poema: *Ao gosto dos anjos*.

Glauco Mattoso, de São Paulo. Poema: *Argumento*.

NICOLAU II (nº17): 9, nov. 88.

Carlos Verçosa, paranaense na Bahia.

Mário Stasiak, de Francisco Beltrão. Poema: *De corpo & almas*.

João Carlos Carvalho, de São Paulo.

NICOLAU II (nº 18): 9, dez. 88.

Manoel de Barros, de Campo Grande.

Reynaldo Jardim, de Brasília.

José Lino Grünewald, do Rio de Janeiro.

NICOLAU III (nº 19): 13, jan. 89.

Mário Bortolloto, de Londrina. Poema: *O Gato*.

Armando Freitas Filho, do Rio. Poema: *13 linhas do Rio*.

Edson Negromonte, de Jundiaí. (*Intertexto: Aroma de Hiroshima*).

NICOLAU III (nº 20): 11, fev. 89.

Orides Fontela, de São Paulo. Poema: *Vésper*.

Jandyra Kondera, de Curitiba. Poema: *Sobre o Fátuo*.

Laís Correa de Araújo de Ouro Preto. Poema: *Correa de Criação*.

NICOLAU III (nº 21): 11, mar. 89.

Roberto Prado, de Curitiba.

Marcos Prado de Curitiba.

Tadeu Wojciechoswski, de Curitiba - Poema: *Pérola aos poukos*.

Introdução da Língua Brasileira. Deus eskreveu melhor doke eu. Ao meu grande, uniko e verdadeiro amor.

NICOLAU III (nº 22): 9, abr. 89.

Ledusha, do Rio de Janeiro.

Márcio Almeida, de Belo Horizonte.

Fernando Alexandre, de Curitiba.

NICOLAU II (nº 26): 7, ago. 89.

Airton Paschoa, de São Paulo.

Hélio de Freitas Puglieli, de Curitiba.

Iara Rossini, de Lins.

NICOLAU II (nº 27): 7, set., out., nov. 89.

Lindolf Bell, de Blumenau.

Hilda Hilst, de Campinas. *Alcoólicas-I*.

Otávio Duarte, de Curitiba. *Um poema assim:*

NICOLAU III (n° 28): 7, dez. 89.

Mário Quintana, de Porto Alegre. *Objetos Perdidos*

Luiz Machado, de Pato Branco.

Colombo de Souza, de Curitiba.

NICOLAU IV (n° 29): 7, jan. 90.

Luiz Elias Queta, de Uige - Angola.

Valmir Andrade, de Ribeirão Preto.

Luiz Carlos Cabañas, de Curitiba.

NICOLAU IV (n° 30): 11, fev. 90.

Sérgio Campos, de Nova Fraiburgo - RJ. (Soneto).

Donizete Galvão, de São Paulo. (Surrealismo)

Eduardo Hoffmann, de Curitiba. (Haikai)

NICOLAU IV (n° 31): 9, mar. 90.

Fernando Karl, de Curitiba.

Osvald Duarte, de Guajará-Mirim - RO. Poema *Reissen*.

Paulo Maldonado, do Rio de Janeiro .

NICOLAU IV (n° 32): 11, abr. 90.

Gerson Maciel, de Curitiba. Poema: *Gataucyaman*.

Iacyr Anderson Feitas, de Juiz de Fora. Poema: *Aere Perennius*.

Cláudio Feldmam, de Santo André - SP. Poema: *Antico Piccolo Mondo*.

NICOLAU VI (nº 51): 18, nov., dez. 93.

Didonet Thomaz, de Bento Gonçalves. Poema: *Cenas poéticas do teatro monótono*.

Leonardo Fróes, do Rio de Janeiro. Poema: *O perde dor*.

Ricardo Guilherme Dicke, de Cuiabá - MT. Texto: *Mar alto*.

TRIZ: Quadro geral da seção

Cada exemplar, na seção que se intitulou *Triz* - onomatopéia que significa "por um fio, por quase nada", - reuniu a produção artística de apenas três poetas, quase sempre nas páginas 7, 9, ou 11, constituindo-se uma seção fixa, embora tenha sido iniciada no exemplar de nº 12 e interrompida no de nº 32. Como se pode observar, nem todos os exemplares foram contemplados com esta produção poética que apresentou não só poetas estreantes, mas muitos consagrados da literatura brasileira, citando, como exemplo, Hilda Hilst, Mário Quintana, Manuel de Barros, entre outros. A seção, depois do nº 32 só foi retomada no exemplar nº 51, apresentando não poemas, mas textos com características de conto ou crônicas. Dos 66 poetas convidados para participarem desta seção, 23 foram do Paraná, um número bem expressivo em relação aos dos outros estados como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais. Também Angola se fez presente, na figura de Luiz Elias Queta, poeta expressivo da cidade de Uige.

Em relação aos processos utilizados na feitura de suas produções artísticas, os poetas, sem se aterem a processos estruturais convencionais, propuseram uma "poesia de invenção, buscando os caminhos da ruptura, redimensionando sua linguagem, ou seja, adequando-se às características da

produção literária do nosso século. Desta forma, utilizaram basicamente os seguintes procedimentos expressivos:"

* Assimilando a estética do Concretismo, os poetas inovaram não só no campo semântico, com o uso de trocadilhos, criações vocabulares, erros intencionais, mas também no aspecto topográfico, abolindo o verso linear na construção dos espaços brancos e ausência de sinais de pontuação. Neste aspecto, nos textos de Eduardo Hoffmann, Guilherme Mansur, Marcos Losnak,⁴⁸⁸ pode-se observar este processo. Tais poemas, rompendo a lógica discursiva, exigem uma leitura diferente, pela imagem fotograficamente montada, convertendo-se numa surpresa para o leitor. A produção poética de Roberto Prado, Marcos Prado e Tadeu Wojciechowski⁴⁸⁹ chega ao extremo do rompimento com a linguagem poética habitual, apresentando a linguagem escrita numa transcrição fonética, ou seja, apresentando o falar natural, pois a linguagem é, primordialmente uma atividade oral, criando uma língua própria para o Brasil, pois como os próprios versos afirmam "Um paiz ke so respeita a violensia não pode fikar se freskeando kom regras de portuguez. Fale komo se eskreve e eskreva komo se fala"⁴⁹⁰.

* Cultivando o haicai, poema japonês caracterizado pela brevidade que se compõe de três versos, somando dezessete

⁴⁸⁸ Nicolau, nº 15, p. 11

⁴⁸⁹ Nicolau, nº 21, p. 11

⁴⁹⁰ Nicolau, nº 21, p. 11

sílabas, o primeiro e o terceiro com cinco e o segundo, com sete. Desta forma, os versos de Alice Ruiz.⁴⁹¹

*quando mais longe vejo
mais luzes ficam
até o próximo reflexo,*

numa alternância de sete, cinco sílabas, refletem a irregularidade cíclica da natureza, pressupõem uma leitura silenciosa, visual e mental a um só tempo, encerrando força onomatopaica ou imitativa, fundindo a carga semântica e a massa sonora, a percepção e o significado, a exemplo do mestre do Haiku de Matsuo Basho.⁴⁹²

*Noite de primavera,
As cerejeiras! Para elas
A aurora despontou*

Apesar da dificuldade arquitetônica, o haicai tem sido cultivado por uma série de poetas da literatura brasileira.

* Através da metalinguagem, refletindo na sua construção, o próprio sistema literário, no dizer de Denise A. Guimarães⁴⁹³ “num processo auto-reflexivo metalinguístico em que a linguagem da literatura recusa uma linguagem literária, mas inventa outras”. Assim procede, por exemplo, Carlos Ávila⁴⁹⁴:

*um ímã
a linguagem
um vírus.*

⁴⁹¹ Nicolau, nº 12, p. 25

⁴⁹² Nicolau, nº 12, p. 15

⁴⁹³ GUIMARÃES, D.A. in *Poesia de invenção no Paraná*. Revista Letras, p. 78

⁴⁹⁴ Nicolau, nº 16, p. 9

* Incorporando uma intensificação do ludismo na criação literária, numa liberdade plena da experiência, quase como uma “metáfora da liberação social”. É o que se pode observar na maioria dos poemas, como, por exemplo, Glauco Mattoso,⁴⁹⁵ no poema *Argumento*, Luis Dolhnikoff,⁴⁹⁶ brincando com as rimas internas e criando neologismos.

* Promovendo a intertextualidade, como o poema de Mônica Berger, *A gosto dos Anjos*,⁴⁹⁷ onde o diálogo intertextual com Augusto dos Anjos se realiza, retomando sua linguagem, tecida de vocábulos esdrúxulos e rebuscados, além de científico revelando a dimensão cósmica e a angústia moral da sua poesia.

⁴⁹⁵ Nicolau, nº 10, p. 9

⁴⁹⁶ Nicolau, nº 14, p. 11

⁴⁹⁷ Nicolau, nº 16, p. 9

CAPÍTULO XXIV

ENSAIO

*É preciso escancarar fronteiras e
porteiros; é preciso o livre ir e
vir de gentes e idéias, para que,
sem compartimentos e
comportamentos estanques, a
cultura flua, supérflua.*

(Leo Gilson Ribeiro, *Nicolau*, nº
15, p. 13)

PSICANÁLISE

No nº 4 de *Nicolau*, o psicanalista João Perci Schiavon, da Clínica Quarta Vila, assina um breve texto — A COISA, A CAUSA, A CAUDA — em que refere certa 'mania de institucionalização' existente nos movimentos psicanalíticos.

Questionando essa colocação, Antonio Godino Cabas, da Coisa Freudiana e da Clínica Lausanne, publica em *Nicolau* 10 sua réplica, intitulada DA CAUSA DA COISA, em que defende a 'formalização lógica'. E Schiavon treplica, instaurando-se assim um espaço polêmico em que há — como sempre no dinâmico movimento da discussão de idéias — pequenos desvios, correções de rota, re-asserções. Aqui, todos os textos na íntegra.

A COISA, A CAUSA, A CAUDA

Os movimentos psicanalíticos lembram às vezes um gesto insensato evocado por Freud em *Observações sobre o amor de transferência*: conjurar um espírito do Averno e tremendo com a sua aparição; mandá-lo de volta às sombras, sem interrogá-lo. Refiro-me à mania de institucionalização, pelo que esta comporta, via de regra, de fechamento e esterilização da pesquisa e dos duplos. Com esta tendência contrariada da psicanálise, cresce o caudal dos lanos, a boa filiação, que faz da formalização necessária dos achados clínicos uma garantia de coesão e identidade, fórmulas do ser e do não-ser, um lar com sua linguagem comum, por mais elidida que seja.

É comum neutralizar a palavra, desconhecendo suas "mil faces secretas", como diz o poeta, e instalar-se sob a proteção de uma lógica universal, o resto sendo o descampado do ilógico. E tudo bem, se são demais os perigos desta vida. Mas com a psicanálise é no mínimo paradoxal. Sabe-se que os teóricos da psicanálise dão uma tonalidade doutrinal ao seu desejo, a medida que inventam. E Freud alude a uma certa presença do delírio na teoria, ficção incontornável gerada nos infernos. É o que faz pensar que ao lado da coisa, e mesmo ao lado da causa, existe uma cauda freudiana escondida. Res ou resto pré-histórico que vem, paradoxalmente, por último.

João Perci Schiavon — psicanalista

O número 4 do periódico *Nicolau* (outubro de 1987) inclui um texto cujo título A COISA, A CAUSA, A CAUDA chamou minha atenção. Isso porque ao assinar na condição de psicanalista, o autor, João Perci Schiavon, destaca seu propósito de denunciar os males embutidos naquilo que ele denomina: mania de institucionalizar. Como por minha vez a *transmissão* me importa, como tenho assumido posições não apenas no plano da declaração de intenções (haja vista que elas se firmam no ato de fundação de uma instituição de *transmissão* em psicanálise — justamente denominada *Coisa Freudiana*) e como entendo que esse ato está posto em causa pelo texto de João Perci Schiavon, julgo-me não apenas no direito como no dever de responder.

Duplo dever quando considero que toda comunicação é um apelo que demanda resposta e, particularmente, quando levo em conta um possível efeito. Afinal, o diálogo supõe uma chance de luz, se for verdadeira a máxima que diz que ela — a luz — surge da discussão. Contudo, não quero abordá-la sem antes declinar meu respeito pelo gesto do meu interlocutor de fixar seus pensamentos em um escrito. Em princípio porque a letra é implacável na sua função de firmar uma posição subjetiva.

"A letra mata..." reprisa Lacan para sublinhar essa dimensão mortífera que — isso é sabido — os livre-pensadores tendem a evitar, posto que não é fácil renunciar aos sonhos de liberdade que a indeterminação alimenta. Em segundo lugar, porque em um meio como o nosso, atravessado pelo hábito da crítica entre buchichos de corredor, deve-se destacar a coragem de vir a público firmar um dizer para fazer dele um dito. Uma coragem que supõe uma transformação das posições éticas e abre as portas para a discussão da razão.

No mais, declaro que me é inconcebível a denúncia de uma 'mania de institucionalizar', porque admiti-la equivaleria a crer que o estado natural da experiência humana é o solitário, coisa que a psicologia consagra com a ambígua noção de "indivíduo". Ocorre que em psicanálise não há como falar de um sujeito a não ser na sua relação com o Outro, o que põe por terra a dicotomia 'individual/social' de uma maneira tão decisiva que Freud não vacila em afirmar:

"... deste modo a psicologia individual é ao mesmo tempo e desde um princípio psicologia social..." (1)

Simplesmente, a busca do Outro é o próprio do sujeito, donde se conclui que a experiência humana é social por natureza. Neste sentido o problema não é já a pretensa "mania de instituir" e sim a paixão que leva o sujeito a desconhecer o laço em que se funda e desdobra sua experiência. Lacan dá nome a essa paixão: ignorância.

Porém, é verdade que a tradição psicológica concebe a instituição como uma deformação da tendência social ao supor que o universo regado da instituição é contrário à livre subjetividade. A tradição psicológica imagina uma dimensão em que a intersubjetividade flui sem sofrer a coerção da presença do Outro. O modelo dessa utopia é a formação social espontânea: o grupo.

É fato que o 'grupo' é uma formação que se desenvolve espontaneamente atendendo às exigências da libido. Donde é fácil imaginar que o grupo é o modo natural de sociabilidade do homem. Contudo, seu caráter espontâneo não deve induzir em engano. Ocorre que a tendência do grupo é de conformar uma reunião desde que todo grupo — sem exceção — procede indefectivelmente por reunião. Notemos então que o fundamento da reunião é o traço unânimo (isto é: o significante mestre) coisa que a análise da língua mostra ao demonstrar que o paradigma: "união, reunião e comunhão" faz uma série homofônica e sinonímica. Um paradigma que revela que a metodologia e a estratégia dos grupos coincidem sempre na consolidação dos traços de União e a forçosa redução das diferenças. Isto porque a vocação espontânea de todo grupo é a de fazer um ou, mais precisamente, de fazer um todo.

O fato é que ao analisar no capítulo V (de sua *Psicologia das massas*) as duas massas artificiais — Igreja e Exército —, Freud o faz na esperança de decifrar aquilo que na massa espontânea fica encoberto: o segredo de sua coesão. A análise demonstra que o que liga os membros do grupo entre si é sempre uma identificação que os nivela ao tempo que os iguala na sua relação com um ideal. Não é muito difícil concluir que o fundamento do grupo é sempre da ordem da sugestão, isto é, da hipnose, como não é muito difícil deduzir que sua lógica é a do discurso do mestre. Ele — o significante mestre — funda um grupo homogêneo onde o semblante de igualdade disfarça, sob as aparências de virtude democrática, a união profundamente narcísica que o caracteriza.

Por que imaginar então que o grupo admite os duplos quando é evidente que o único aceito é aquele que é compatível com a reduplicação narcísica? Como sustentar que no grupo há lugar para o Outro se é óbvio que é somente a título de ideal que ele ingressa nisso? Como não entender — enfim — que o grupo é uma formação defensiva face ao objeto e, logo, a causa inconsciente?

Resta — é verdade — a alternativa do analista-solitário. Um ser avesso às instituições tanto quanto aos grupos e, por consequência, um ser puro: ele seria só. Digamos que se trata de uma espécie de Robinson Crusoe das psicanálises, ou seja, um cómico exemplar das ilusões da razão. Simplesmente porque um ana-

DA CAUSA DA COISA

Antonio Godino Cabas

ENSAIO (Teses, estudos): ÍNDICE ALFABÉTICO DE COLABORADORES

ANTÔNIO, João. *Como era nazista Martin Heidegger*. I (nº 12): 22-24, jun. 88.

A comprovação de que o filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) era filiado e membro ativo do partido nacional-socialista estourou como uma bomba nos meios intelectuais europeus.

———, *Berlim, Banda Ocidental*. III (nº 26): 16, 17, ago. 89.

———, *Escapadas*. I (nº 6): 10-13, dez. 87.

ALVES, Ernani Simas. *Em Busca da Atlântida, um Vazio no mar*. V (nº 37): 7, mar. 91.

Ernani Simas Alves, fala da cidade "em carne e osso", variável, que desapareceu na noite dos tempos.

ARAÚJO, Adalice. *Denise Roman: indeseñharias*. I (nº 9): 12, mar. 88.

Denise Roman pertence à geração de gravadores que freqüentam a Casa da Gravura do Solar do Barão. Os elementos que usa são seres humanos mágicos: duendes,

crianças, ou até mesmo, pessoas de seu universo cotidiano.

BARRACO, Helda, *Excerto de um discurso corporal*. V (nº 45): 8, set., out. 92.

Tradução de estudos de Galileu Galilei.

BENETTA, Cláudio, *Telejornalismo uma fórmula?* I (nº 3): 13. set. 87.

BRAND, Jaques. *Alpendre. Reiteração do Manifesto Tipográfico-Artesanal*. I (nº 2): 13, ago. 87.

Mostra a confecção de *Alpendre*, montado à mão, em tipos móveis, durante as aulas do curso de Composição Tipográfica, no Senai de Curitiba.

BRITTO, Jonard Muniz. *Sob o trópico de pernambucâncer*. IV (nº 35): 25, out., nov. 90.

Resistência Cultural.

BODNAR, Jane Sprenger. *A Pedra do Sísifo*. VII (nº 53): 12, maio, jun. 94.

A escritora investiga a pedra ancestral e desvenda o precioso que há por trás dos sonhos mais impossíveis.

BUCHMANN, Ernani. *Deus e a criação publicitária*. I (nº 5): 20, nov. 87.

CABAS, Antônio Godino. *Da causa da coisa*. I (nº 10): 24, abr. 88.

Antônio Godino Cabas, da Coisa Freudiana e de Clínica Lausanne, viu na tese publicada na seção "Painel" do *Nicolau* feita por João Perci Schiavon, da clínica Quarta Vila um repto e sai em defesa da "formalização", fazendo uma advertência: a recusa da formalização carece de porvir. Schiavon tem assegurado no *Nicolau* o espaço da tréplica.

———, *Da causa da coisa*. II (nº 13): 20, 21, jul. 88.

CALZA, Rose. *Telenovela, arte de rostos*. VI (nº 49): 26, jul., ago. 93.

A comunicóloga expõe as vísceras da TV e aponta vícios e acertos desse veículo inventado pelo russo Vladimir Kosma Zworkim no ano de 1922.

CANESE, Natália Krivoshein. *Que língua se fala no Paraguai?* II (nº 15): 12, set. 88.

Aborda o bilingüismo do Paraguai, apontando para o resgate e preservação da única língua indígena das

Américas que sobreviveu amplamente à hegemonia lingüística do conquistador.

CAVALLI, Francesca *Jardim Japonês*. III (nº 27): 8, 9, set., out., nov. 89.

"Os jardins japoneses são uma obra de arte perfeita, sublime."

COELHO, Teixeira. *A ilha de lugar nenhum*. III (nº 24): 18, 19, jun. 89.

O isolamento físico a que se submeteram todas as experiências utópicas, ou utopianas, aponta desde hoje para um sentido não muito animador.

COMNINOS, Maria Lambros. *Eros: um demônio*. III (nº 23): 16, 17, maio 89.

Estudo sobre a origem do mito Eros, o deus do amor.

CORONA, Ricardo. *Jívaros, os mirradores de cabeças*. VII (nº 5): 23, nov., dez. 93.

Macabro ritual dos Jívaros, tribo peruana.

DOMINGUES, Sérgio. *Os Filhos da Folha*. IV (nº 31): 16-18, mar. 90.

Expõe e analisa o sistema de atitudes e de condutas mentais de um líder Timbira.

DOVICHÍ, Vera Karacik; Antônio Augusto Lopes. *As cordas do coração*. VIII (nº 55): 22, 23, set., out. 94.

O cardiologista Antônio Augusto Lopes e a semioticista Vera Karacik Dovichi, radiografam a carne e o imaginário de um órgão que alterna, a cada milésimo de segundo, compassos de funeral e luz.

DOTTI, René Ariel. *Violência sem plumas*. V (nº 39): 7, jun., jul. 91.

Tema: A violência.

FERNANDES, Cunha. *Aroma, o código secreto*. VII (nº 52): 24, 25, mar., abr. 94.

O pesquisador desvela a via invisível que leva o perfume a ter perfume no perfume das flores.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Eudóxia de Bizâncio Imperatriz-poeta, autora e personagem*. II (nº 16): 10, 11, out. 88.

A pesquisadora resgata a figura desta poeta que, com a maré contra ou a favor, belamente fez seu próprio destino.

FILHO, Teófilo Bacha. *Excelência é a mãe!* V (nº 39): 23, jun., jul. 91.

Teófilo Bacha Filho inventa e desinventa as firulas da corte.

FLORIANI, Dimas. *Do Ouvir e do Olhar*. II (nº 18): 24, dez. 88.

O social e suas representações (primeiras anotações).

Olhar: Vários pontos de vista sobre o que se vê e o que se quer ver.

———, *América*. III (nº 27): 18, 19, set., out., nov. 89.

O ideal de vida norte-americano sofre hoje seus sérios desafios desde a 2ª Guerra Mundial.

FONTOURA, Ivens. *Semeadura do semeador, um símbolo para a nossa gente*. I (nº 5): 10, nov. 87.

Erbo Stenzel, escultor paranaense que, com Zaco Paraná e João Turin, formava o triângulo da melhor escultura das araucárias na 1ª metade do século, fez o *Semeador*, escultura que hoje se erige sobre o bloco de granito, com cerca de 3 metros de altura, na Praça Eufrásio Correia, entre a antiga Estação Ferroviária (hoje Museu Ferroviário) e a Câmara Municipal de Curitiba (antiga Assembléia Legislativa do Paraná).

FREIRE, Roberto. *A solidão do anarquista*. II (nº 15): 24, set. 88.

O somaterapeuta Roberto Freire fala especialmente para Nicolau sobre a solidão.

GALILEI, Galileu. *Excerto de um discurso corporal*. VI (nº 45): 08, set., out. 92.

Tradução de Helda Barraco. Galilei, Galileu, astrônomo, físico, matemático italiano.

GOMES, Denise. *Elefante, entre o luto e a epifania*. VI (nº 51): 08, 09, nov., dez. 93.

Denise Gomes decifra os mistérios desse animal que, no imaginário arquetípico, tinha asas e voava em liberdade pelo céu (Mito).

GOMES, Renato Bittencourt. *Moda e contestação visual*. IV (nº 36): 8, 9, dez. 90/jan. 91.

O antropólogo Renato Bittencourt discute até que ponto, embora dissonante, a invasão da moda só faz criar outro padrão.

GUMZ, Gertrude; José Leão Wantall. *Anasagi. De volta à infância da escrita*. V (nº 40): 26, 27, ago., set. 91.

De volta ao passado, resgata as memórias de um povo extinto.

IRUSTA, Norberto Carlos. *A loucura: uma aventura*. III (nº 21): 10, mar. 89.

"Neste círculo absurdo, em que nada faz muito sentido, quem é o louco e quem é o lúcido?"

JACON, Nitis. *Cantar liberdade*. IV (nº 35): 26, out., nov. 90.
Resistência Cultural.

JOSEF, Bella. *América, América, um sonho imemorial*. VI (nº 46): 08, 09, nov., dez 92.

JUNIOR, Key Imaguire. *Cronologia preliminar da arte gráfica no Paraná*. I (nº 8): 22, 23, fev. 88.

Um estudioso dos quadrinhos, o idealizador da Gibiteca, fez um apanhado das artes gráficas do Estado, desde os idos de mil oitocentos e pouco até os dias atuais.

——, Wili Eisner. V (nº 38): 24, 25, abr., maio 91.

Estudo sobre o clássico dos quadrinhos.

JUNIOR, Valério Hoerner. *O outro lado da história*. IV (nº 36): 18, 19, dez. 90/jan. 91.

O pesquisador Valério Hoerner Jr. lança cortante olhar no avesso da história e faz a crônica dos vencidos "maragatos", em contraposição à dos vitoriosos "pica-paus".

KATZ, Chaim. *Loucura, a lei dos homens intramuros*. VI (nº 43): 08, 09, maio, jun. 92.

O psicanalista Chaim Katz investiga os espaços imaginários da loucura e traz à luz o campo minado dessa "diferença" que, para Foucault, entorpeceu os homens e iluminou os anjos.

KAWAI, Mitsuko. *Simples Sons*. IV (nº 31): 25, mar. 90.

Estudo sobre o Tanka, a forma de poema mais antiga do Japão.

KUBOTA, Marília. *Kendô, o caminho da espada*. V (nº 41): 12, 13, out., nov. 91.

Mistérios do Kendô, arte milenar japonesa que faz da espada um exercício de humildade.

LACERDA, Maria Thereza. *As armas e os barões assim chamados*. III (nº 17): 12, 13, nov. 88.

Relato sobre notícias de nobres famílias como a dos Barões do Serro Azul, de Monte Carmelo, da Trave-no-olho,

das condessas de Maragatéria e das Viscondesas Comigo-ninguém-pode.

———, *Franceses-Brasileiros. Brasileiros-Franceses*. III (nº 28): 10, 11, dez. 89.

Relato bem-humorado onde o troca-troca das nacionalidades seria possível.

LEAL, Sônia Guedes do Nascimento; William Alves de Prado. *A dor da medula à fábula*. VII (nº 53): 26, 27, maio, jun. 94.

Finos terminais nervosos são como um pânico. Cabos nervosos em feixes. "É preciso tecer em torno da dor...".

LEÃO, Geraldo. *Uma rosa, uma rosa, uma rosa, rossana*. I, (nº 3): 4, set. 87.

Via de acesso ao trabalho de Rossana Guimarães: pintura em acrílico (77); "construções de estrelas" (84).

LEITE, Hélio. *Botão, o último Graal*. III (nº 25): 20, 21, jul. 89.

Histórico do botão.

LEMINSKI, Paulo. *Quando fomos Holanda*. III (nº 24): 10, 11, jun. 89.

Último texto de Leminski. Radiografa aqui os anos em que o Brasil viveu o sonho de, um dia ser um país.

LOSNAK, Marcos. *Interdito: Sexo, Letras e Proibições*. III (nº 23): 12, 13, maio 89.

A palavra "proibir" tem sido a delícia das instituições que se julgam no direito de preservar "a moral e os bons costumes".

LUCAS, Nicolas. *Em Busca do Folclore Perdido*. III (nº 19): 5, jan. 89.

Fandango, o supra-sumo do folclore paranaense.

MACHADO, João Carlos. *Caos, a matemática da dispersão*. V (nº 41): 24, 25, out., nov. 91.

O matemático João Carlos Machado vai às origens do Caos.

———, *Alquimia, quando o carvão acorda ouro*. VI (nº 44): 18-20, jul., ago. 92.

O aprendiz de feiticeiro, João Carlos Machado, viaja a Paris no séc. XII e, num encontro imaginário com o alquimista Nicolas Flamel, refaz, através da leitura do tarô, o percurso humano que flui do caos à música interna do ouro.

MAIA, Marcello. *Sain't Hilarie - delírio e febre. nas selvas do Brasil*. VI (nº 44): 26-28, jul., ago. 92.

Seguindo os passos do botânico francês Saint-Hilarie (1779-1853), o pesquisador Marcello Maia resgata aventuras e textos desse viageiro.

MAGALHÃES, Anna Maria Terra. *Nabokov: O olhar afiado*. V (nº 41): 18, 19, out., nov. 91.

Relato de uma das famosas aulas de Vladimir Nabokov nas universidades de Wellesley e Cornell/EUA.

———, *Teologia dos Cometas*. IV. (nº 35): 7, out., nov. 90.

Dono de um inegável conhecimento astronômico, o padre Antônio Vieira ocupou-se não só do registro de eventos celestes, mas elaborou a sua própria concepção dos cometas.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Wayugo, a magia da canoa*. VI (nº 46): 23, nov., dez. 92.

O antropólogo polonês pesquisou, em 1914, na Nova Guiné, Melanésia, os mistérios de um rito (traduzido do inglês por Anton Carr).

MANFREDINI, Luiz Gezuar, *Shqiperi!* (Um brinde à Albânia). I (nº 3): 20, set. 87.

MARTINS, Wilson. *Um Agente Secreto da Coroa Portuguesa na Amazônia: Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815)*. II (nº 17): 16-19, nov. 88.

Wilson Martins, apoiado em outros grandes historiadores, resgata a importância dessa personalidade singular: Alexandre Rodrigues Ferreira que, disfarçado de cientista, agia silenciosamente na mata Amazônica, como agente secreto da Coroa Portuguesa.

MASCARENHAS, Eduardo. *Narcisismo e Amor*. III (nº 20): 9, fev. 89.

"Se há excesso de amor sem ser investido, tudo perde o sentido."

MEDEIROS, Sérgio. *Perseu*. VI (nº 48): 08, 09, maio, jun. 93.

O pesquisador Sérgio Medeiros traz à luz novos aspectos de Perseu, herói mitológico.

MEIRINHO, Flávio. *Colapsar, provável início e fim do Universo*. IV (nº 36): 10, 11, dez. 90/jan. 91.

O físico Flávio Meirinho detalha para o Nicolau o intrigante fenômeno estelar dos buracos negros.

———, *A Seta do Tempo*. IV (nº 29): 13, jan. 90.

Conceito relativista do tempo.

———, "*Quark, O último substrato conhecido da matéria*". IV (nº 34): 7, ago., set. 90.

Algo infinitamente pequeno chamado "quark" carrega a maior energia do universo. A palavra foi retirada de "*Finnegans Wake*", de Joyce.

MENDES, Berenice. *Memória de David*. IV (nº 36): 27, dez. 90/jan. 91.

Berenice Mendes evoca a importância do historiador David Carneiro (1904-1990).

MENEZES, Philadelpho. *Realidade Virtual*. VI (nº 48): 19, maio, jun.. 93.

A realidade é forma virtual da imaginação. Ícones, Céu estrelado, a imensidão e o nada em volta. Virtuose do quase.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. *Design, artefatos e cultura material*. IV (nº 31): 22, 23, mar. 90.

MERCURI, Edison. *Máscaras do Cotidiano. Da Mortalha ao corpo e da persona à máscara*. I (nº 9): 20, mar. 88.

Uma observação das máscaras e fantasias usadas durante o Carnaval. "O nu se expõe como sofisticada indumentária e as faces maquiadas se impõem como retrato fidedigno das próprias pessoas a quem disfarçam."

MIRANDA, Luli. *Guarani: primeiras luzes*. I (nº 2): 12, ago. 87.

Estudo da Língua Indígena, O Guarani, falado no Paraguai, norte da Argentina, sul do Brasil e Bolívia, por cerca de quatro milhões de pessoas.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Universos-Ilhas*. III (nº 24): 18, 19, jun. 89.

Universos-ilhas, nebulosas fora da Via Láctea.

———, *Lua de Outono*. V (nº 38): 7, abr., maio 91.

O astrônomo aponta o céu e descreve as horas a mais de luz da mais leve das luas, a lua de outono.

———, *Galileu e a Ciência Moderna*. IV (nº 30): 24, 25, fev. 90.

"O telescópio revelou o que o homem não viu e balançou a terra."

——, *Arco-íris, do mito à Física*. IV (n° 33): 11, maio, jun., jul. 90.

Nicolau revela o reflexo e a reflexão. Atrás do arco-íris que não morreu...

——, *Teologia dos Cometas*. IV (n° 35): 7, out., nov. 90.

Estudo sobre os Cometas.

NETO, Arthur Tramujas. *Te cuida, tchê!* V (n° 37): 15, fev., mar. 91.

"Nada vos une mais ao Rio Grande que o chimarrão."

NETO, Felício Raitani. *Cetra*. IV (n° 36): 7, dez. 90/jan. 91.

Estudo sobre a terminologia da terrível arma com a qual Davi abateu o gigante Golias, com variação a cada região.

NETO, Miguel Sanches. *A Paisagem Assassinada*. VI (n° 50): 24, 25, set., out. 93.

O ensaísta propõe um novo olhar para se entender esses deslocamentos do corpo pelo safári do mundo.

NOVINSKY, Anita. *A "Santa" Inquisição de Galileu*. III (n° 26): 8, 9, ago. 89.

Criado com o feroz sistema de controle, elaborado pela Igreja para acabar com os movimentos heréticos que

surgiram em protesto à corrupção que corria solta entre o clero.

NUNES, Sebastião. *A Hidra de Lerna e o poeta brasílico*. IV (nº 35): 25, out., nov. 90.

Resistência Cultural.

OLIVEIRA, José João de, e Fernando Antonio de Carvalho Dantas. *Terra sem mal*. IV (nº 32): 20, 21, abr. 90.

Projeto de sobrevivência dos nossos índios que *Nicolau* põe em discussão.

PERLONGHER, Néstor. *Santo Daime 1º discreto charme do sagrado*. V (nº 40): 08, 09, ago., set. 91.

O escritor argentino desvenda os segredos da "Ayahuasca", droga natural preparada a partir de um cipó amazônico.

PIGNATARI, Décio. *A TV na era plural*. II (nº 18): 12, 10, dez. 88.

"Mass media em metamorfose, massificação e desmassificação, diacronia e sincronia: reciclagem de idéias de matérias..."

PINTO, Roquette Cláudia. *Resistência cultural, novos tempos*. IV (nº 35): 24, out., nov. 90.

Resistência Cultural.

PRADO, William Alves do e Sônia Guedes do Nascimento Leal. *Da medula à fábula*. VII (n° 53): 26, 27, maio, jun. 94.

Estudo sobre os terminais nervosos.

Projeto Gérmem. *A Nova Arquitetura*. II (n° 13): 16, jul. 88.

O projeto Gérmem, grupo de estudos formado nos ateliês da Universidade Federal do Paraná em 85, vem refletindo sobre as questões que tornam a sociedade e a arquitetura contemporâneas. O projeto Gérmem é formado pelos arquitetos paranaenses Antônio Gonçalves Jr., Aurélio Sant'Anna, Frederico Carstens, Rossano Fleith e Mário César Costenaro.

PUPPI, Alberto. *Antidotação artística e desenho industrial*. I (n° 1): 22, 23, jul. 87.

Abrange questões sobre a delicada e contundente questão contemporânea da antiarte moderna.

———, *Eliane Prolik: Antiobras antidotadas na Bienal, 87*. I (n° 4): 22, out. 87.

Trabalho Heliográfico (heliogravuras), única representante do Paraná na Bienal 87.

PUPPI, Ubaldo. *Trabalho e Lazer: operosidade e eutrapelia*. III (nº 19): 12, jan. 89.

Desde o início o ser humano se depara com uma questão básica e provocante: Ócio ou Negócio? Lazer ou fazer? Pressa ou preguiça?

———, *Labirinto: Entrada e saída*. II (nº 16): 25, out. 88.

A razão, a vontade, a práxis, o desconhecido, o desejo, o duplo, o abismar-se, o desvelamento.

———, *Metáfora de uma ilha*. III (nº 24): 21, 22, jun. 89.

O filósofo discorre sobre os vários significados do significante Utopia e seu ancoramento histórico.

———, *Artes, desartes, descartes, Descartes*. IV (nº 33): 10, maio, jun., jul. 90.

Continuando o sonhar do mosaico, Nicolau descortina outra faceta da diária revelação noturna. Jogo de achar.

PUGLIELLI, Hélio de Freitas. *Erasmus em 27 flagrantes*. IV (nº 32): 22, 23, abr. 90.

Trajetória de Erasmo Pilotto, autor de ensaios sobre Hoelderlin, Leonoardo, Mallarmé, Nietzsche, Tolstoi, Epíteto e, principalmente, Spinoza e Goethe.

REYKAJAVAK, Francis. *Agno, morte ritual no verão*. V (nº 42): 8, 9, mar., abr. 92.

RIBEIRO, Leo Gilson. *Estiagem Cultural na República das Bananas*. II (nº 15): 13, set. 88.

É preciso escancarar fronteiras e porteiras, é preciso o livre ir e vir de gentes e idéias, para que, sem compartimentos e comportamentos estanques, a cultura flua, supérflua.

RODRIGUES, Newton. *Do desperdício ao caos*. IV (nº 35): 25, out., nov. 90.

Resistência Cultural.

SANTAELLA, Lúcia. *Ilha Eletrônica*. III (nº 24): 7, jun. 89.

"Ilha de edição é recurso imprescindível para a montagem da multiplicidade de fragmentos da imagem videográfica."

SANTIAGO, Silvano. *Os desastres de Sophia*. IV (nº 35): 26, out., nov. 90.

Resistência Cultural.

SARDI, Miguel Chase. *O amor entre os Nivacle*. II (nº 18): 16, 17, dez. 88.

Estudo das culturas latino-americanas.

Tradução de Josely Vianna Baptista.

———, *Religião Guarani*. II (n° 14): 16, ago. 88.

Para os Guaranis a religião é o eixo na qual giram os signos de sua cultura.

SATO, Eliane Eme. *Caligrafia: um eterno movimento*. I (n° 6): 8, 9, dez. 87.

Arte: shodô, shuji, milenar arte japonesa de ordem espiritual.

———, *Origami: graças às garças*. III (n° 19): 11, jan. 88.

———, *Manhã de Nevoa, pinceladas japonesas*. II (n° 15): 16, 17, set. 88.

SCHELESENER, Anita. *Eternidade, um fogo vivo*. V (n° 38): 11, abr., maio 91.

Reflexão sobre a eternidade.

SCHERNER, Leopoldo. *800 anos de Língua Portuguesa*. III (n° 27): 20, 21, set., out., nov. 89.

Analisa a cantiga da Ribeirinha, o mais antigo texto literário em língua portuguesa.

SCLIAR, Moacyr. *Resistir, verbo transitivo*. IV (nº 35): 24, out., nov. 90.

Resistência Cultural.

SHIAVON, João Perci. *Razões de não ser*. II (nº 13): 21, jul. 88.

Tréplica do texto de Antonio Godino Cabas, publicado no *Nicolau* 10.

SILVA, Deonísio da. *Aqui jaz-mim*. IV (nº 35): 22, out., nov. 90.

Projeto de Freud.

SOUZA, Newton Stadler de. *Colônia Cecília, uma ilha anarquista do Paraná*. III (nº 24): 20, jun. 89.

Colônia Cecília, próximo a Palmeira e Santa Bárbara: a experiência transgressora de uma vida mais vivida, mais livre e mais solta de normas rígidas.

STEIN, Gertrude. *Botão o último Graal*. III (nº 25): 20, 21, jul. 89.

TARQUÍNIO Tomás Togni. *Ecologia. Ecologismos*. II (nº 16): 16, out. 88.

Profecias, fauna e flora, queimadas, vida, estio, agrotóxicos, ameaça nuclear, morte, apocalipses. O paraíso está perdido?

VIEIRA, Maria Cristina de Andrade. *Desafio estimulante*. IV (nº 35): 24, out., nov. 90.

Resistência Cultural.

WALTER, Georg. *Cérebro, a máquina perfeita*. VI (nº 51): 14, 15, nov., dez. 93.

O neurologista Georg Walter e o semiótico brasileiro Norval Baitello Jr. tentam elucidar o mecanismo do cérebro.

XAVIER. Valêncio. *Bala Zequinha*. III (nº 20): 12, 13, maio 89.

Primeiro e único estudo "sério" sobre as figurinhas de coleção.

ENSAIO: ÍNDICE DE MATÉRIAS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO

NICOLAU I (nº 1): 22, 23, jul. 87. *Antidotação artística e Desenho industrial.*

Ensaísta: Alberto Puppi, poeta, designer e semioticista.
Abrange questões sobre a delicada e contundente questão contemporânea da antiarte moderna. Para o professor, "o significado dos objetos moduláveis não se limita mais à descoberta dos paramorfismos no plano da obra (...)". O resultado final de um objeto modulado é sempre um produto misto, onde entram a criatividade do designer e do consumidor.

NICOLAU I (nº 2): 12, ago. 87. *Guarani: primeiras luzes.*

Ensaísta: Luli Miranda.

Estudo da Língua Indígena, o Guarani, falado no Paraguai, norte da Argentina, sul do Brasil e Bolívia, por cerca de quatro milhões de pessoas.

NICOLAU I (nº 2): 13, ago. 87. *Alpendre. Reiteração do manifesto tipográfico-artesanal.*

Ensaísta: Jaques Brand.

Mostra a confecção de *Alpendre*, montado à mão, em tipos móveis, durante as aulas do curso de Composição Tipográfica, no SENAI de Curitiba.

NICOLAU I (nº 3): 4, set. 87. *Uma rosa, uma rosa, uma rosa, rossana.*

Geraldo Leão, artista plástico.

Estudo sobre o trabalho de Rossana Guimarães, desde suas pinturas em acrílico, uma organização mais rigorosa de suas palavras/estrelas, até às "construções de estrelas" (Mac 84), obras sobre papel de projeto quadriculado como caderno infantil.

NICOLAU I (nº 3): 13, set. 87. *Telejornalismo: uma fórmula?*

Cláudio Beneta, jornalista da TV Paranaense, Canal 12.

Aborda questões sobre a reportagem de televisão que exige 90% de fórmula e 10% de talento.

NICOLAU I (nº 3): 20, set. 87. *Gesuar, Shqiperi!*

(Um brinde à Albânia)

Luiz Manfredini, jornalista e escritor.

Relato sobre a Albânia, a riqueza do seu processo democrático com 33 mil cargos preenchidos através de eleições diretas (e secretas) realizadas de quatro em quatro anos.

NICOLAU I (nº 4): 22, out. 87. *Eliane Prolik: Antiobras Antidotadas na Bienal' 87.*

Alberto Puppi, poeta, designer, semioticista.

Análise de trabalho de Eliane Prolik, que vem desenvolvendo um conseqüente trabalho heliográfico, com suas formas de impressão gravadas em baixo-relevo.

NICOLAU I (nº 5): 10, nov. 87. *Semeadura do Semeador, um símbolo para a nossa gente.*

Ivens Fontoura, mestre em Desenho Industrial.

Argumentos em favor da apropriação da obra-prima de Jan Zak, menino polonês, criado na Restinga Seca, à margem da ferrovia e perto da terra, que viria a ser um dos grandes mestre da escultura do Paraná.

NICOLAU I (nº 5): 20, nov. 87. *Deus e a criação publicitária.*

Ernani Buchmann, escritor.

Análise da produção dos publicitários brasileiros, como: Tião Maia, Olacyr de Moraes, Neil Ferreira, Hans Dammann, Washington Olivetto, Petit e Zaragoza, (2ª geração) além de outros.

NICOLAU I (nº 6): 8, 9, dez. 87. *Caligrafia: um eterno movimento.*

Eliane Eme Sato, estudante de Comunicação da UEL.

Estudo da arte caligráfica - shodô (caminho para a perfeição, caminho que leva ao nada) - cujos primeiros traços devem ter chegado ao Brasil a bordo do Kasato-Maru que, em 18 de junho de 1908, ancorou no porto de Santos, com os imigrantes vindo da terra da "Fontes do Sol", o Japão.

NICOLAU I (nº 6): 10-13, dez. 87. *Escapada - Considerações em torno à censura imposta a um jornal alternativo, Movimento nos anos 1975-1981.*

João Antônio, escritor, autor de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*.

Revisitação da ditadura nas redações, reunindo textos do Jornal "Movimento" que a censura do Sr. Armando Falcão cortou em nome dos "Valores cristãos e ocidentais" que também presidiam às seções da tortura.

NICOLAU I (nº 8): 22, 23, fev. 88. *Cronologia preliminar da arte gráfica no Paraná.*

Key Imaguire Júnior, arquiteto e quadrinhólogo.

Como estudioso dos quadrinhos, idealizador da gibiteca e o maior colecionador de gibis do Paraná, além de crítico, faz um apanhado das artes gráficas no Estado.

NICOLAU I (nº 9): 12, mar. 88. *Denise Roman: indeseñharias.*

Adalice Araújo, professora titular de História da Arte UFPR.

Estudo do trabalho de Denise Roman, que pertence à novíssima geração de gravadores paranaense que freqüentam a Casa da Gravura do Solar do Barão.

NICOLAU I (nº 9): 20, mar. 88. *Máscaras do Cotidiano. Da mortalha ao corpo e da persona à máscara.*

Edison Mercuri, professor de psicologia do personagem no Curso de Artes Cênicas da PUC/PR.

Ensaio baseado na simples observação das máscaras e fantasias usadas durante o Carnaval: "O nu se expõe como sofisticada indumentária e as faces maquiadas se impõem como retrato fidedigno das próprias pessoas a quem disfarçam." (...)

NICOLAU I (nº 10): 24, abr. 88. *Da causa da coisa.*

Antônio Godino Cabas, membro da *Coisa Freudiana*.

Crítica feita a João Perci Schiavon, da Clínica Quarta Vila, contendo advertências em relação a certos procedimentos.

NICOLAU I (nº 12): 22-24, jun. 88. *Como era nazista Martin Heidegger.*

João Antônio, escritor.

Estudo sobre Martin Heidegger, uma das maiores cabeças da filosofia neste século.

NICOLAU I (nº 13): 16, jul. 88. *A nova Arquitetura.*

Projeto Gérmen, formado pelos arquitetos paranaense: Antônio Gonçalves Júnior, Aurélio Sant'Anna, Frederico Carstens, Rossano Fleith e Mário Cesar Costenaro.

Reflexão sobre as questões que tornam a sociedade e a arquitetura contemporâneas.

NICOLAU I (nº 13): 20, 21, jul. 88. *Psicanálise - da Causa da Coisa.*

Antônio Godinho Cabas, membro da "Coisa Freudiana".

Questionamento sobre o texto de João Perci Schiavon, da Clínica Quarta Vila, que faz referência a certa "mania de institucionalização" existente nos movimentos psicanalíticos.

NICOLAU I (nº 13): 21, jul. 88. *Psicanálise. Razões de não ser.*

João Perci Schiavon, psicanalista.

Tréplica do texto de Antônio Godino Cabas, publicado no *Nicolau* nº 10.

NICOLAU I (nº 14): 16, ago. 88. *Religião Guarani.*

Miguel Chase Sardi, coordenador do Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica de Asunción.

Estudo sobre a religião dos Guaranis, eixo no qual giram os signos de sua cultura.

NICOLAU II (nº 15): 12, set. 88. *Que língua se fala no Paraguai.*

Natália Krivoshein Canese, professora de língua Guarani en la Universidad Católica de Asunción, aborda, neste texto, "o bilingüismo do Paraguai, apontando para a importância de uma política educacional voltada para o resgate e preservação da única língua indígena das Américas que sobreviveu amplamente à hegemonia lingüística do conquistador."

NICOLAU II (nº 15): 13, set. 88. *Estiagem Cultural na República das Bananas.*

Leo Gilson Ribeiro.

Aborda questões sobre a cultura que, sem compartimentos estanques, possa fluir, supérflua, acompanhando o livre ir e vir de gentes e idéias.

NICOLAU II (nº 15): 16, 17, set. 88. *Manhã de névoa-pinceladas japonesas.*

Eliane Eme Sato, jornalista.

Estudo sobre as artes milenares do Japão.

NICOLAU II (nº 15): 24, set. 88. *A solidão do anarquista.*

Roberto Freire, escritor.

O somaterapeuta fala sobre a solidão.

NICOLAU II (nº 16): 10, 11, out. 88. *Eudóxia de Bizâncio, Imperatriz-poeta.*

Jerusa Pires Ferreira, autora e personagem.

A pesquisadora resgata a figura desta poeta que, com a maré contra ou a favor, fez seu próprio destino.

NICOLAU II (nº 16): 16, out. 88. *Ecologia, Ecologismos.*

Tomás Togni Tarquínio, economista e antropólogo.

Estudo sobre a ecologia que parece ter deixado o domínio da ciência para alcançar o da alegoria.

NICOLAU II (nº 16): 25, out. 88. *Labirinto: entrada e saída.*

Ubaldo Puppi, professor de Filosofia.

Estudo sobre o labirinto em vários contextos.

NICOLAU II (nº 17): 12, 13, nov. 88. *As armas e os barões assim chamados.*

Maria Thereza Lacerda, bibliotecária.

Relato sobre notícias de nobres famílias como a dos Barões do Serro Azul, de Monte Carmelo, da Trave-no-Olho, das condessas de Maragatéria e das Viscondessas Comigo-Ninguém-Pode.

NICOLAU II (nº 17): 16-19 nov. 88. *Um Agente Secreto da Coroa Portuguesa na Amazônia: Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815).*

Wilson Martins, New York University.

Resgata a importância de Alexandre Rodrigues Ferreira que, disfarçado de cientista, agia silenciosamente na mata Amazônica, como agente secreto da Coroa portuguesa.

NICOLAU II (nº 18): 12, dez. 88. *A TV na era plural.*

Décio Pignatari, semiótico.

Estudo sobre os meios de massa (todos os sistemas de signos), "que passam por três períodos definidos em seu envolver diacrônico, períodos esses, por sua vez, afetados por uma brevidade crescente, à medida que se difundem e que a tecnologia avança."

NICOLAU II (nº 18): 16, 17, dez. 88. *O amor entre os Nivacle.*

Miguel Chase Sardi, coordenador da CEADUC - Centro de Estudos Antropológicos de la Universidad Católica de Asunción.

Estudo das culturas latino-americanas (tradução de Josely Vianna Baptista).

NICOLAU II (nº 18): 24, dez. 88. *Do Ouvir e do Olhar. O social e suas representações (primeiras anotações).*

Dimas Floriani, professor de Política da UFPR.

Estudo dos vários pontos de vista sobre o olhar e o ouvir, qualidades que não devem ser privilégio unicamente dos psicanalistas.

NICOLAU III (nº 19): 5, jan. 89. *Em Busca do Folclore Perdido.*

Nicolas Lucas, jornalista.

Estudo do folclore paranaense: o Fandango, termo usado hoje para designar um conjunto de danças, ritmos e tradições típicas do sul do país.

NICOLAU III (nº 19): 11, jan. 89. *Origami: Graças às Garças.*

Eliane Eme Sato, jornalista.

Estudo do Origami, do japonês ori (dobrar) e kami (papel): uma arte surgida no Japão medieval, para a qual oriente e ocidente, gregos e troianos hoje se dobram.

NICOLAU III (nº 19): 12, jan. 89. *Trabalho e Lazer: operosidade e eutrapelia.*

Ubaldo Puppi, professor de Filosofia.

Estudo sobre o ócio (ou negócio), lazer (ou fazer), vasculhando os mitos e exemplos históricos.

NICOLAU III (nº 20): 9, fev. 89. *Narcisismo e Amor.*

Eduardo Mascarenhas, psicanalista.

Estudo sobre o Narcisismo, um estado psicológico em que a libido (tesão) é dirigida ao próprio ego e toda a atenção voltada ao próprio umbigo.

NICOLAU III (nº 20): 12, 13, maio 89. *Bala Zequinha.*

Valêncio Xavier, escritor.

Primeiro e único estudo "sério" sobre as figurinhas de coleção.

NICOLAU III (nº 21) 10, mar. 89. *A loucura: uma aventura.*

Carlos Norberto Irusta, psicanalista.

Estudo do tema: a loucura, traçando pontos que ligam este ao prazer e pecado, pequeno sonho e devaneios até o cerne de toda a questão, e o desejo levado à sexualidade. Para o psicanalista: "A loucura é extensivamente humana."

NICOLAU III (nº 23): 16, 17, maio 89. *Eros: um demônio.*

Maria Lambros Comninos, professora de Língua e Literatura Grega da UFPR.

Estudo sobre a origem do mito Eros, o deus do amor.

NICOLAU III (nº 23): 12, 13, maio 89. *Interdito: Sexo, Letras e Proibições.*

Marcos Losnak, escritor.

Estudo sobre a censura e proibição de livros de temática erótica ou com menções sexuais que fazem parte da literatura.

NICOLAU III (nº 24): 7, jun. 89. *Ilha Eletrônica.*

Lúcia Santaella, professora do programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

Estudo e considerações sobre a Ilha de edição, recurso imprescindível para a montagem da multiplicidade de fragmentos da imagem videográfica.

NICOLAU III (nº 24): 10, 11, jun. 89. *Quando fomos Holanda.*

Paulo Leminski, poeta paranaense.

Último texto de Leminski que radiografa os anos em que o Brasil viveu o sonho de um dia ser um país.

NICOLAU III (nº 24): 18, 19, jun. 89. *Universos-Ilhas.*

Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, astrônomo.

Estudo sobre o que Kant designou de universos-ilhas, nebulosas que se situam, segundo o astrônomo Ewin Hubble, fora da Via-Láctea.

NICOLAU III (nº 24): 18, 19, jun. 89. *A ilha de lugar nenhum.*

Teixeira Coelho, professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Estudo sobre o isolamento físico a que se submeteram todas as experiência utópicas, ou utopianas, apontando para um sentido não muito animador.

NICOLAU III (nº 24): 20, jun. 89. *Colônia Cecília, uma ilha anarquista do Paraná.*

Newton Stadler de Souza, professor da PUC-PR.

Avaliação sobre a Colônia Cecília, próximo a Palmeira e Santa Bárbara, vivendo uma experiência transgressora de uma vida mais vivida, mais livre e mais solta de normas rígidas.

NICOLAU III (nº 24): 21, 22, jun. 89. *Metáfora de uma ilha.*

Ubaldo Puppi, filósofo.

Estudo sobre a Utopia, vocábulo de origem grega, que surgiu para nomear a Ilha em que Thomas More situou seu projeto de uma sociedade ideal.

NICOLAU III (nº 25): 20, 21, jul. 89. *Botão: o último Graal.*

Gertrude Stein.

Relato de um estudo sobre "o Botão", feita por Hédio Leites, o maior experto no ramo, Secretário da Associação Internacional dos Colecionadores de Botão (Assintão).

NICOLAU III (nº 26): 8, 9, ago. 89. *A Santa Inquisição de Galileu.*

Anita Novinsky, professora de História do Brasil, da USP. Estudo sobre o Tribunal da Inquisição, sistema de controle criado pela Igreja para acabar com os movimentos heréticos que surgiram em protesto à corrupção que corria solta entre o clero.

NICOLAU III (nº 26): 16, 17, ago. 89. *Berlim' Banda Ocidental.*

João Antônio, escritor.

Estudo sobre Berlim, desse final de século: levando o peso de uma história feita de miséria e grandezas.

NICOLAU III (nº 27): 8, 9, set., out., nov. 89. *Jardim Japonês.*

Francesca Cavalli, professora de História da Arte.

Estudo sobre os jardins japoneses, obras de arte perfeitas.

NICOLAU III (nº 27): 18, 19, set., out., nov. 89. *América.*

Dimas Floriani.

Estudo sobre as condições de vida norte-americana, que sofre seus mais sérios desafios desde a 2ª Guerra Mundial.

NICOLAU III (nº 27): 20, 21, set., out., nov. 89. *800 anos de Língua Portuguesa*

Leopoldo Scherner, professor.

Analisa a cantiga da Ribeirinha, o mais antigo texto literário em língua portuguesa.

NICOLAU III (nº 28): 10, 11, dez. 89. *Franceses - brasileiros/ brasileiros - franceses.*

Maria Thereza Lacerda, escritora.

Relato bem-humorado onde o troca troca de nacionalidades seria possível.

NICOLAU IV (nº 29): 13, jan. 90. *A Seta do Tempo.*

Flávio Meirinho, professor de Física e Química - UFPR.

Estudo do conceito de Tempo, conceituação relativista resultante de toda uma reformulação da mecânica clássica que levou à criação da Teoria da Relatividade de Einstein.

NICOLAU IV (nº 30): 24, 25, fev. 90. *Galileu e a Ciência Moderna.*

Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, astrônomo.

Estudo sobre os conceitos da ciência desde Galileu até os tempos atuais.

NICOLAU IV (nº 31): 16-18, mar. 90. *Os Filhos da Folha*.

Sérgio Domingues, filósofo.

Expõe e analisa o sistema de atitudes e de condutas de um líder Timbira.

NICOLAU IV (nº 31): 22, 23, mar. 90. *Design, artefatos e cultura material*.

Ulpiano Bezerra de Meneses, professor do Departamento de História da USP. Estudo sobre o desenho, a capacidade de projetar artefatos (Artefato e Cultura), sua função e ambigüidades.

NICOLAU IV (nº 31): 25, mar. 90. *Simple songs*.

Mitsuko Kawai, redatora e tradutora.

Estudo sobre o Tanka, a forma de poema mais antiga do Japão.

NICOLAU IV (nº 32): 20, 21, abr. 90. *Terra sem mal*.

José João de Oliveira, sociólogo.

Fernando Antonio de Carvalho Dantas, indigenista.

Estudo e discussão sobre o projeto de sobrevivência dos índios brasileiros.

NICOLAU IV (nº 32): 22, 23, abr. 90. *Erasmus em 27 flagrantes.*

Hélio de Freitas Puglielli.

Trajetória de Erasmus Pilotto, autor de ensaios sobre Hölderlin, Leonardo, Mallarmé, Nietzsche, Tolstói, Epíteto e principalmente Spinoza e Goethe.

NICOLAU IV (nº 33): 11, maio, jun., jul. 90. *Arco-íris. Do mito à física.*

Ronaldo Mourão, astrônomo.

Estudo sobre o fenômeno do arco-íris, formado em virtude da refração da luz solar nas gotas da chuva e/ou nas gotículas da bruma e do nevoeiro e até mesmo nas fontes e/ou chafarizes.

NICOLAU IV (nº 33): 10, maio, jun., jul. 90. *Artes, desartes, descartes, Descartes.*

Ubaldo Puppi, filósofo.

Estudo sobre o sono, seu funcionamento e suas interpretações.

NICOLAU IV (nº 34): 7, ago., set. 90. *Quark, o último substrato conhecido da matéria.*

Flávio Meirinho, professor de Física e Química.

Estudo sobre o "Quark" partícula infinitamente pequena que carrega a maior energia do universo. A palavra foi retirada de *Finnegans Wake*, de Joyce.

NICOLAU IV. (nº 35): 7, out., nov. 90. *Teologia dos Cometas*

Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, astrônomo.

Estudo sobre os Cometas sob o ponto de vista de Pe. Antônio Vieira, que elaborou a sua própria concepção dos cometas.

NICOLAU IV (nº 35): 24-26, out., nov. 90. *Resistência Cultural*.

Cláudia Roquete Pinto, jornalista e editora - *Novos (?) Tempos*.

Maria Cristina de Andrade Vieira, Fundação Bamerindus - *Desafio estimulante*.

Moacyr Scliar, escritor. *Resistir, verbo transitivo*.

Sebastião Nunes, poeta. *A Hidra de Lerna e o poeta brasílico*.

Newton Rodrigues, jornalista. *Do desperdício ao caos*.

Jornard Muniz de Britto, professor de Fundamentos de Arte. *Sob o trópico de pernambucâncer*.

Nitis Jacon, diretora de Teatro, *Cantar liberdade*.

Silviano Santiago, escritor. *Os desastre de Sophia*.

Estudo sobre a cultura brasileira.

NICOLAU IV (nº 36): 7, dez. 90/jan. 91. *Cetra*.

Felício Raitani Neto, advogado.

Estudo da "temível arma", com a qual Davi abateu o gigante Golias, a cetra.

NICOLAU IV (nº 36): 10, dez. 90/jan. 91. *Moda e contestação visual*.

Renato Bittencourt Gomes, poeta e antropólogo.

Estudo e discussão sobre a moda e sua contestação visual através dos hippies, punks, darks, a linguagem viva da cidade.

NICOLAU IV (nº 36): 7, dez. 90/jan. 91. *Colapsar, provável início e fim do Universo*.

Flávio Meirinho, físico.

Detalha o intrigante fenômeno estelar dos buracos negros.

NICOLAU IV (nº 36): 18, 19, dez. 90/jan. 91. *O outro lado da história*.

Valério Hoerner Júnior, advogado e jornalista.

Lança um olhar no avesso da história e faz a crônica dos vencidos "maragatos", em contraposição à dos vitoriosos "pica-paus" sob uma ótica polêmica e singular.

NICOLAU IV (nº 36): 27, dez. 90/jan. 91. *Memória de David.*

Berenice Mendes, cineasta.

Evoca a importância do historiador David Carneiro (1904-1990).

NICOLAU V (nº 37): 7, fev., mar. 91. *Em Busca da Atlântida, um vazio no mar.*

Ernani Simas Alves, professor.

Fala da cidade "em carne e osso", visível, que desapareceu na noite dos tempos.

NICOLAU V (nº 37): 15, fev., mar. 91. *Te cuida, tchê!*

Arthur Tramujas Neto, promotor de justiça em Curitiba.

Visão bem-humorada, destacando o importante papel do Paraná na identidade regional do sul brasileiro.

NICOLAU V (nº 38): 7, abr., maio 91. *Lua de Outono.*

Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, astrônomo.

Aponta o céu e descreve as horas a mais de luz da mais leve das luas, a lua de outono.

NICOLAU V (nº 38): 11, abr., maio 91. *Eternidade, um fogo vivo.*

Anita Schlesener, professora de Filosofia.

Reflexão da eternidade sob o ponto de vista histórico, desde os gregos até Hegel, vinte e cinco séculos de discurso.

NICOLAU V (nº 38): 24, 25, abr., maio 91. *Wili Eisner*.

Key Imaguire Júnior, Idealizador da Gibiteca de Ctba em 1976.

Estudo sobre Wili Eisner, grande clássico dos quadrinhos de todos os tempos.

NICOLAU V (nº 39): 23, jun., jul. 91. *Violência sem plumas*.

René Ariel Dotti, jurista, advogado, criminalista.

Fala sobre um dos mais polêmicos instintos: a violência.

NICOLAU V (nº 39): 23, jun., jul. 91. *Excelência é a mãe!*

Teófilo Bacha Filho, filósofo e teólogo.

Estudo irreverente sobre as firulas da corte.

NICOLAU V (nº 40): 26, 27, ago., set. 91. *Anasazi: De volta à infância da escrita*.

Gertrude Gumz, antropóloga.

Volta ao passado e resgata a memória de um povo extinto que considerava crianças e mulheres como os únicos deuses.

NICOLAU V (nº 40): 08, 09, ago., set. 91. *Santo Daime, 1º discreto charme do sagrado.*

Néstor Perlongher, escritor.

Desvenda os mistérios do "Ayahuasca", droga natural preparada a partir de um cipó amazônico.

NICOLAU V (nº 41): 12, 13, out., nov. 91. *Kendô, o caminho da espada.*

Marília Kubota, estudante de jornalismo na UFPR.

A jornalista guia o leitor pelos mistérios do Kendô, arte milenar japonesa que faz da espada um exercício de humildade.

NICOLAU V (nº 41): 18, 19, out., nov. 91. *Nabokov O olhar afiado.*

Anna Maria Terra Magalhães, tradutora.

Relato de uma das famosas aulas de Vladimir Nabokov para restrito número de alunos das universidades de Wellesley e Cornell EUA, onde o célebre escritor russo devassa o insensato jogo de ler.

NICOLAU V (nº 41): 24, 25, out., nov. 91. *Caos - a matemática da dispersão.*

João Carlos Machado, arquiteto e matemático.

Desvenda e vai às origens do Caos, a matemática da dispersão.

NICOLAU V (n° 42): 8, 9, mar., abr. 92. *Agro, morte ritual no verão.*

Francis Reykjavak, antropólogo, Universidade de Oxford/Inglaterra.

O antropólogo islandês vai ao Congo e resgata os misteriosos rituais de um povo que faz do bárbaro uma imperiosa afirmação de vida.

NICOLAU VI (n° 43): 08, 09, maio, jun. 92. *Loucura, a lei dos homens intramuros.*

Chaim Katz, psicanalista.

O psicanalista "investiga os espaços imaginários da loucura e traz à luz o campo minado dessa diferença que, para Foucault, entorpeceu os homens e iluminou os anjos."

NICOLAU VI (n° 44): 18-20 jul., ago. 92. *Alquimia, quando o carvão acorda ouro.*

João Carlos Machado, matemático.

Refaz, através da leitura do tarô, o percurso humano que flui do caos à música interna do ouro.

NICOLAU VI (nº 44): 26-28, jul., ago. 92. *Saint'Hilaire - delírio e febre nas selvas do Brasil.*

Marcello Maia, repórter.

O pesquisador resgata textos e aventuras do botânico - francês Saint'Hilaire.

NICOLAU VI (nº 45): 08, set., out. 92. *Excerto de um discurso corporal.*

Helda Barraco, tradutora.

Tradução de estudo de Galileu Galilei, astrônomo, físico, matemático italiano (1564).

NICOLAU VI (nº 46): 08, 09, nov., dez. 92. *América, América, um sonho imemorial.*

Bella Josef, professora de Literatura Hispano-americana.

A ensaísta lança um olhar ao evento comemorativo que se dá aos cinco séculos da descoberta da América.

NICOLAU VI (nº 46): 23, nov., dez. 92. *Wayugo, a magia da canoa.*

Bronislaw Malinowski, antropólogo.

O antropólogo polonês pesquisou, em 1914, na Nova Guiné, Melanésia, os mistérios de um rito.

NICOLAU VI (nº 48): 08, 09, maio, jun. 93. *Perseu.*

Sérgio Medeiros, professor de Teoria Literária e Literatura Comparada.

O pesquisador traz à luz novos aspectos de Perseu, herói mitológico.

NICOLAU VI (nº 48): 19, maio, jun. 93. *Realidade Virtual*.

Philadelpho Menezes, professor de Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

Ensaio sobre a realidade virtual, dialogando com outras formas de expressão da sensibilidade contemporânea.

NICOLAU VII (nº 49): 26, jul., ago. 93. *Telenovela, arte de rostos*.

Rose Calza, professora doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

Estudo crítico sobre a telenovela (TN) expondo as vísceras da TV e apontando vícios e acertos.

NICOLAU VII (nº 50): 24, 25, set., out. 93. *A Paisagem Assassinada*.

Miguel Sanches Neto, professor de Literatura UEPG.

O ensaísta propõe um novo olhar para se entender os deslocamentos do corpo pelo safári do mundo.

NICOLAU VII (nº 51): 08, 09, nov., dez. 93. *Elefante, entre o luto e a epifania.*

Denise Gomes, professora de História pela USP.

Decifra os mistérios do elefante que no imaginário arquetípico tinha asas e voava em liberdade pelo céu.

NICOLAU VII (nº 51): 14, 15, nov., dez. 93. *Cérebro, a máquina perfeita.*

Georg Walter. Tradução de Norval Baitello Júnior.

Estudo sobre o cérebro elucidando seu mecanismo e a magia desse "vespeiro" capaz de criar ou destruir o mundo.

NICOLAU VII (nº 51): 23, nov., dez. 93. *Jívaros, os mirradores de cabeças.*

Ricardo Corona, poeta e comunicador visual.

Estudo sobre o ritual dos Jívaros, tribo peruana para quem o ato de encolher a cabeça do inimigo é a única maneira de vencê-lo.

NICOLAU VII (nº 52): 24, 25, mar., abr. 94. *Aroma, o código secreto.*

Cunha Fernandes, agrônomo e professora de genética vegetal da UFPR.

O pesquisador desvela a via invisível que leva o perfume a ter perfume no perfume das flores.

NICOLAU VII (nº 53): 12, maio, jun. 94. *A Pedra do Sísifo.*

Jane Sprenger Bodnar, escritora.

A escritora investiga a pedra ancestral e desvenda o precioso que há por trás dos sonhos mais impossíveis.

NICOLAU VII (nº 53): 26, 27, maio, jun. 94. *A dor da medula à fábula.*

Sônia Guedes do Nascimento Leal, semioticista.

William Alves de Prado, médico.

Os autores investigam os terminais nervosos e definem a dor em seu caráter subjetivo como sendo experiência sensorial e emocional desagradável, entre outros aspectos.

NICOLAU VIII (nº 55): 22, 23, set., out. 94. *As cordas do coração.*

Vera Karacik Dovichi, semioticista.

Antônio Augusto Lopes, cardiologista.

Os autores radiografam a carne e o imaginário de um órgão que alterna, a cada milésimo de segundo, compassos de funeral e luz.

ENSAIOS: Quadro geral da seção

Enquadram-se nesta seção, intitulada *Ensaaios*, textos em prosa, de caráter artístico, científico, econômico, político, filosófico e psicanalítico, através dos quais os autores desenvolvem estudos, raciocínios, pontos de vista sem a preocupação explícita de aproveitá-los; são, portanto, análises, verificações, análises de fenômenos físicos, de um produto ou processo, tentativas de experiências, treinos, repetições, exames dos mais variados assuntos.

Podem ser arrolados, aqui, textos que se referem às artes, à psicanálise, à filosofia, à mitologia, ao jornalismo (telejornalismo), à língua e à cultura, à história, à astronomia e à medicina.

Relacionados às Artes, foram publicados estudos sobre questões contundentes a respeito da concepção de antiarte moderna,⁴⁹⁸ sobre as artes milenares do Japão,⁴⁹⁹ sobre os jardins japoneses,⁵⁰⁰ considerados obras de artes perfeitas, sobre a capacidade de projetar artefatos, sua função e antigüidades⁵⁰¹, exposições de material tipográfico artesanal como *alpendre*,⁵⁰² estudo de trabalhos de artistas como Rossana

⁴⁹⁸ Nicolau, nº 1, p.22,23

⁴⁹⁹ Nicolau, nº 2, p. 13

⁵⁰⁰ Nicolau, nº 3, p. 4

⁵⁰¹ Nicolau, nº 4, p. 2

⁵⁰² Nicolau, nº 5, p. 10

Guimarães,⁵⁰³ Eliane Prolik,⁵⁰⁴ Jan Zak Zaco Paraná, um dos grandes mestres da escultura do Paraná,⁵⁰⁵ Denise Roman,⁵⁰⁶ freqüentadora da Casa da Gravura do Solar do Barão, Will Eisner,⁵⁰⁷ grande clássico dos quadrinhos de todos os tempos, entre outros.

Dentre os colaboradores desta seção destacam-se Key Imaguire Júnior,⁵⁰⁸ arquiteto e quadrinhólogo, idealizador da gibiteca e o maior colecionador de gibis do Paraná e Eliane Eme Sato,⁵⁰⁹ jornalista, estudiosa das artes milenares do Japão, do Origami, arte surgida no Japão medieval, entre outros ensaios.

Em relação à Psicanálise os leitores de *Nicolau* assistiram a uma polêmica entre duas brilhantes correntes curitibanas do pensamento psicanalítico. Num primeiro momento, na seção *Painel*,⁵¹⁰ João Perci Schiavon, da clínica Quarta Vila, fez sutis referências a uma certa "mania de institucionalização" dos movimentos que florescem na área. Antônio Godino Cabas, da *Coisa Freudiana* e da Clínica Lausanne,⁵¹¹ acreditou ver nisso um repto, ou seja, um desafio, e se defendeu da "formalização", fazendo a advertência "a recusa da formalização carece de porvir". Godino criticou em

⁵⁰³ *Nicolau*, nº 9, p. 12

⁵⁰⁴ *Nicolau*, nº 38, p. 24, 25

⁵⁰⁵ *Nicolau*, nº 15, p. 16, 17

⁵⁰⁶ *Nicolau*, nº 27, p. 8, 9

⁵⁰⁷ *Nicolau*, nº 31, p. 22, 23

⁵⁰⁸ *Nicolau*, nº 38, p. 24

⁵⁰⁹ *Nicolau*, nº 19, p. 11

⁵¹⁰ *Nicolau*, nº 4

⁵¹¹ *Nicolau*, nº 10, p. 24

Schiavon a extrema concisão que o levou a "formular 11 críticas em nove frases". Schiavon assegurou⁵¹² o espaço da tréplica - resposta dada a uma réplica -, instaurando um espaço polêmico em que há, como sempre, no dinâmico movimento de discussão de idéias - pequenos desvios, correções de rotas, re-asserções⁵¹³ - e, além dessa ocorrência, outros psicanalistas tiveram também seu espaço no *Nicolau*, como Carlos Noberto Irusta,⁵¹⁴ traçando pontos sobre "a loucura", que considera extensivamente humana. Este tema foi duplamente estudado, também pelo psicanalista Chaim Katz,⁵¹⁵ investigando seus espaços imaginários. Igualmente, o cérebro, a máquina perfeita, teve seu mecanismo elucidado por Georg Walter, com tradução de Norval Baitello Júnior.⁵¹⁶ Também o tema sobre o "Narcisismo", mostrando o estado psicológico em que a libido (tesão) é dirigida ao próprio ego.⁵¹⁷

Acerca dos temas filosóficos, *Nicolau* publicou as reflexões de seus pensadores sobre *Labirinto*,⁵¹⁸ de Ubaldo Puppi, professor de filosofia, que apresentou o tema em seus vários contextos, como em relação ao mito demandando uma leitura apropriada, *Trabalho e lazer* (operosidade e eutrapolia),⁵¹⁹ quando Eduardo Mascarenhas apresentou um estudo

⁵¹² *Nicolau*, nº 13, p. 20

⁵¹³ *Nicolau*, nº 13

⁵¹⁴ *Nicolau*, nº 21, p. 10

⁵¹⁵ *Nicolau*, nº 43

⁵¹⁶ *Nicolau*, nº 51, p. 14, 15

⁵¹⁷ *Nicolau*, nº 20, p. 20

⁵¹⁸ *Nicolau*, nº 16, p. 25

⁵¹⁹ *Nicolau*, nº 19, p. 12

sobre o ócio, vasculhando os mitos e exemplos históricos, *Utopia*, - vocábulo de origem grega que surgiu para nomear a Ilha em que Thomas More situou seu projeto de sociedade ideal, cuja metáfora é estudada por Ubaldo Puppi⁵²⁰, *O sono*⁵²¹ cujo funcionamento e suas interpretações são explicados por Ubaldo Puppi, *Eternidade*⁵²² sobre o que Anita Schelensener, também professora de filosofia, faz uma reflexão sob o ponto de vista histórico desde os gregos até Hegel, apresentando vinte séculos de discurso, *Mitologia* sobre o que reuniram-se relatos ou narrativas de origem remota e significação simbólica que têm, como personagens, deuses, seres sobrenaturais, fantasmas coletivos, cujos textos estão distribuídos em *Eros*, sobre cuja origem, Maria Comninos, professora da UFPR, faz um estudo,⁵²³ *Perseu*, herói mitológico sobre quem Sérgio Medeiros traz à luz novos aspectos,⁵²⁴ *A Pedra do Sísifo*, a pedra ancestral, investigada por Jane Sprenger Bodnar, escritora, desvendando seus mistérios.

Com referência ao *Jornalismo (Telejornalismo)* à redação de um jornal ou qualquer outro órgão da imprensa, escreveram, por exemplo, Claudio Benetta, jornalista da TV Paranaense, Canal 12, que aborda questões sobre a reportagem da televisão que exige 90% de fórmula e 10% de talento,⁵²⁵ Ernani Buchmann⁵²⁶

⁵²⁰ Nicolau, nº 24, p. 21, 22

⁵²¹ Nicolau, nº 33, p. 10

⁵²² Nicolau, nº 38

⁵²³ Nicolau, nº 23, p. 16, 17

⁵²⁴ Nicolau, nº 48, p. 8, 9

⁵²⁵ Nicolau, nº 3, p. 13

que faz uma análise da produção dos publicitários brasileiros como Tião Maia, Olacyr de Moraes, Neil Ferreira, além de outros, João Antônio⁵²⁷ que traça considerações em torno da censura imposta ao jornal "Movimento" nos anos 1975-1981, Décio Pignatari, semioticista, que faz um estudo sobre os meios de comunicação de massa,⁵²⁸ Lúcia Santaella que faz considerações sobre a ilha de edição, hoje recurso imprescindível para a montagem da multiplicidade de fragmentos da imagem videográfica,⁵²⁹ Rose Calza⁵³⁰ que fez estudo crítico sobre a telenovela expondo as vísceras da TV e apontando vícios e acertos.

Em relação à *Língua e Cultura*, entendendo a cultura como o processo pelo qual o homem acumula as experiências que vai sendo capaz de realizar e, considerando-a como a espinha dorsal de uma nação, Nicolau abriu espaço para debates, apresentando seis textos contundentes⁵³¹, cujo teor expõe projetos como *Vale-Cultura*, para reverter em benefícios aos leitores, através de cupons de anunciantes que garantem descontos em livrarias, espetáculos, objetos de arte e outros, posicionando a arte como libertária e questionadora; Nicolau valorizou, assim, a permanente busca de nossa identidade, e ainda propôs, como o título sugere, resistir ao arcaico, mas

⁵²⁶ Nicolau, nº 5, p. 16

⁵²⁷ Nicolau, nº 6, p. 10, 13

⁵²⁸ Nicolau, nº 18, p. 12

⁵²⁹ Nicolau, nº 24, p. 7

⁵³⁰ Nicolau, nº 49, p. 26

⁵³¹ Nicolau, nº 35, p. 25

não resistir às lições do passado, resistir às imposições da indústria cultural, mas aceitar a necessidade do avanço tecnológico e da capacidade administrativa.

Em relação aos signos vocais (gráficos), próprios de uma comunidade de indivíduos que os usam como instrumento de comunicação e expressão, é relevante salientar os estudos feitos por Luli Miranda,⁵³² sobre a *Língua Indígena*, o guarani falado no Paraguai, Norte da Argentina, Sul do Brasil e Bolívia, por cerca de quatro milhões de pessoas e ainda os estudos de Miguel Chase Sardi, sobre a religião deste povo, eixo sobre o qual giram os signos de sua cultura⁵³³.

Também o bilingüismo do Paraguai⁵³⁴ foi abordado, apontando para a importância de uma política educacional voltada para o resgate e a preservação da única língua indígena das Américas que sobreviveu à hegemonia lingüística do conquistador.

No aspecto da História, levando em consideração certa sequência de eventos que marcaram períodos ou parte da vida da humanidade, mesmo de um povo, alguns historiadores participaram do *Nicolau*. Newton Stadler de Souza,⁵³⁵ fez uma avaliação sobre a Colônia Cecília, próximo a Palmeira e Santa Bárbara, que viveu uma experiência transgressora de uma vida mais vivida, mais livre e mais solta das normas rígidas de sua

⁵³² Nicolau, nº 2, p. 13

⁵³³ Nicolau, nº 14, p. 26

⁵³⁴ Nicolau, nº 15, p. 12

⁵³⁵ Nicolau, nº 24, p. 20

época. Também Anita Nivisky,⁵³⁶ fez um estudo sobre o "Tribunal da Inquisição", sistema de controle criado pela Igreja para acabar com os movimentos heréticos, o escritor João Antônio⁵³⁷ apresentou seu estudo sobre Berlim, desse final do século, levando o peso de uma história feita de miséria e grandezas, Dimas Floriani⁵³⁸ fez um estudo sobre as condições de vida norte-americana, que sofria seus mais sérios desafios desde a 2ª Guerra Mundial, Sérgio Domingues, filósofo, expõe e analisa o sistema de atitudes e de condutas de um líder Timbira⁵³⁹ e, seguindo esta mesma linha, o indigenista Fernando Antônio de Carvalho Dantas,⁵⁴⁰ estuda e discute o projeto de vida dos índios brasileiros. Valério Hoerner Júnior mostra o outro lado da história, lançando um olhar no seu avesso e fazendo a crônica dos vencidos "maragatos", em contraposição à dos vitoriosos "pica-paus", sob uma ótica polêmica e singular,⁵⁴¹ Ernani Simas Alves,⁵⁴² fala da cidade *Atlântida* que desapareceu misteriosamente. Por outro lado, o evento comemorativo dos cinco séculos das descobertas da América não passou despercebido pela professora de Literatura Hispano-Americana⁵⁴³ que lançou seu olhar de ensaísta e Ricardo

⁵³⁶ Nicolau, nº 6, p. 8, 9

⁵³⁷ Nicolau, nº 26, p. 16, 17

⁵³⁸ Nicolau, nº 27, p. 18, 19

⁵³⁹ Nicolau, nº 31, p. 16-18

⁵⁴⁰ Nicolau, nº 32, p. 20, 21

⁵⁴¹ Nicolau, nº 36, p. 18, 19

⁵⁴² Nicolau, nº 37, p. 7

⁵⁴³ Nicolau, nº 46, p. 8, 9

Corona⁵⁴⁴ trouxe um estudo sobre o ritual dos Jívaros, tribo peruana para quem o ato de encolher a cabeça do inimigo seria a única maneira de vencê-lo.

Em relação à *Astronomia*, a ciência que estuda as posições relativas, os movimentos, a estrutura e a evolução dos astros registram-se alguns estudos importantes no *Nicolau*. Estudo sobre o que Kant designou de universos-ilhas, nebulosas que se situam fora da Via Láctea;⁵⁴⁵ estudo de conceito de tempo, conceituação relativista resultante de toda uma reformulação da mecânica clássica que levou Einstein à criação da Teoria da Relatividade;⁵⁴⁶ estudo sobre os conceitos da Ciência desde Galileu até os tempos atuais;⁵⁴⁷ estudo sobre o fenômeno do arco-íris, formado em virtude da refração da luz solar nas gotas da chuva;⁵⁴⁸ estudo sobre "Quark", o último substrato conhecido da matéria;⁵⁴⁹ estudo sobre os cometas sob o ponto de vista de Pe. Antônio Vieira que elaborou a sua própria concepção;⁵⁵⁰ estudo sobre o intrigante fenômeno estelar dos buracos-negros;⁵⁵¹ estudo sobre a lua de outono;⁵⁵² estudo sobre o "Caos", a matemática da dispersão.

No campo da *Medicina*, conjunto das atividades técnicas e científicas que tem por fim a prevenção, a cura e o alívio das

⁵⁴⁴ *Nicolau*, nº 51, p. 23

⁵⁴⁵ *Nicolau*, nº 24, p. 18, 19

⁵⁴⁶ *Nicolau*, nº 29, p. 12, 13

⁵⁴⁷ *Nicolau*, nº 30, p. 24, 25

⁵⁴⁸ *Nicolau*, nº 33, p. 11

⁵⁴⁹ *Nicolau*, nº 34, p. 7

⁵⁵⁰ *Nicolau*, nº 35, p. 7

⁵⁵¹ *Nicolau*, nº 36, p. 10

⁵⁵² *Nicolau*, nº 38, p. 7

doenças, pode-se apostar nos ensaios publicados pelo *Nicolau*. Cérebro, a máquina perfeita⁵⁵³ e seu mecanismo; da medula à fábula,⁵⁵⁴ estudo feito por um médico (William Alves do Prado) e uma semioticista (Sônia Guedes do Nascimento) quando investiga os terminais nervosos e define a dor em seu caráter subjetivo; as cordas do coração estudo também feito por um cardiologista (Antônio Augusto Lopes) e uma semioticista (Vera Karaak Dovichi), ambos que radiografam a carne e o imaginário de um órgão.⁵⁵⁵

No decorrer de todos estes ensaios científicos, *Nicolau* também abriu espaço para estudo sobre os temas mais insignificantes, aparentemente. Por exemplo, aparece um estudo sobre a *Cetra*,⁵⁵⁶ arma com qual Davi abateu o gigante Golias, e ainda sobre o *Botão*,⁵⁵⁷ feita por Gertrude Stein, o maior expert no ramo, surpreendendo todos os leitores.

A idéia de Polifonia está presente no *Nicolau* a partir do momento em que ele reúne materiais heterogêneos com uma pluralidade de vários centros de consciência, estudando vários temas sem serem reduzidos a um denominador comum.

⁵⁵³ *Nicolau*, nº 51, p. 14, 15

⁵⁵⁴ *Nicolau*, nº 53, p. 26, 27

⁵⁵⁵ *Nicolau*, nº 55, p. 22, 23

⁵⁵⁶ *Nicolau*, nº 36, p. 7

⁵⁵⁷ *Nicolau*, nº 25, p. 20, 21

CAPITULO XXV

FOTOGRAFIA

*Arte que busca fixar o
segredo que há no silêncio
da imagem.*

Cartier-Bresson, Nicolau,
n° 49, p. 14

LUSCO-



-FUSCO



ALBERTO MELO VIANA

a noite traz estrelas,
traz desastres,
lixos, luxos,
lusco-fuscos.
do claro-escuro das horas pós-
-crepusculares, dos balcões dos bares,
alberto melo viana, o 'baiano',
pinça seus jogos de luz, onde, a olho
nu, massas branco-cinza-negras se integram
numa definição possível: a vigília
dos que vigiam a cidade, sonho e realidade,
antes da lucidez (ora solar, ora sombria).

FOTOGRAFIA: ÍNDICE ALFABÉTICO DE COLABORADORES

AGUIAR, Carlos Macacheira de. *Manequins*. II (nº 18): 14, 15, dez. 88.

Acompanha texto de Paulo Marins.

——, & Adélia Maria Lopes. *Cavalhadas. Os senhores da terra e suas incríveis escaramuças*. II (nº 14): 14, 15, ago. 88.

"O folgado eqüestre denominado cavalcada, acontece em Guarapuava, a segunda do País, além da goiana Pirinópolis, a assinalar em seu calendário turístico a luta medieval entre mouros e cristãos, apostada em território brasileiro pelos portugueses no século XVII."

——, *Por sinal*. III (nº 24): 14, 15, jun. 89.

——, Haraton Maravalhas. *Arriscos*. III (nº 24): 8, 9, jun. 89.

Texto de César Sumiya, grafites de banheiros de presídios.

AZEVEDO, Orlando. *Grafias de luz urbanas. Disparos fotográficos*. I (nº 6): 14, 15, dez. 87.

———, *Fitando fitas*. III (n° 22): 14, 15, abr. 89.

Capturou as imagens da Fábrica de Fitas e Bandeiras Venske, ativa em Curitiba de 1907 a 1980.

BUENO, Ivan. *A solidão nas estações de São Paulo*. I (n° 7): 14, 15, jan. 88.

Ivan quis captar a solidão da grande cidade dentro do big fliperama metroviário.

BRAND, Jaques e Eduardo Nascimento, *Os corvos da barra adentro*. I (n° 5): 14, 15, nov. 87.

Programador visual (Antonina, 1951) trabalha uma álgebra dos valores gráficos que tanto se vale da fotografia como do desenho e da pintura.

CAVALCANTI, Zig Koch. *Tipos, tons, ritmos*. IV (n° 33): 16, 17, maio, jun., jul. 90.

Texto de Teresa Urban.

COVELLO, Júlio. *Encontrastante*. I (n° 1), 14, 15, jul. 87.

Fotografias artísticas de Curitiba antiga; tema: carroças.

CUNNINGHAM, Sue. *Dia de índio*. VII (n° 52): 16, 17, mar., abr. 94.

DESTEFANI, Cid. *O jogo do olhar em Curitiba; O jogo dos espelhos; O jogo do olho do leitor*. II (nº 16): 14,15, out. 88

EUGÊNIO, José. *Situações*. I (nº 3): 14, 15, set. 87.

FARIA, Lima. *Gentes das ilhas*. I (nº 2): 14, 15, ago. 87.

FERNANDES, Rosa Reginaldo. *Fora da gaveta, a vanguarda*. I (nº 8): 14, 15, fev. 88.

Texto de Jaques Brand.

Reginaldo Fernandes, faz da câmera um instrumento de invenção e descoberta, de provocação e prazer, numa operação semiótica em seu metiê fotográfico.

FILGUEIRAS, Paulo. *New York express*. VI (nº 46): 16, 17, nov., dez. 92.

Arte no Papel. (36 minutos do Paulo por Nova York). Texto de Toninho Vaz.

FLÜGEL, Glória. *E como se elas vissem pela primeira vez... descobrem expressões e corpos que não sabiam que tinham*. IV (nº 30): 14, 15, fev. 90.

Captou o sentido do erótico. Texto de Fernando Bonassi.

GLÜCK, Guilherme. *Olha o passarinho*. I (nº 12), 14, 15, jun. 89.

Seu trabalho ficou registrado em 36 mil negativos fotográficos em chapas de vidro, pertencentes hoje ao Museu da Imagem e do Som do Paraná.

GROFF, Luiz. *Groff: o photographo de Corityba*. III (nº 28): 14, 15, dez. 89.

Texto de Maí Nascimento Mendonça.

JANSEN, Oswaldo. *No outubro lavrador do sudoeste*. I (nº 4): 21, nov. 87.

O povo toma a estrela do xerife. No dia 10 de outubro, Jansen veio de Curitiba, com o repórter do jornal até Pato Branco, deslocou-se depois até Beltrão, onde iria produzir fotos históricas.

JUNIOR, Genésio de Siqueira. *Retilíneas*. II (nº 15): 14, 15, out. 88.

Texto de Sergio Kirdziej: "O tempo se encarrega de dar sempre novas caras às coisas do mundo."

KOEHLER, Paulo. *Mis, mágicos, olhares*. IV (nº 32): 14, 15, abr. 90.

Texto de Orlando Azevedo.

KREMER, Dico. *Reveneza*. III (nº 20): 13, 14, fev. 89.

Texto de Ernani Buchmann.

LIVISKI, Izabel. *Negros Negros*. I (nº 11): 14, 15, maio 88.

As fotos são acompanhadas de um poema de Valêncio Xavier.

LORENZO, Peter. *Véus, vestes, vestais*. III (nº 23); 14, 15, maio 89.

Texto de Octávio Paz. "De Corriente alterna"; tradução de Josely Vianna Baptista.

MACHADO, Arlindo. *Fotografia em mutação*. VI (nº 49): 14, 15, jul., ago. 93.

Arlindo Machado propõe novas formas de "ver" essa arte, que, para Cartier-Bresson, "busca fixar o segredo que há no silêncio da imagem".

OHARA, Haruo. *Clickazens* III (nº 26): 14, 15, ago. 89.

Segundo o texto crítico de Cesar Sumiya que acompanha as fotos, Haruo Ohara, alcançou o que na doutrina zen é chamado de Ká - o click satori de sacar os até então segredos, subitamente revelados.

PEREIRA, Marcos. I (nº 4): 14, 15, out. 87.

As fotos são acompanhadas de versos de Celina Alvetti.

PETRELLI, Luciana. *Pulsar*. II (nº 17): 14, 15, nov. 88.

As fotos são acompanhadas de um fragmento de *Quadrívio*, de Octávio Paz.

REZENDE, Chico. III (nº 27): 14, 15, set., out., nov. 89.

Chico Rezende, mineiro de Pouso Alegre, tem foto exposta no Museu de Arte Moderna, em Paris, com o tema "Mulher".

SANTOS, Márcio. *O empalhador de momentos*. IV (nº29): 14, 15, jan. 90.

Texto de Solda.

"O universo existe porque é observado por Márcio Santos."

SLOMP, Vilma. *Raras araucárias*. I (nº 9): 14, 15, mar. 88.

Desde o ano passado suas fotos fazem parte de exposições itinerantes promovidas pelo Sesc-Pompéia, de São Paulo.

STINGHEN, F. Luiz. *Imagens inimagináveis*. IV (nº 31): 14, 15, mar. 90.

Texto de Adélia Maria Lopes.

Luiz Francisco Stinghen, fotógrafo de *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Nicolau*.

STINGHEN, F. Luiz e Marcos Pereira. *Ballet Guaíra. Duo de câmara*. II (n° 21): 13, 14, mar. 89.

Texto de Celina Alvetti.

TASSI, Santo. *Atrás das lentes, olhos de menino*. VII (n° 54): 16, 17, jul., ago. 94.

TIOMKIM. *Ephebo, Barro ephebo*. VI (n° 44): 16, 17, jul. ago. 92.

"Cada um está só no seu pó."

URBAN, João. *Gatos-pín-gados*. II (n° 19): 14, 15, jan. 89.

Texto de Teresa Urban.

VIANA, Alberto Melo. *Lusco-fusco*. II (n° 13): 14, 15, jul. 88.

Alberto Melo Viana, o "Baiano", pinça seus jogos de luz, onde, a olho nu, massas branco-cinza-negras se integram numa definição possível sobre a vigília que vigiam a cidade.

WAGNER, Helmuth. *Trilhos: trilhas*. I (n° 10): 14, 15, abr. 88.

A que trilhas nos levarão os trilhos de Helmuth Wagner?

Os poemas de Paulo Leminski ilustram as fotos.

FOTOGRAFIA: ÍNDICE DE MATÉRIAS POR ORDEM DE PUBLICAÇÃO

NICOLAU I (nº 1): 14, 15, jul. 87. *Encontrastante*.

Júlio Covello Tema: Carroças.

As cinco fotografias trabalham vários ângulos de uma carroça, vista por trás, de lado, desfocada e disputando espaço com o automóvel e a bicicleta estacionados no meio fio da calçada. Na página 14, além da foto tamanho postal, uma outra ocupa a página toda, desfocada, sugerindo as manhãs de neblina tão comuns em Curitiba.

Ao nomear o quadro de fotografias de *Encontrastante*, o artista revelou a colisão de mundos ontológicos diferentes, ou seja a máquina convivendo com formas mais primitivas de transporte como, por exemplo, a carroça.

NICOLAU I (nº 2): 14, 15, ago. 87. *Gentes das Ilhas*.

Lima Faria. Tema: Mulheres das ilhas da baía de Paranaguá. Foram selecionadas apenas quatro fotos, duas ampliadas e duas em tamanho postal. Todas mostram somente mulheres, valorizando-as como indivíduos, pois estas permanecem sozinhas na ilha a maior parte do tempo, uma vez que os homens cumprem o horário do mar.

No enquadramento observa-se o olhar das pessoas se dirigindo para o espectador. Seria talvez dirigido à

fotógrafa que ocupava este lugar ao fotografá-las. Há uma certa cumplicidade e identificação, principalmente das meninas em relação à fotógrafa, talvez pelo fato desta ser também uma mulher. Através das fotografias, vislumbra-se uma história de vida desses moradores tendo como característica a função naturalista, pois o interesse está mais voltado para o conteúdo do que para seu modo de representação. Desta forma as fotos são como que uma janela que deixa entrever uma realidade que está além e fora dela, isto é, não no modo artístico, mas no dos objetos retratados.

NICOLAU I (nº 3): 14, 15, set. 87. Situações.

José Eugênio. Tema: *A miséria e as injustiças.*

A fotografia das rochas apareceu como pano de fundo para a foto sobreposta do ancião, que se preparava para uma viagem. Na página ao lado, a foto da terra esturricada pela seca é também sobreposta à vegetação.

As fotografias revelaram não só as paisagens secas do nordeste agreste, mas também os sofrimentos desta estiagem. O fotógrafo parece ter sempre optado por fotografias realistas de denúncias, sua máquina nunca deixou de fotografar as injustiças e as misérias do mundo. Não se limitou somente em resgatar o artístico, portanto, não sendo este valorizado apenas por si mesmo,

mas também, pela sua finalidade, optando pela função mais pragmática ou utilitária.

NICOLAU I (n° 4): 14, 15, out. 87. *Marcos Pereira.*

Texto de Celina Alvetti.

Em quatro momentos, o artista captou a leveza da bailarina na ponta dos pés, ousando um salto, interpretando o universo, resgatando a figura estática envolta em movimento descontínuo, um olhar, um grito, expressões de luz, som, intenção e cor no momento em que tudo se dá na sua sensibilidade.

Marcos Pereira consegue aprisionar, num instante, o sentido da arte numa fotografia. "Na sua câmara escura de um laboratório fotográfico, a percepção da multiplicidade das impressões." Num estilo impressionista, não interessou para o artista a visão objetiva e estática da realidade, o que importou foram as impressões perante os efeitos mais fugidios.

NICOLAU I (n° 5): 14, 15, nov. 87. *Os corvos da barra adentro.*

Eduardo Nascimento. Texto de Jaques M. Brand.

Eduardo Nascimento, como semioticista, estudou os corvos enquanto elemento da paisagem. Através de cinco fotos, sua tarefa foi projetar no espaço muitas imagens para que este mesmo espaço fosse lido da melhor maneira possível,

utilizando "poucos sinais e muita mensagem". Na barra, (primeira foto à esquerda) mostrou o país da gaivota, que só abandona este espaço num caso grave de tempestade. As fotos revelaram esta simetria em relação à barra da baía, pois os corvos, como a barra, também respeitam sem nunca pôr o bico barra afora.

NICOLAU I (nº 6): 14, 15, dez. 87. *Grafia de luz urbana*.

Disparos fotográficos - Orlando Azevedo.

Suas fotografias revelam perspectivas de paisagens urbanas com seus prédios cinzentos e desbotados. A foto à esquerda, tirada da sacada de um prédio, remete o olhar a um túnel. No final deste, sua luz é perturbada por um paredão formado por um outro prédio repleto de moradores, mostrando o espaço reduzido, confinado, que se destina à sobrevivência do ser humano. Orlando Azevedo conseguiu ser um profissional da imagem em plena era do vídeo.

A fotografia, na era modernista, conquistou dignidade e autonomia em seus próprios termos, ou seja, definiu-se apenas por meio das mais escrupulosa atenção aos efeitos do funcionamento do aparelho fotográfico, insistindo na qualidade das fotografias, tornando-a arte mesmo. Desta forma entende-se a revolta do artista quando críticos e comentaristas insistiram na diminuição dela, lhe atribuindo um caráter de arte menor, pois resgatou para a

fotografia o seu estatuto, na medida em que sempre quis que suas fotos fossem fotografias e que não lembrassem nada a não ser fotografias.

NICOLAU I (nº 7): 14, 15, jan. 88. *A solidão nas estações de São Paulo.*

Ivan Bueno. Texto de Jaques M. Brand.

Numa visão panorâmica, usando fotos ampliadas, Ivan tentou mostrar a solidão das grandes cidades dentro do big fliperama metroviário. Resgatando um estilo impressionista, tentou registrar as impressões, emoções e sentimentos despertados no artista através de uma cena observada no metrô. No momento, importou mais a sensação de solidão do que o metrô em si.

NICOLAU I (nº 8): 14, 15, fev. 88. *Fora da gaveta, a vanguarda.*

Reginaldo Rosa Fernandes.

Texto de Jaques Brand.

As fotos apresentadas não são nada convencionais; à da esquerda, tomando uma página inteira, mostra a figura de um homem trajando um terno preto, usando óculos escuros e chapéu na cabeça. Num gesto bem irônico, direciona um jato de "spray", que poderia ser de um lança-perfume, para as suas partes íntimas. Na foto ao lado, aparece a

figura de um homem, nu da cintura para baixo, adotando uma posição fetal, lembrando mais um animal grosseiro que um ser humano. Logo abaixo, numa outra foto, também de um homem, seu olhar é destacado no enquadramento. Através destas fotos, o artista rompeu o compromisso com a realidade, com o intelectualismo e com o hermetismo e sua obra partiu para ser marginal, diluidora, contracultural, característica de todos os artistas nos repressivos anos 70.

NICOLAU I (nº 9): 14, 15, mar. 88. *Raras Araucárias.*

Vilma Slomp.

Na primeira página, uma foto, com paisagem de pinheiros, ocupa todo o espaço. Ao lado, a fotografia de um pinheiro seco simboliza a morte e o desaparecimento deste.

A artista há anos fotografa as famosas araucárias do Paraná que estão desaparecendo pelo desmatamento feito de modo irracional pelos madeireiros e proprietários de terras nativas. Colocou, dessa forma, a sua arte a serviço da ecologia.

NICOLAU I (nº 10): 14, 15, abr. 88. *Trilhos: Trilhas.*

Helmuth Wagner.

Texto de Josely Baptista.

Na foto vê-se de frente, um homem como se estivesse andando e tentando se equilibrar sobre trilhos de uma estação ferroviária. Na segunda foto, talvez este mesmo homem, sendo desfocado, e já visto pelas costas, deixa perceber apenas a sua silhueta.

Resgatando o estilo impressionista, o artista congelou segundos com se fossem os últimos. Revelou a passagem deste homem, tornando eterna a sua imagem. Ao lado das fotos o poema de Paulo Leminski. "Aonde vão dar estes passos? Pra cima, pra baixo", num processo de intertextualidade.

NICOLAU I (nº 11): 14, 15, maio 88. *Negros/Negros*.

Izabel Liviski.

Texto de Valêncio Xavier.

As duas fotos revelam silhuetas de modelos representando a raça negra e parecem desenvolver uma coreografia, resgatando sua cultura e seus costumes.

Nesta edição *Nicolau* se torna veículo para rememorar o centenário da abolição da escravatura.

As fotos de Izabel Liviski reforçam este evento, registrando momentos de indignação, desmistificando uma liberdade que ficou apenas no papel e nas tintas da Princesa Regente Izabel.

NICOLAU I (nº 12): 14, 15, jun. 88. *Olha o Passarinho!*

Guilherme Glück (Texto de J.V.B.).

As quatro fotos antigas chamam a atenção pela sua qualidade, dada à escassez de material e meios na época. Ao retratar crianças expressivas, a tradicional foto da família e recatadas donzelas da sociedade, traz para as páginas do Nicolau a história dessas pessoas. Nicolau resgatou estas fotos tiradas em 1912, quando Guilherme começou a trabalhar como fotógrafo.

Seu trabalho ficou registrado em 36 mil negativos fotográficos em chapas de vidro pertencentes hoje ao Museu de Imagem e do Som do Paraná.

NICOLAU II (nº 13): 14, 15, jul. 88. *Lusco-Fusco.*

Alberto Melo Viana.

Tema: a Vigília dos que vigiam a cidade.

As três fotos revelam cenas da vida noturna em bares de Curitiba. Alberto Viana pertence à vanguarda da fotografia curitibana. A.F - Atelier de Fotografia - que reúne outros nomes importantes no ofício como Júlio Covello e Ivan Bueno.

NICOLAU II (nº 14): 14, 15, ago. 88. *Cavalhadas. Os senhores da terra e suas incríveis escaramuças.*

Carlos "Macacheira" de Aguiar.

Texto de Adélia Maria Lopes.

As cinco fotos registram as cavalhadas, realidade social e fantasia num só folguedo, resgatado em Guarapuava, que assinala, em seu calendário turístico, esta luta medieval entre mouros e cristãos, aportados em território brasileiro pelos portugueses no Século XVII.

NICOLAU II (nº 15): 14, 15, set. 88. Retilíneas.

Genésio de Siqueira Júnior.

Texto de Sérgio Kirdziej.

As três fotografias de Genésio capturaram instantâneos, tentando imortalizá-los, uma vez que a realidade é fluida, movente e o tempo se encarrega de dar sempre novas caras às coisas do mundo. No vidro da janela, apareceu projetada a realidade externa que foi fixada naquele exato momento pela câmera do fotógrafo.

NICOLAU II (nº 16): 14, 15, out. 88. O jogo do olhar em Curitiba, O jogo dos Espelhos, O jogo do olho do Leitor.

Cid Destefani.

Texto de J.S.

As fotos sugerem um jogo infinito de relações onde o leitor pode tentar construir histórias revelando o aspecto lúdico da fotografia.

A 1ª foto, de 1964, registra um acidente inédito na Av. Luiz Xavier, onde fica a Boca Maldita; a 2ª, de 1964, flagra a visita de Karl Malden a Curitiba; a 3ª, de 1960, mostra o 1º Concurso Oficial de Travesti no Clube Operário; a 4ª, de 1968, reúne o fã clube de Wanderley Cardoso em frente ao canal 12; a 5ª, de 1959, revela J. K., observando a máquina fotográfica de Cid Destefani.

NICOLAU II (nº 17): 14, 15, nov. 88. *Pulsar*.

Luciano Petrelli.

Texto de Octávio Paz, Fragmento de *Quadrívio*.

As três fotos ilustram o texto de Octávio Paz.

Nas fotos, a nudez das personagens metaforiza o desprendimento, o desgarramento, analogia entre instante e coração no texto. No enquadramento, as cabeças foram cortadas sugerindo a supremacia do amor sobre a razão.

NICOLAU II (nº 18): 14, 15, dez. 88. *Manequins*.

Carlos Macacheira de Aguiar - Texto: Paulo Marins.

Macacheira fotografa os manequins na oficina de Tarcísio Trezub. Por trás dos manequins um pouco da história de Curitiba, lembrando as Lojas Universal, Alfaiataria Jockey, lojas da travessa Jesuíno Marcondes.

Na última foto, a caixa, contendo partes do corpo humano, cabeça, braço e mãos, remete a um quadro surrealista, ou

mesmo dadaísta, pela desordem, rompendo qualquer tipo de equilíbrio.

NICOLAU II (nº 19): 14, 15, jan. 88. *Gatos - Pingados*.

João Urban. Texto: de Teresa Urban.

Os gatos serviram de modelos para as fotos de João Urban. Em três momentos aprisionou, em sua máquina fotográfica, cenas do dia a dia, como, por exemplo, a disputa, com um cão, de um espaço comum. Nas fotos, a figura humana ocupa a cena roubada pelos gatos.

NICOLAU II (nº 20): 14, 15, fev. 88. *Reveneza*.

Dico kremer.

Texto de Ernani Buchmann.

Nas seis fotos, quatro em tamanho postal e duas ampliadas, Dico mostra a Veneza que ninguém vê, pois procurou segredos em cada postal, em cada documento. Por trás das fotos, histórias, mistérios.

NICOLAU II (nº 21): 14, 15, mar. 89. *Ballet Guaíra, Duo de Câmera*.

Luiz F. Stinghen, Marcos Pereira.

Texto de Celina Alvetti.

As quatro fotos registram momentos da coreografia em que os brasileiros, contrariando a lei da gravidade, como

pássaros, levitam no ar. Conseguiu captar não só os movimentos mas a expressão da própria alma do artista.

NICOLAU II (nº 22): 14, 15, abr. 89. *Fitando Fitas*.

Orlando Azevedo.

Através de cinco fotos, tamanho normal, e duas fotos ampliadas, capturou as imagens no "cenário de abandono e poesia" que foi a Fábrica de Fitas e Bandeiras Venske, ativa em Curitiba de 1907 a 1980. Por trás das fotos um pouco da indústria artesanal de Curitiba.

NICOLAU II (nº 22): 14, 15, maio 89. *Véus, Vestes, Vestais*.

Peter Lorenzo.

As fotos ilustram o texto de Octávio Paz "De Corriente alterna", com tradução de Josely Vianna Baptista.

Tema: mulher, objeto de adoração, e sua lenta reconquista através dos séculos, metaforizado pelas seqüências de fotos de mulheres quase nuas, como que andando em direção ao futuro. Na foto ao lado, a mulher nua em posição fetal, simbolizando o renascer de uma nova época.

NICOLAU II (nº 24): 14, 15, jun. 89. *Por sinal*.

Carlos Aguiar, "Macacheira".

As fotos revelam a seleção de matérias e fotos para a edição do Nicolau. Aparecem como uma verdadeira colcha de

retalhos, com superposições de imagens, mais parecendo uma técnica de bricolagem, formando um mosaico.

NICOLAU III (nº 26): 14, 15, ago. 89. *Clickazens*.

Haruo Ohara. Texto: Cesar Sumiya.

As três fotos de Haruo Ohana privilegiam a visão periférica, impressionista, descontínua e digitalizada como uma visão animada. O "molusco", ao contemplar, num jogo entre claro e escuro, o cacto plantado num vaso, o desabrochar da flor, propõe ao espectador, ao observá-lo, o que na doutrina Zen é chamado de "Ká - o click satori de sacar os segredos da natureza.

NICOLAU III (nº 27): 14, 15, set., out., nov. 89.

Chico Rezende Texto: de N. M. 1950-1989.

Apresentou duas fotos de nu artístico, já expostas no Museu de Arte Moderna em Paris. No centro da folha, a foto de um velho caboclo revela sua grande experiência como fotógrafo, ganhando vários concursos internacionais.

NICOLAU III (nº 28): 14, 15, dez. 89. *Groff, o photographo de Corityba*.

Texto: de Maí Nascimento Mendonça.

O cronista Luiz Groff fotografou e documentou Curitiba desde a década de 22 até 70.

Eternizou magicamente a luz de um tempo que se foi.

NICOLAU IV (nº 29): 14, 15, jan. 90. *O empalhador de Momentos*

Márcio Santos. Texto de Solda.

Em oito fotos, enclausurou instantes definitivos, dentro da máquina fotográfica. Observando a vida ao seu redor criou imagens de pássaros, moluscos, etc., aproveitando os próprios elementos fornecidos pela natureza.

NICOLAU IV (nº 30): 14, 15, fev. 90. *É como se elas vissem pela primeira vez...*

Glória Flugel. Texto de Fernando Bonassi.

Em suas cinco fotos revelou o erotismo da mulher brasileira "suas formas particulares de expressão, suas imagens e fantasias, suas cores e reflexos..." Captou o próprio "sentido do erótico", a expressão sensual do corpo ao retratar, por exemplo, uma mulher nua e grávida.

NICOLAU IV (nº 31): 14, 15, mar. 90. *Imagens Inimagináveis.*

Luiz Stinghen (1946-1990).

Texto de Adélia Maria Lopes.

Fez imagens marginais dos anos 80. Suas fotos eram denúncias como a dos favelados que teimavam em viver sobre um "lixão". Sem tema fixo, sua arte também servia para alcançar este fim. As fotos revelam a figura

folclórica de um travesti, em seu habitat natural. O clic imortalizou esta e outras imagens como o quadro surrealista formado por um barraco de paredes de panos encardidos e, como porta principal, uma rota bandeira do Paraná, sem legenda.

NICOLAU IV (nº 32): 14, 15, abr. 90. *Mis Mágicos Olhares*.

Paulo Koehler.

Texto: Orlando Azevedo.

Paulo Koehler vai se inspirar para compor suas fotos no estilo surrealista, explorando o inconsciente, o sobrenatural, o sonho, a loucura, os estados alucinatórios, tudo o que fosse o reverso da lógica e estivesse fora do controle da consciência. Na foto especial, sobre os livros de André Breton, aparecem os pés de um bípede, formando um quadro surrealista, homenageando o precursor deste "meio de conhecimento", como é visto pelos seus proponentes.

NICOLAU IV (nº 33): 16, 17, maio, jun., jul. 90. *Tipos/Tons/Ritmos*.

Zig Koch Cavalcanti.

Texto de Tereza Urban.

Tema: Gráfica Fundo de Ouro Preto (tipografia).

As oito fotos históricas tiveram como objetivos fixar o árduo e paciente ofício de imprimir, usando um processo bem artesanal, em oposição às impressões a laser e de vídeo-texto, preservando, desta forma, a sabedoria humana para as próximas gerações.

NICOLAU IV (n° 35): 16, 17, out., nov. 90. *O olho do Mestre.*

Haruo Ohar.

Pela segunda vez as fotos de Haruo Ohar são publicadas (ver Nicolau n° 26). O processo usado foi o mesmo, privilegiando ausência de perspectiva como elemento composicional diretor, uma das características das estamparias japonesas no século passado. Sem equilíbrio, permanece o vazio, o não ser, o não eu (Mu ga), onde as imperfeições do acaso como um pincel gasto e um borrão de tinta marcam o estilo, o pessoal.

NICOLAU IV (n° 44): 16, 17, ago. 92. *Ephebo, Barro, Ephebo,*

Tiomkin.

Nas seis fotos, tamanho postal, os modelos aparecem enlameados, e o clic da máquina de Tiomkim capta, não só o mistério do barro, mas a alquimia que os transforma em seres tenros.

NICOLAU IV (n° 46): 16, 17, nov., dez. 92. *New York Express.*

Paulo Filgueiras.

Texto de Toninho Vaz.

Paulo Filgueiras escolheu a 5ª Avenida como território-modelo. Através de suas sete fotos, em tamanho postal, aprisionou ruas, prédios, out'dors, e flagrantes nas ruas de New York.

NICOLAU VI (nº 49): 14, 15, jul., ago. 93. *Fotografia em mutação.*

Arlindo Machado.

O ensaio de Arlindo Machado faz uma avaliação da fotografia no advento da fotografia eletrônica, bem como, dos inúmeros recursos informatizados de conservação e armazenamento de fotos que vem causando um impacto sobre conceito tradicional de fotografia.

NICOLAU IV (nº 52): 16, 17, mar., abr. 94. *Dia de Índio.*

Sue Cunnigham.

A fotógrafa inglesa mostrou, através de suas sete fotos, a face vermelha de um Brasil que ela conheceu nos anos 60, quando viveu em São Paulo, e nas diversas vezes em que esteve na Amazônia, sendo uma delas com Sting.

NICOLAU VIII (nº 54): 16, 17, jul., ago. 94. *(1890-1975),
Atrás das lentes, olhos de menino.*

Santo Tassi.

Foto cedida pela Casa da Memória/Fundação Cultural de Curitiba.

Modelo: Carlos Ernesto, filho de Santo Tassi.

Santo Tassi foi um dos precursores da foto-amadorismo em Curitiba. Não apreciava o enquadramento fotográfico tradicional e nem modelos rígidos, antes, gostava de "apreender o instante". Gostava de fotografar as crianças em seu mundo de sonho.

NICOLAU VIII (nº 55): 16, 17, set., out. 94.

Sebastião Salgado.

Texto de Fernando Karl.

Com suas duas fotos, ampliadas, relatou muitos aspectos da vida cotidiana, ora registrando a história indicada pela diversidade de ambientes, classes, indumentárias, ora iluminando as vias do tempo, inseridas num contexto religioso, econômico, político.

FOTOGRAFIA: Quadro geral da seção

Esta seção ocupava sempre as páginas 14 e 15 do *Nicolau* (eventualmente p. 16, 17). A publicação era sistemática até o número 25, quando começou a ficar irregular, passando a se apresentar esporadicamente nos números 44, 46, 49, 52, 54 e 55, sendo depois substituída por *Arte no Papel*.

Os colaboradores desta seção, de um modo geral, considerando a fotografia a "quintessência da arte moderna", deixaram sua prática social para a tornarem artística. Desta forma, ela adquiriu dignidade e autonomia em seus próprios termos, ou seja, definiu-se por meio da mais escrupulosa atenção aos efeitos irredutivelmente derivados e específicos do próprio funcionamento do aparelho fotográfico, invadindo, assim, os domínios da arte. Incentivaram na qualidade da mesma, tornando-a arte mesmo.

A ruptura com o passado e as pesquisas de novos meios de expressão foram marcas registradas da arte desde o início do século. Vários movimentos como o Futurismo, o Cubismo, o Surrealismo agitaram o ambiente artístico e, dessa explosão criativa, nasceu a arte moderna. A fotografia, como se pode perceber nas páginas do *Nicolau* não deixou de sofrer todas estas influências. O Surrealismo, o último movimento da vanguarda européia, lançado por André Breton, sensibilizou,

por exemplo, o artista Paulo Koehller⁵⁵⁸ em seu trabalho intitulado *Mis Mágicos olhares* que deixou predominar a explosão do inconsciente, as narrações dos sonhos e as experiências com o sono hipnótico.

Da mesma forma, o Impressionismo, como atitude de expressão, foi incorporado em trabalhos como *O olho do Mestre*, de Haruo Ohar⁵⁵⁹ *Clickazens*, do mesmo artista⁵⁶⁰, e em outros que privilegiaram a "impressão" perante os efeitos mais fugidios, não interessando para estes artistas a visão objetiva e estética da realidade.

Por outro lado, alguns artistas optaram por uma função mais naturalista da fotografia, na medida em que o interesse ficou mais voltado para o conteúdo da mesma e a sua obra de arte acabou sendo uma janela que deixou entrever realidades não no mundo artístico, mas nos objetos e pessoas retratados. Os trabalhos de Orlando Azevedo,⁵⁶¹ Luiz Stinghen⁵⁶² e José Eugênio⁵⁶³ foram exemplares.

O sufoco da censura e repressão, implantados no Brasil a partir de 1964, obrigaram muitos artistas a investirem contra esta realidade, para optarem por uma arte marginal, diluidora, anticultural, sem, no entanto, constituírem um movimento unificado, mas com características de denúncias e de protesto.

⁵⁵⁸ Nicolau, nº 32, p. 14, 15

⁵⁵⁹ Nicolau, nº 35, p. 16, 17

⁵⁶⁰ Nicolau, nº 26, p. 14, 15

⁵⁶¹ Nicolau, nº 22, p. 14, 15

⁵⁶² Nicolau, nº 31, p. 14, 15

⁵⁶³ Nicolau, nº 3, p. 14, 15

Reginaldo Rosa Fernandes, com suas fotografias *Fora da gaveta, a vanguarda*,⁵⁶⁴ pareceu assimilar esta ideologia e apresentou sua obra que, por razões imprecisas, com base mesmo na revolução das artes, como uma "novíssima fotografia", com uma linguagem avessa, escolhendo, dessa maneira, a fotografia para suporte expressivo dessas novas percepções.

Como se pode observar, as imagens fotográficas operaram numa densa rede de relações com outras formas de representação textuais, "de antes e depois", de "então", elementos próprios de um mundo narrado. Apareceram saturadas da personalidade de seus criadores, embora, paradoxalmente, a fotografia seja considerada pelos críticos uma arte impessoal, na qual a mão do artista mal intervém.

⁵⁶⁴ Nicolau, nº 8, p. 14, 15

CONSIDERAÇÕES GERAIS

O cumprimento de cada uma das etapas da indexação, permitiu reafirmar algumas características do *Nicolau* enunciadas já na Introdução.

A primeira delas diz respeito à singularidade de sua publicação, pois, mesmo sendo considerado um jornal regionalista, manteve uma linha rigorosa de autonomia, ainda que, ou porque, patrocinada pela iniciativa oficial. Poucas publicações no país desfrutaram, em maior escala que o *Nicolau* do que se pode chamar relativamente de "Liberdade de Imprensa" fora do eixo Rio-São Paulo.

Na década de 70 foi editado o Ato Institucional nº 5 (AI5), anunciador de um tempo nebuloso, varrido pela ditadura militar, abalando a estabilidade da história brasileira e, conseqüentemente, de toda a sua cultura. A censura prévia atingia vários setores, principalmente a grande imprensa, provocando protestos em jornais e revistas de grande público, que passaram a se utilizar de estratégias para denunciar os recortes. A revista *Veja*, por exemplo, preenchia os espaços vazios com logotipos da Editora Abril, o jornal *O Estado de S. Paulo*, com trechos de *Os Lusíadas*. A censura também foi implacável com a chamada imprensa alternativa, objeto de permanente perseguição. Jornais como o *Pasquim* e *Opinião*

travaram verdadeiros impasses com os censores e tiveram várias de suas edições retiradas das bancas, bem como constantes prisões de seus editores, jornalistas e colaboradores.

Após esse período de repressão surge o *Nicolau* em 1987, inaugurando um jornal de liberdade de idéias, agora permitida pela abertura política.

Wilson Bueno, assim avaliou o jornal:

... ágil, inteligente o bastante para ser capaz de rupturas, de não se deixar aniquilar pelo besteirol que varre a imprensa no Brasil, de nivelar por cima, nunca por baixo, que isso é uma herança da política cultural, entre aspas, da mais recente ditadura brasileira. Procuramos informar, acrescentar e até, mesmo didatizar certos temas através da linguagem jornalística porque, uma vez que o tablóide é encartado em 11 jornais do Estado, pressupomos que se dirija basicamente aos que estão habituados, familiarizados pela leitura de jornais e revistas. Os momentos em que *Nicolau* se arrisca a ir além, são "insights" do que queremos como ruptura. Não haveria vida inteligente na Terra se o homem não fosse capaz de transgredir, não só no sentido de ir contra a regra, mas de ir além da regra, do morno, do velho, do estabelecido.⁵⁶⁵

Uma segunda característica corresponde à sua linha editorial, uma vez que se pôde observar que o jornal ficou fora do que se chama de "Cultura de Eventos", nos quais os cadernos culturais, principalmente os de imprensas diárias, são obrigados, por força da Mídia, a tecerem considerações em torno do que está no imediato consumível e vendável.

Assim sendo, *Nicolau*, mantendo distância da Mídia, adotou como critério de seleção e produção das matérias publicadas, questões ainda não abordadas pela imprensa, que não

⁵⁶⁵ BUENO, Wilson, *Estado do Paraná* – junho 1989.

necessitavam de retorno financeiro imediato. Nos temas explorados, aprofundou novas questões, elementos inéditos, que seriam impossíveis no espaço de uma publicação que precisasse dar conta dos fatos do dia, ou do mês. Por isso, procurou não apenas noticiar os acontecimentos, mas explicar as suas causas. Para ilustrar o que foi dito, bastou observar-se a reportagem sobre o incêndio no Templo das Sete Musas, fundado em 1909 pelo poeta e professor Dario Vellozo, sede do Instituto Néo-Pitagórico, na noite de 24 de agosto de 1987⁵⁶⁶, quando Fernanda Andrade fez um levantamento real do que foi destruído pelo incêndio, seguido de um texto crítico de Cassiana Lacerda Carollo, fazendo as relações entre poesia-sagrado-mistério, situadas na gênese do ato poético dos simbolistas.

Em *Lições para não esquecer*⁵⁶⁷, também Luiz Pinguelli Rosa analisou criteriosamente o que aconteceu em Goiânia, relatando o acidente com o vazamento do cézio, em 23 de setembro de 1987. Não apenas noticiou o fato, mas extraiu lições, ordenando as discussões abertas, esclarecendo pontos, como por exemplo, o que foi o acidente e quais suas conseqüências para a população, as medidas de socorro tomadas face à emergência e sua eficiência, as causas deste acidente e a falha das ações preventivas capazes de evitá-las, a necessidade de mudanças,

⁵⁶⁶ Nicolau, nº 3, p. 20

⁵⁶⁷ Nicolau, nº 7, p. 22

em nível técnico e institucional, para diminuir a probabilidade de que ocorram no país acidentes análogos ou piores. Como se não bastasse o parecer de Luiz Pinguelli Rosa, ainda foi publicado o poema manifesto de José Carlos Capinan, que também se deteve na busca das lições da tragédia.

Em qualquer lugar do mundo sou um
 cidadão triste
 que atravessa solitário e inconsciente
 a radioativa rua 57

Outra marca característica foi a preocupação com os "escritores novos e desconhecidos" (Os novíssimos do Estado). Para tal, *Nicolau* lançou um concurso permanente de textos, disposto ao desafio de publicar exclusivamente escritores inéditos e de qualidade, na seção intitulada *Revelações*. A página dupla teve seu início no exemplar nº 38, apresentando, por exemplo, textos de Jane Sprenger Bodnar, *O aprendiz do jardim dos povos*, curtos poemas que disseminaram medos, infância, olhos, bruxas. No entanto, a seção não se estendeu além do nº 49, revelando, dessa forma, a escassez de qualidade das produções recebidas.

"O Conselho Editorial recebia em média 15 envelopes por semana, mas de um nível muito baixo", afirma Wilson Bueno⁵⁶⁸.

Não obstante, muitos novos poetas e escritores da época alegaram não encontrar espaço no *Nicolau*, para publicar seus

⁵⁶⁸ **Correio de Notícias**, 10/12/91.

textos, porque a direção do jornal privilegiava os escritores reconhecidos pelo público. Tal fato justifica-se pelo ponto de vista do diretor, que considerava como "escritor novo", escritores como Carlos Karam, Jamil Snege, João Antônio, o próprio Dalton Trevisan, em certa medida, também João Gilberto Noll, Valêncio Xavier, Armando Freitas Filho, Deonísio da Silva e Sylvio Back. Todos estes talentos tiveram seus textos publicados no jornal. Somente Rubem Fonseca, considerado o mais novo romancista brasileiro, de qualidade inquestionável, não teve seus textos publicados, pois seu cachê era em dólar e o *Nicolau* sempre trabalhou com dificuldades financeiras.

Pôde-se constatar que, devido à oportunidade oferecida, muitos artistas paranaenses e articulistas do jornal ficaram famosos no Brasil. Entre estes figuram: José Joffily, autor de vários livros, como *Anayde - paixão e morte na Revolução de 30*, que serviu de roteiro para o filme *Parahyba, mulher macho* (Record, 3º ed.); Hélio Teixeira, jornalista da *Folha de Londrina*, depois articulista da revista *Veja*; José Paulo Paes, poeta, ensaísta, tradutor e jornalista; Laurentino Gomes, nascido em Maringá/Pr, diretor executivo de *Veja - Regional*, que iniciou seus apontamentos jornalísticos no *Correio de Notícias*, em Curitiba; Caco de Paula, paranaense de São Pedro do Ivaí, foi correspondente da revista *Veja* em Florianópolis e editor das *Vejinhas regionais*.

Todos esses nomes integraram a equipe escolhida para comporem a seção *Depoimentos* - aspectos da experiência paranaense, seção que começou no 1º exemplar, até o nº 50, da qual partilharam com os leitores suas experiências de vida.

Mais uma peculiaridade observada foi a constante presença do mundo oriental, mostrando obras de poetas clássicos chineses como Li Tai Po⁵⁶⁹, um dos maiores poetas da China; Po Chu I⁵⁷⁰, com ideogramas originais; Lao Tsé⁵⁷¹, compilador de mais de 5000 ideogramas de Tao Te Ching; Issa Kobayashi⁵⁷² poeta japonês; ensaios sobre instantes - luz do ritual da arte caligráfica - Shodô (Caminho para a perfeição, caminho que leva ao nada)⁵⁷³, feitos por Eliane Eme Sato, mostrando seus primeiros preciosos traços que devem ter chegado ao Brasil a bordo do Kasato-Maru em 18 de junho de 1.908, com os pioneiros imigrantes vindos do Japão.

Nicolau abriu espaço também para que os últimos mestres de caligrafia como Shinshiti Minowa, Nobuyoshi Kawasaki, Fumi Shiozawa, Mitio Suguimoto que, entre um cotidiano cheio de satisfações, perpetuassem a mais antiga das artes orientais. Além destes, possibilitou espaço para o escultor Yutaka Toyota e os pintores Tomoshique Kusumo e Kazuo Wakayashi que chegaram ao Brasil trazendo a arte de vanguarda que defendiam no Japão.

⁵⁶⁹ *Nicolau*, nº 36.

⁵⁷⁰ *Nicolau*, nº 52.

⁵⁷¹ *Nicolau*, nº 49.

⁵⁷² *Nicolau*, nº 1.

⁵⁷³ *Nicolau*, nº 6, p. 9, 9.

Do mesmo modo, na poesia, os haicais estavam disseminados em várias seções, revelando, por parte dos artistas, uma certa atração por esta forma literária misteriosa e intrigante. A partir de 1970, o haikai foi adotado pela geração beat em todo o mundo, e no Brasil por Paulo Leminski e vários outros poetas haicaisistas, numa busca esotérica de sentido para a vida, em parte associada com irreverência e crítica ao regime político introduzido pelo regime ditatorial (1964-1984).

O Oriente, particularmente o Japão, sempre exerceu um certo fascínio nos ocidentais.

Edward Said aponta as características da modernidade como a busca da aceitação da diferença, e o vislumbre de um encontro do Ocidente com o Oriente, no plano das artes. Em *Orientalismo*⁵⁷⁴ e em outras obras suas discute por que caminhos a sociedade capitalista se viu premida a aceitar a alteridade, a diferença, o outro, podendo este outro ser o oriental, a mulher, o negro, o árabe, o palestino, etc. Afirma ainda que o alto capitalismo se esgotou, e as forças suprimidas e recalçadas acabaram emergindo de uma forma ou de outra. Nicolau, em sintonia com essa concepção moderna, abriu-se a novas culturas oferecendo ao leitor o conhecimento dessas produções artísticas.

⁵⁷⁴ SAID, Edward. *Orientalismo*. 1987. P. 74.

Analisando, ainda, as características do *Nicolau*, percebeu-se o caráter elitista proposital de suas publicações, adotando uma linguagem que não atingia a compreensão da massa. Na verdade, ele procurou informar, acrescentar e até mesmo didatizar certos temas utilizando-se da linguagem jornalística. Mas, em muitos momentos foi além, com "insights do que queria como ruptura".

O próprio diretor afirmou: "Não haveria vida inteligente na Terra se o homem não fosse capaz de transgredir, não só no sentido de ir contra a regra, mas de ir além da regra, do morno, do velho, do estabelecido."⁵⁷⁵

Desta forma, nas entrevistas, por exemplo, *Nicolau* apresentou personalidades importantes no mundo científico como Cesar Lattes,⁵⁷⁶ paranaense, considerado pela comunidade científica internacional, um dos mais importantes físicos nucleares do mundo, responsável pela descoberta da Quinta e Sexta partículas da matéria.

Também, Luis Carlos Prestes⁵⁷⁷, líder comunista, cuja entrevista considerada uma "patrulha giratória" trouxe depoimentos sobre acontecimentos não só do Brasil, mas de toda América Latina.

Nos ensaios, trouxeram mitos atualizados como: Perseu⁵⁷⁸, trazendo à luz novos aspectos deste herói mitológico; a pedra

⁵⁷⁵ BUENO, W. **O Estado do Paraná**, 1989

⁵⁷⁶ *Nicolau*, nº 44

⁵⁷⁷ *Nicolau*, nº 12

⁵⁷⁸ *Nicolau*, nº 48

de Sísifo, a pedra ancestral, investigada por Sprenger Bodnar⁵⁷⁹, escritora que tentou desvendar seus mistérios; Eros⁵⁸⁰ de cuja origem Maria Comninos fez um estudo.

O elitismo das publicações teve seu ponto máximo com o texto *Finnegans Wake* de Joyce, um texto praticamente intraduzível que, de uma forma inédita, foi mostrado em língua portuguesa pelo escritor e poeta Paulo Leminski.

Com essas publicações confirmou-se o caráter elitista inicial das matérias até o exemplar nº 28, passando tais materiais, posteriormente, pelo crivo do secretário da Cultura, René Dotti, que nomeou um Conselho Editorial visando o equilíbrio das publicações.

Como traço especial, recorta-se uma feição típica do *Nicolau*, no tocante ao lirismo encontrado na maioria dos textos jornalísticos, críticos, humorísticos e até didáticos, contribuindo para transformar o jornal em um poema ou práxis poética. Conseqüentemente considerando-o como tal, ler poeticamente era alcançar a sua poética. Exemplo desse procedimento registra-se em vários momentos expressivos.

A primeira evidência dessa poética está na capa, algumas criadas pelo artista plástico Joba Tridente, diretor de arte do Jornal. No exemplar nº 50, o logotipo flutuava como as cortinas da janela na foto de João Urban. O céu estrelado

⁵⁷⁹ Nicolau, nº 53

⁵⁸⁰ Nicolau, nº 23

reforçava a solidão do pássaro, no desenho de Everly Giller (nº 18). No de Álvaro Borges, o poema concreto AVE compunha com o visual um apelo à comunicação não verbal (nº 14); e no de Elifas Andreato, a cetra do menino acendia uma estrela que o conduziria ao mundo da imaginação, (nº 6); e assim, na leitura de muitas outras capas sempre se podiam encontrar pequenas notas da descoberta do discurso poético.

Um outro exemplo, registra-se no ensaio de Rubens Sossélla sobre Ernani Reichmann⁵⁸¹, pensador que fez de sua obra um imenso confessional. O título *Ernani Reichmann: o(s) outro(s)* sugere seus heterônimos fantásticos, envolvendo também o leitor na mesma sedução de buscar o outro de si mesmo. A musicalidade da frase, "ouço de quando em vez, vozes veladas vindas daquele canto do escritório", causada pela aliteração da consoante V, dialogava com os versos de Cruz e Souza, *Vozes veladas, veludadas, vozes*, poeta fundador do Simbolismo brasileiro. Na epígrafe de Alain sobre Ronnain Rolland, o ensaísta, escultor e poeta, paralelamente, traçou um perfil deste "homem glorioso" que foi Ernani Reichmann.

Nos versos:

Estou sempre só
Ele finge estar só⁵⁸²

⁵⁸¹ Nicolau, nº 34, p.18,19.

⁵⁸² Ser e Sismar, p 184.

recapitula o fingimento poético pessoano. O "eu oculto" mostra-se abandonado e a 3ª pessoa do singular, "ele", lhe contradiz pelo mesmo escriba solitário e sem fingimento.

Assim, o leitor, ao terminar a leitura do ensaio, necessariamente (se já não era) acabava por se transformar em poeta. Isto porque, o poeta opera com a "intuição", que rompe as limitações do tempo e permite integrar o indivíduo isolado no todo da experiência humana.

Uma outra seção impregnada de poesia *Discurso de Tradução*, que o diretor preferia chamar de "transcrição de poesia" porque a tradução para outra língua é ¹ativa e mantém as características originais da obra, encontrava-se a nata da literatura universal como Rilk e Hölderlin, etc e os tradutores se revelaram leitores amorosos e poetas do intertexto, dado imprescindível para reportar toda a carga lírica do texto original.

Da mesma forma lia poeticamente José Paulo Paes quando traduziu Hölderlin;⁵⁸³ Luli Miranda e Josely Vianna Baptista quando traduziram o poema *Plegária* dos cantos míticos Mbyá, resguardando os cantos ou hinos sagrados de caráter mágico-religioso de uma étnica indígena⁵⁸⁴; Wilson Bueno e Fernando Karl ao traduzirem e apresentarem: *Para escutar com fones de*

⁵⁸³ Nicolau, nº 37

⁵⁸⁴ Nicolau, nº 5

ouvido, de Júlio Cortázar, um dos mais expressivos nomes da literatura argentina contemporânea⁵⁸⁵.

*Orfeu é a música, não o poema, mas os fones de ouvido catalisam essas "Similitudes amigas" de que falava Veléry. Se fones de ouvidos materiais fazem chegar a música desde dentro, o poema é em si mesmo um fone de ouvido do verbo; seus impulsos passam da palavra impressa aos olhos e desde aí alçam a altíssima árvore no ouvido interior.*⁵⁸⁶

Também Reinoldo Atem⁵⁸⁷, que apresentou um texto mais acadêmico e descritivo, debruçou-se com carinho sobre a atual poesia paranaense.

Nas suas linhas encontraram-se traços, marcas, tendências dessa poesia, mas ao lado disso tudo, orientando o leitor para que este buscasse a diferença;

há uma espécie de continuidade de posturas entre as variadas épocas históricas da poesia, no que se refere ao afastamento com relação às formas rígidas, normativas e imutáveis do período clássico no sentido da conquista da expressão individual original e única, processo histórico que se completa na atualidade, quando a linguagem poética nada mais é que a manifestação livre do indivíduo na sociedade de massas, números extravagantes e volumes abusivos⁵⁸⁸.

O escritor repetiu o movimento com que o Nicolau se construiu, em última análise, quem lia poeticamente era o leitor do jornal que na leitura acabava virando um poeta da própria leitura. Nos editoriais do diretor, mais uma vez se

⁵⁸⁵ Nicolau, nº 37, p. 9

⁵⁸⁶ CORTAZAR, Julio – Nicolau, nº 37, p. 9

⁵⁸⁷ Nicolau, nº 37.

⁵⁸⁸ Nicolau, nº 37.

confirmava o espírito poético do jornal. Pela falta de um índice, nos primeiros exemplares, estes faziam uma espécie de sumário, bem sintético e novamente bem poético.

Uma epígrafe desta edição de *Nicolau* bem poderia ser, via Bob Dylan, poetry is to inspire. Fina rota ao coração do talento, eis de novo nós as nossas cerimônias de espírito, jogo de compreensão, ícones no rastro de seus ímãs estrada aberta para os acidentes do mundo⁵⁸⁹.

O trecho mostrava rotas finas e estradas abertas, traçando para o leitor um percurso sutil e livre sem roteiro, construindo-o no decorrer, lembrando José Dolores, personagem do filme *Queimada*, de Gillo Pontecorno: "É melhor saber para onde ir, sem saber como, do que saber como e não saber para onde ir". E também o escritor Marcel Proust que afirma "Só pela arte saímos de nós, sabemos o outro, que, senão, seria mistério. Há tantos mundos quantos forem os artistas."⁵⁹⁰.

No levantamento da matéria referida, especificamente à seção poesia e tradução, percebeu-se um resultado aparentemente caótico, pela presença de autores de épocas diversas. Desde Li Tai Po⁵⁹¹ até os novíssimos do Estado, nas *Revelações*, seção presente nos exemplares de número 38 até 49, passando por poetas russos do começo do século, um polaco inglês, Langston Hughes, Hölderlin, poetas italianos contemporâneos, argentinos atuais de idades diferentes, José

⁵⁸⁹ *Nicolau*, nº 40.

⁵⁹⁰ PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*, p. 95.

⁵⁹¹ *Nicolau*, nº 36.

Paulo Paes, brasileiro, Octávio Paz, mexicano, Cortázar, argentino que morava na França, Perlongher, também argentino que morava no Brasil, e sempre os paranaenses e, às vezes (muitas vezes), os poetas dos outros estados do sul do Brasil. Em alguns exemplares se encontrava apenas um único poema, por exemplo, *Nicolau* número 10, página 28, sem maiores notícias do autor, ficando a identificação por conta do repertório do leitor. Para o leitor estrangeiro a identificação se tornava sempre mais difícil, que acabava abandonando a inútil curiosidade pelo dado biográfico, e ficava preso ao texto em si. Ao reler descobria que o dado biográfico, talvez desnecessário, poderia desviar a sua atenção dos significados ocultos no poema, disfarçados pelo óbvio.

No número 34, a leitura dos haicais exigia do leitor fazer movimentos no papel seguindo as linhas da escrita, até rolar a página de "cabeça para baixo", criando novos desenhos e múltiplas relações entre os poemas.

A disposição dos poemas do *Plural*, do nº 35, distribuídos em duas páginas, entre flores, simbolizando oferenda para os mortos. A imagem de um esqueleto, distribuindo as flores no poema *Lápide I, epitáfio para o corpo*, corresponde a uma segunda forma estética sobreposta à primeira.

Este procedimento foi sempre uma constante no *Nicolau*. O texto não verbal complementando o texto verbal.

Por isso, a imagem, ícone, também regeu a leitura do jornal, sendo uma outra forma de linguagem que também representava o mundo, exprimia seu pensamento, comunicava-se e influenciava o leitor.

No nº 38, *Nicolau* trouxe a presença feminina não só na capa, mas nos poemas de mulheres, reunidos com o título de *Mulheres*, emoldurados com motivos de renda.

Estaria o *Nicolau* sugerindo a existência de uma "poesia feminina"? Alice Ruiz, sugere a resposta:

Nós, artistas, temos uma sensibilidade andrógina, criação não tem sexo, embora por outro lado, seja altamente erótica (...) Então eu me recuso a criar cisões num dos poucos espaços onde existe união, que é a criação estética.⁵⁹²

Desta forma as rendas da moldura que envolveram os poemas, sugeriam antes, não a marca do trabalho da mulher, mas a do artista, andrógino.

No exemplar de nº 39, os quatro poetas de quatro diferentes estados publicam sob o título *Quadrante*.

Os textos estão distribuídos segundo as indicações de uma bússola, e o leitor é orientado pela disposição das palavras no papel.

O outro *Quadrante*, do nº 40, seguiu o mesmo esquema. O discurso poético, presente em vários textos do *Nicolau* além dos textos poéticos, suscita uma reflexão no que se refere à

⁵⁹² RUIZ, Alice. *Nicolau*, nº 34

globalização, neste mundo cada vez mais integrado pelos meios de comunicação, que insiste em reproduzir, em escala nunca antes vista, a concepção do progresso, fruto do avanço tecnológico. Nunca se teve tal valorização do pensamento técnico/científico tão despojado de qualquer conteúdo enriquecedor da cultura humana, voltado exclusivamente para a função de produzir e consumir.

A necessidade de obter recursos suficientes para participar dessa roda viva afasta as pessoas cada vez mais do discurso poético, no momento em que ele é mais necessário. Há um abismo entre o discurso científico ou ensaístico e o discurso poético ou artístico, com as suas respectivas possibilidades, virtudes, características e limitações. O primeiro opera com a análise, o outro com a síntese. Um visa evitar a ambigüidade, o outro exatamente instaurá-la; enseja múltiplas leituras, é mais aberto e democrático, pois permite, ou mesmo exige a participação emotiva e complementar da imaginação do receptor. Ainda, seu caráter, sempre ambíguo ou dialético contém em si mesmo a possibilidade da crítica que desconstrói a possível manipulação ideológica.

Neste aspecto, *Nicolau*, mais uma vez cumpriu sua função, ou seja, de contribuir para o desenvolvimento do conhecimento, a compreensão de si, do outro e do mundo.

CONCLUSÃO

No *Nicolau*, com o tempo passaram a se alternar a força de ser um meio cultural democrático e a fragilidade dessa mesma democracia, envolvendo, portanto, uma problematização. Por que uma iniciativa estatal com a dimensão do tablóide se mostrou tão vulnerável a ponto de não ter continuidade, mesmo após receber prêmios nacionais e internacionais? Por que um veículo cultural de relevante importância não mereceu, nos circuitos intelectuais, pesquisas que preservassem desta forma o acervo da cultura paranaense?

Fazendo uma reflexão sobre o que disse o pedagogo Paulo Freire, que "a investigação se fará tanto mais pedagógica quanto mais crítica e tão mais crítica quanto, deixando de perder-se nos esquemas estreitos das visões parciais da realidade, se fixe na compreensão da totalidade, e que a consciência crítica é capaz de captar, além das palavras que são ditas, o não dito que, no caso, é de interesse maior"⁵⁹³, pode-se pensar que, nas entrelinhas dos últimos exemplares do *Nicolau*, estão sobrepostos os elementos causadores do encerramento do tablóide.

⁵⁹³ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 3 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

"A verdade é que o Nicolau não servia para mais ninguém, afirmou a própria secretária Lúcia Camargo, e sua decisão acabou por enterrar de vez o veículo."⁵⁹⁴

Nos últimos anos, a diagramação se apresentava precária e portadora de um caráter meramente institucional. Wilson Bueno, criador da publicação soube datar precisamente o início da derrocada do Nicolau, ou seja, no exemplar nº 53, em 1994, quando este terminou de cumprir a sua tarefa de ser um jornalismo de vanguarda.

Além destas, pode-se buscar outras causas para o seu encerramento; concordando com as palavras da *Folha de São Paulo*, sobre a situação atual que envolve desigualdade social e cultural brasileira que tende a aumentar com a crescente globalização impeditiva do acesso à cultura e da possibilidade de expressão por parte de todos.⁵⁹⁵

E não seria apenas uma publicação como *Nicolau* que iria modificar todo esse panorama.

Buscando, ainda, auxílio na filosofia contemporânea alemã, cita-se Adorno que definiu a iniciativa arquitetada pelo poder dos economicamente mais fortes como *Indústria Cultural* que torna a exploração de bens, considerados culturais, uma mera ideologia.

"Interessada nos homens apenas enquanto consumidores ou empregados, a indústria cultural reduz a humanidade, em seu

⁵⁹⁴ **Gazeta do Povo**, 21/09/98.

⁵⁹⁵ **Folha de São Paulo**. ONU critica má distribuição de renda. Terça-feira, 13 julho 1999, p. 1-9.

conjunto, assim como cada um de seus elementos, às condições que representam seus interesses(...). A indústria cultural traz em seu bojo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno e nele exerce um papel específico, qual seja, o de portadora da ideologia dominante.⁵⁹⁶

As idéias de Adorno, encontram aplicação, no caso *Nicolau*, no momento em que este sendo um instrumento da Indústria Cultural, que pressupõe um universo de consumo com base na ideologia dominante, teve seu projeto frustrado, uma vez que não conseguiu seduzir ou conquistar o cidadão comum, que se manteve ou indiferente ou inalterado, diante de um veículo sofisticado e, culturalmente falando, elitizante. Assim sendo, por se expressar como manifestação elitizada, das expectativas de afirmação da cultura dominante, não cumpriu, efetivamente, a proposta formulada em seu momento inicial: fazer-se um "espaço aberto".

Por outro lado, o filósofo Jürgen Habermas dá o suporte quanto aos limites do Estado, ao afirmar que: "a perda de autonomia significa, entre outras coisas, que o Estado isolado não é mais suficientemente capaz, com suas próprias forças, de defender seus cidadãos contra efeitos externos de decisões de outros atores..."⁵⁹⁷ e que:

⁵⁹⁶ ARANTES, Paulo Eduardo (Consult.) *Adorno*. São Paulo : Nova Cultural, 1999.

⁵⁹⁷ Op.Cit., 18 julho 1999, p.5-4.

O Estado, agrilhado ao sistema econômico transnacional, abandona seus cidadãos à afiançada liberdade negativa de uma competição mundial e limita-se, quanto ao mais, a pôr regularmente à disposição infra-estruturas que tornem atraente sua própria posição sob a perspectiva da rentabilidade e fomentem atividades empresariais(...). O Estado nacional não deve cumprir somente um papel reativo em vista das condições de utilização do capital de investimento, mas também um papel ativo em todas as tentativas de qualificar os cidadãos da sociedade e capacitá-los à competição.⁵⁹⁸

Seguindo o ponto de vista de Habermas, o tablóide existiu como a face de uma gestão estatal preocupada em se revelar renovada, sem desmerecer o empenho das pessoas que o fizeram circular e creram na sua força de renovação. Mas não conseguiu se manter. Então, ou ele deixaria de existir como tal, ou ele se tornaria realmente ativo no sentido de capacitar culturalmente à participação os seus leitores. Deixou de existir, não foi capaz de defender seus cidadãos e foi perdida uma boa oportunidade de se aproveitar de uma iniciativa ousada para uma continuidade ousada, se fosse participativa, e sua duração foi efêmera.

A opção pelo incentivo à participação do leitor levaria em conta o conjunto de fatores que aglutinam o material literário, ou seja, a construção democrática de um Tablóide, do mesmo modo que se constrói a democracia: com a discussão e participação de representantes dos leitores sobre como deveria ser veiculado um jornal como expressão dos anseios da população uma vez que financiado por ela.

⁵⁹⁸ **Op. Cit**, 18 julho 1999, p.5-5.

Pelo fato de não ter havido a opção democrática do *Nicolau*, pode-se realçar como síntese um primeiro ponto: foram eliminados os sujeitos sociais coletivos, grupos e classes sociais como um todo, reforçando a idéia da existência de uma única possibilidade de produção de vida cultural: as relações sociais capitalistas, reforçando o que Adorno afirmou a respeito da indústria cultural, isto é, o cidadão se torna um objeto para consumir, não para participar. A fragmentação do *tablóide* e seu desaparecimento reproduzem a fragmentação do próprio homem atual, no contexto da globalização, cujo processo distancia o Estado das iniciativas sociais e culturais democráticas sendo então chamado de Estado Mínimo.

Mas a globalização acabou facilitando a formação de outros atores não estatais como as ONG (Organizações Não Governamentais) que passam a diversificar os centros de poder cuja atuação deixa de ser pensada em função do Estado para incorporar a da sociedade civil organizada. Esses outros centros de poder podem organizar, talvez, o *Nicolau* que o Estado não conseguiu preservar.

Nessa perspectiva, pode-se evidenciar um segundo ponto: a iniciativa cultural do *Nicolau*, mesmo que tenha movimentado todo tipo de classe, se manifesta como iniciativa isolada de uma gestão idealista, menos preocupada com sua continuidade e mais com a sua expressividade, revelando a necessidade de que toda iniciativa pública ou privada, se em benefício público,

precisa contar com a ação humana organizada, pois a descontinuidade, a princípio, não é pertinente à raça humana, uma vez que é próprio dos sujeitos seguir construindo a história.

A filosofia de qualificação de Habermas e Adorno e a prática dialógica de Freire, trazem luz à reflexão atual do homem como ser ontológico e que, por isso, analisa criticamente a realidade da qual faz parte, sem descontextualizá-la. A reflexão assume caráter de mudança a partir do pensar que origina essa construção da história. O saber pensar é o fundamento do sujeito social consciente.

O aspecto do material literário poderia ser o terceiro item referente ao tablóide, porque, ao incluir a leitura, se constitui em um dos momentos primordiais da composição da literatura, considerada um processo vivo dentro da sociedade. Esse fato se dá porque o sujeito individual, ao existir no tempo e no espaço, age de acordo com idéias e valores que, por serem seus, pertencem ao horizonte cultural em que se situa. Essas variáveis atuam na leitura e revestem o *Nicolau* de interesse humano e histórico, especialmente na estagnação cultural que marcou a década de 80 e início da década de 90. Além disso, os próprios editores, ao poderem contar com leitores críticos, podem se tornar poderoso grupo de pressão, desde que eles tenham uma meta comum: a da valorização da cultura. A própria circulação do *Nicolau* pelo Brasil contribui

na divulgação da cultura, da informação e da conscientização dos indivíduos. E neste sentido é eleito o quarto ponto chamativo: o fato de que o *Nicolau* projetou o Paraná para além do país, tirando-lhe de suas costas o fardo de celeiro do Brasil e divulgando sua competência cultural, projeção essa que vem crescendo sempre mais.

Um quinto item pode ser levantado: a cultura é um dos investimentos mais relevantes no desenvolvimento. Não só porque por meio dela as pessoas garantem suas condições de produtividade e lucratividade, mas também porque é por meio dela que se preserva a memória e só a memória capacita o homem a resistir historicamente toda e qualquer dominação.

Nesse sentido, o propósito inicial de resguardar a cultura foi mantido nesse trabalho que, além do fichamento crítico e análise dos quadros gerais e seções, buscou captar o espírito cultural emergente das páginas do *Nicolau*, que se manifestou em cada texto ali presente.

Não se pretendeu abarcar todos os seus sentidos, nem se julga ter realizado um trabalho completo, pois cada leitor poderia realizar um novo trabalho totalmente diferente, porém há consciência de se ter colocado em prática algo importantíssimo, até sugerido por um dos leitores (Plínio Doyle, do Rio de Janeiro): o fichamento crítico onde se pode

encontrar, em índice, tudo o que foi publicado, por autor, título, assunto.⁵⁹⁹

A sugestão é que um novo trabalho retrate os enfoques dados pelo tablóide a cada um dos autores presentes. Sugerem-se também outras iniciativas de preservação da cultura paranaense. Outra sugestão: Fichamento geral, incluindo todas as seções, todos os colaboradores.

Enfim, não se poderia terminar esse trabalho sem lembrar das afirmações de LEMINSKI: "Um continente, uma sociedade, uma comunidade, ou ela inventa, inova no território da linguagem, ou não inova nada", na expectativa de que a idéia seja bela, pois "Viver sem beleza é insuportável. É preciso ver o belo que(...) nasce da idéia. A idéia é que tem que ser tão forte, tão rara, tão original, que ela seja bela em si, sem acréscimos de uma sílaba, de um adjetivo, de uma preposição, de nada"⁶⁰⁰.

A literatura se tornou para Leminski sua reserva ecológica, assim como o *Nicolau* se tornou para o Paraná uma de suas reservas culturais mais significativas.

⁵⁹⁹ *Nicolau*, nº 21, p.26.

⁶⁰⁰ *Nicolau*, nº 19, p.7.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ATEM, Reinoldo. **Panorama da Poesia contemporânea em Curitiba**, 1990, dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal do Paraná.
- 2 ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e Maria Helena Pires Martins. **Temas de Filosofia**. São Paulo, Ed. Moderna, 1992.
- 3 ———, **Filosofando: Introdução a Filosofia**. São Paulo. Ed. Moderna. 1986.
- 4 ARANTES, Paulo Eduardo. (Consult). **Adorno**. São Paulo. Nova Cultura, 1995.
- 5 BALLANDE, Anne M. Marinha. **Imagens poéticas do litoral paranaense**. Curitiba: Dissertação de Mestrado do Curso de Letras da Universidade Católica do Paraná, 1992.
- 6 BERRETINI, Célia. **O Teatro ontem e hoje**. São Paulo. Ed. Perspectiva, 1980.
- 7 BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura Brasileira**. São Paulo, Cultrix, 1997.

- 8 Brasil, Assis. **Teoria e Prática da Crítica Literária**. R.J. Topbooks, 1995.
- 9 CALDEIRA, Jorge. **Viagem pela história do Brasil**. São Paulo, Companhia das letras, 1997.
- 10 CAMPEDELLI, Samira Joussef. **Poesia Marginal dos anos 70**. São Paulo, Scipione, 1995.
- 11 CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. 3ª ed. São Paulo, Martins, 1969.
- 12 CHEVALIER, Jean e Alan Gheerbrant. **Dicionário de símbolos**.
- 13 COLLISON, Robert Lewis. **Índices e Indexação**. São Paulo, Edit. Polígono S.^a, 1972.
- 14 CONNOR, Steven. **Cultura Pós-moderna**. São Paulo, Ed. Loyola, 1993.
- 15 COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 2ª ed., Rio Sul Americana, 1969. Vol. 3 e 4.
- 16 ———, **Crítica e Teoria Literária**, R.J. POED, 1987.
- 17 DIVERSOS. **Poemas do encontro**. CTBA, Fundação Cultura de Curitiba, 1995.
- 18 DUFRENNE, Mikil. **O poético**. Porto Alegre, Globo, 1969.

- 19 FOLHA DE SÃO PAULO. **ONU critica má distribuição de renda.**
Terça-feira, 13 julho, 1999, p. 1-9.
- 20 FREIRE, Paulo Eduardo. **Pedagogia do oprimido.** 3^a ed., R.J.,
Paz e Terra, 1975.
- 21 HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo. Ed. Loyola,
1992.
- 22 HELENA, Lúcia. **Movimentos da Vanguarda Européia.** São Paulo.
Ed. Scipione, 1993.
- 23 IANNOMANE, Leila Rentroia. **O mundo das histórias em
quadrinhos.** São Paulo. Ed. Moderna. 1994.
- 24 KAISER, Wolfgang. **Análise e interpretação da obra
literária.** São Paulo. Ed. Moderna. 1994.
- 25 KARL, R. Frederick. **O moderno e o modernismo a soberania do
artista.** 1885-1925, R.J., Ed. Imago, 1988.
- 26 LAFFONT, Robert. **Les Portes de l'Année.** Paris, 1962.
- 27 LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia.**
São Paulo. Martins Fontes, 1996.
- 28 LAROUSSE, Cultural. **Grande enciclopédia.** São Paulo, Nova
Cultura, 1995.

- 29 METZ, Christian. **A análise das imagens**. Petrópolis, Vozes, 1973.
- 30 LIMA, Marcelo. **Sobre galhos, Esqueletos, A poesia de Sérgio Rubens Sosséla. Aos quatro ventos**. 1999.
- 31 MOISÉS, Massaud. **A literatura Brasileira Através de Textos**. São Paulo, Cultrix, 1971.
- 32 ———, **A criação literária**. 8ª ed., São Paulo. Melhoramentos, 1977.
- 33 ———, **Análise literária**. São Paulo. Ed. Cultrix, 1995.
- 34 **POETISAS do Paraná**. Curitiba. Centro Paranaense Feminino de Cultura, 1959.
- 35 PUND, Ezra. **Poesia**. Brasília, Ed. Universal de Brasília. 1993.
- 36 RAMOS, Fernão. **Cinema marginal a representação em seu limite**. São Paulo (1968-1973). Ed. Brasiliense Sª, 1987.
- 37 RAMOS, Maria Luíza. **Fenomenologia da obra literária**. R. Janeiro, Forense Universitária. 1969.
- 38 SANTIAGO, Silviano. **Nas Malhas da letra**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

- 39 SILVIA, Vitor Manuel de Aguiar e. **Teoria da literatura**. 2^a ed. São Paulo, Martins Fontes, 1976.
- 40 SILVEIRA, Tasso da. **Literatura comparada**. R.J., Ed. G.R.D., 1964.
- 41 TAVARES, Hênio. **Teoria literária**. Ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1978.
- 42 TELLES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro**. Petrópolis, R.J., Vozes, 1992.
- 43 UFPR. **Revista Letras**, nº 43. Curitiba, UFPR. 1994.
44. WEINNHARDT, Marilene. **O suplemento literário do Estado de São Paulo**. 1956 - 1967. Subsídios da história crítica literária do Brasil. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1987.